

Governo prepara "pacote" sobre segurança

Conferência de Solidariedade encerrou Estados Unidos condenados em Lisboa

Págs. 6 e 7



Napoleon Duarte

Eleições na América Central
Febres eleito no Equador e Duarte à frente em Salvador

Pág. 11

Reunião da ex-CNARPE terá sido "ponto de arranque"

Apoiantes de Eanes propõem-se "sacudir" espectro partidário

«Este dia 5 de Maio vai ser, naturalmente, uma data histórica em relação à evolução, à mexida, à sacudida que o actual espectro partidário tem que levar» — disse ao «DL» o engenheiro Hermínio Martinho, mandatário de Eanes em Santarém, no final da reunião da ex-CNARPE daquele distrito que se realizou no sábado passado em Tomar.

Nesse encontro os apoiantes da recandidatura de Eanes reafirmaram o seu «inequívoco apoio» ao Presidente da República e manifestaram a sua preocupação pela degradação das esperanças políticas, económicas e sociais surgidas no 25 de Abril de 74 e reafirmadas em 7 de Dezembro de 1980.

No lacónico comunicado emitido no final da reunião os ex-membros da

CNARP anunciaram a realização de uma nova reunião, de âmbito mais alargado, a efectuar em Abrantes em Junho.

Ao que o «DL» conseguiu apurar, e Hermínio Martinho confirmou, vão realizar-se nos tempos mais próximos outras reuniões da CNARPE em todo o País, e em breve o general Ramalho Eanes será confrontado com a posição dos seus apoiantes para se saber da «sua disposição». «Um ano depois da actual coligação exercer o poder tudo se agravou e nada melhorou». — disse ainda Hermínio Martinho, que considera que há alternativas no campo democrático.

Pág. 4

Medicina também é causa de morte

A forma como a medicina está organizada «é uma das causas da doença e da morte em Portugal», afirmou, em Coimbra, o secretário de Estado do Ensino Superior, Pinto Machado, durante as primeiras jornadas académicas da Faculdade de Medicina de Coimbra, as quais encerram hoje.

Classificando de «grave» o estado da educação médica no país, aquele membro do Governo e salientou o excessivo número de disciplinas que integram o curso de medicina e a existência «meramente burocrática da formação pós-graduação», bem como de um internato que existe como simples estágio.

«Regida por princípios feudais» foi como Pinto Machado classificou no seu discurso a ligação

existente entre a Faculdade de Medicina e os hospitais. «É um problema que sempre foi mal equacionado», acrescentou.

O problema do número de alunos que cada Faculdade de Medicina pode comportar e da entrega total dos docentes universitários à missão de ensinar, foram duas das causas apontadas como influinte na gravidade da situação existente. Para enfrentar estes problemas, Pinto Machado propôs a realização de um conselho de reitores com vista à elaboração de um inventário das carências das Faculdades.

Outros oradores, como os professores Canha e Rui Marques, salientaram o imperativo da avaliação do número de médicos necessário para o país.



Polónia elege Miss

Na Polónia como em muitos outros países. Foi no sábado, no Pavilhão dos Congressos, em Varsóvia, que Magdalena Jaworska, 22 anos, estudante universitária, foi eleita «Miss Polónia 84». Magdalena preparará-se, a partir de agora, para o concurso de «Miss Mundo», a realizar em finais deste ano, em Londres (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)



A hora e meio do último risco o Benfica conquista o seu 26.º título nacional, em futebol. E bem se poderá dizer que teve em dois antigos empregados aliados poderosos para o derrube e KO portista no palco do Bessa: Alves a construir e Jorge Silva (fazendo um gol) ajudaram a esclarecer sobre quem será o rei do mais popular dos desportos. Curiosidade: o louro Almeida só assinou o tento que siderou os adeptos das Antas a um minuto do último silvo arbitral e o irmão de José Luis (autor de antológicos tentos perante o Varzim e ontem face aos alunos de Moraes) volta à Luz para se confirmar como autêntica certeza no «onze» de Eriksson, o bicampeão.

Pág. 13

O «DL» em Setúbal
com o patrocínio
«TURISMO COSTA AZUL»

a opinião dos outros

Diário de Notícias

«(...) Vivemos numa época particularmente difícil, em que a regressão económica, o desemprego, a crise de valores morais, a desagregação da vida familiar e um certo caos escolar propiciam o desenvolvimento da delinquência juvenil, enquanto, paralelamente, o cinema, a televisão e uma subliteratura da especialidade fornecem esquemas sofisticados de actuação, logo adoptados por grupos já constituídos e instalados no mundo do crime.

Perante uma tão vasta proliferação e multiplicidade de actuações, as forças policiais, mantendo padrões tradicionais de comportamento, têm forçosamente de apresentar índices alarmantes de investigação. Até quando?

Feito o diagnóstico pelo Procurador-Geral da República, é ele próprio quem considera que «não é admissível uma atitude passiva de espera de que a conjuntura se modifique, para que o mal desapareça».

Não podemos estar mais de acordo. Porquê, então, se continua a esperar?».

do editorial

7.5.84

o diário

«O sr. Eduardo Pereira está preocupado com o atraso dos seus novos serviços de informações. A lentidão dos mecanismos legislativos democráticos exaspera-o. A questão, segundo desabafou ontem em Braga, «não está a ser tratada com a celeridade necessária» na Assembleia da República.

O ministro das polícias do sr. Mário Soares diz ter tudo a postos para levar o projecto por diante. Só lhe falta a lei. Deprênde-se das suas palavras que a discussão parlamentar do assunto não passa, em sua opinião, de um irritante contratempo.

As pressões do sr. Eduardo Pereira sobre os deputados tornam as intenções do Governo se possível mais suspeitas.

Porque terão eles tanta pressa de criar novas polícias».

do Registro

7.5.84

CAPITAL

«Mais do que falar, a China aprendeu, ao longo dos séculos, a escutar. E refinou a tal ponto esta arte que só escuta quando lhe convém. Prática, com sofisticada destreza, a arte de não ouvir; de fazer orelhas moucas às propostas e conselhos que lhes chegam de toda a parte, na tentativa de exercer alguma influência no desenrolar dos acontecimentos futuros.

Dizer que a China mudou substancialmente desde a histórica viagem de Nixon, em 1972, até à que Reagan acaba de completar, corresponde mais ao desejo ocidental de mudança do que a uma análise aprofundada da realidade da forma como ela evoluiu nos últimos 30 anos.

É evidente que o presidente foi a Pequim encontrar uma China diferente da que Nixon viu. A China de hoje foi mostrada por Deng Xiaoping e a de há 12 anos por Mao Tsetung, mas entre uma e outra liderança prevalece um «continuum» que vem da sua própria maneira de ser e que é difícil de mudar.

É complicada a teia de interacções que faz um chinês ser chinês. E, tal como eles próprios afirmam, antes que se note qualquer evolução é preciso ver como a montanha se move. Nestes últimos anos, a montanha pouco se moveu; e só depois de o fazer é que os estrangeiros perceberão que o movimento já se deu. (...)»

de Miguel Calado Lopes

5.5.84

CORREIO da manhã

«A Confederação dos Agricultores Portugueses tem novo presidente — o jovem e diâmico prof. dr. Rosado Fernandes, que desempenhou recentemente as funções de reitor da Universidade Clássica de Lisboa.

Boa escolha a da CAP, conhecidas como são as virtudes — dinamismo, perseverança, inteligência, etc. — de Rosado Fernandes.

Mas há ainda outra vantagem. Como a CAP está naturalmente interessada no progresso da lavoura, uma vez presidida por um catedrático, talvez consiga transformar o nosso sector primário em... universitário. Embora se saiba que a nosa agricultura está ainda na fase de não saber ler nem escrever.»

de V. D.

7.5.84

Primeiro acenda o fosforo e só depois ligue o gás. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

A “Virgem” e o “Emanuel”

Carlos Amado Reis (*)

HÁ no Livro de Isaías um versículo particularmente célebre: — É o versículo 14 do capítulo 7. Nele se fala de «a Virgem» e o «Emanuel», entendendo-se que «Emanuel» significa «Deus conosco». Segundo o evangelista Mateus «a Virgem» seria Maria, mãe de Jesus, e o «Emanuel» seria Jesus; a maternidade virginal de Maria teria sido anunciada por Isaías com mais de 700 anos de antecendência!

O referido versículo surge, no Livro de Isaías, numa conversa entre Isaías e o rei Acáz.

Devemos ter presente, em primeiro lugar, que o Livro de Isaías não foi escrito por Isaías. Bastará notar-se que no livro há explícitas referências a Ciro, que foi o imperador persa que, muito mais tarde, depois da queda de Judá (que é preciso não confundir com a queda de Israel) e do cativeiro de Babilónia, pôs fim ao referido cativeiro. Considerando esse facto, temos que as frases atribuídas a Isaías podem não ter sido proferidas por Isaías, ou ter sido um pouco diferentes, e que seriam compreensíveis anacronismos; mas vamos ver que no referido versículo não houve anacronismo, embora Isaías possa ter pronunciado as palavras que lhe são atribuídas ou elas terem sido utilizadas. O que há é interpretação errada!

Vamos ver o referido versículo; mas como dele há versões não equivalentes, vamos ver mais do que uma versão.

A 4.ª edição da Bíblia Sagrada, da Difusora Bíblica, de Lisboa, apresenta: — «Por isso, o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a Virgem concebeu e dá à luz um filho, e o chama Emanuel». — Note-se desde já que esta versão, feita a partir do original, se afasta completamente da Vulgata nos tempos dos verbos.

A 10.ª edição, de 1982, modifica para o que segue: — «Por isso o mesmo Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal: Olhai: A jovem está grávida e dará um filho, por-lhe-á o nome de Emanuel». — Note-se a diferença nos tempos dos verbos.

Entre as duas referidas versões surgirá a Tradução Ecueménica da Bíblia (TEB), da qual se recorta: — «Aussi bien le Seigneur vous donnera-t-il lui même un signe: Voici que la jeune femme est enceinte et enfante un fils et elle lui donnera le nom d'Emmanuel».

Em primeiro lugar, uma palavra acerca dos tempos dos verbos: — Por que será que há divergência nos tempos?

Acontecia que em Hebraico os verbos não tinham tempos precisos. A língua hebraica constituía uma espécie de desafio a que as pessoas desenvolvessem capacidades telepáticas para poderem entender-se! Há quem diga que era uma língua excelente para nela se escreverem contos de fadas. Como não temos possibilidade de entrar em comunicação telepática com

Isaías ou com quem por ele escreveu, devemos renunciar, por agora, a averiguar qual a tradução mais correcta; mas talvez possamos lá chegar, pela lógica, se conseguirmos identificar «a Virgem» e o «Emanuel».

Notamos que onde a primeira versão transcrita aponta «a Virgem» as outras duas referem «a jovem» e «la jeune femme». Nem todas as jovens estão virgens, e de uma grávida há toda a razão para se pensar que não está virgem. — Significa isto que foi abandonado o dogma romano da virgindade de Maria? — Não; mas pode significar uma solução de compromisso entre «católicos» e «protestantes». No entanto, em Mateus 1, 23, este versículo continua a ser citado com a palavra «virgem». Vejamos a TOB em Mateus 1, 23: — «Voici que la vierge concevra et enfante un fils auquel on donnera le nom d'Emmanuel, ce qui se traduit: Dieu avec nous».

Cá temos outra vez os tempos dos verbos a mudarem: primeiro era «concebeu», depois «está grávida», finalmente «conceberá». A tradução obedece ao que o tradutor pensa, à ideia que ele quer transmitir.

Se vamos à versão grega, encontramos em Isaías a expressão que significa «a Virgem». E Mateus não a teria citado dessa maneira se no Livro de Isaías se dissesse apenas «a jovem»; nem sequer teria achado o versículo mercedor de transcrição. Assentamos pois no seguinte: a expressão «a jovem» constitui uma solução de compromisso entre «católicos» e «protestantes», resultante da convicção de que o versículo em questão se refere a Maria e da relutância de maioria dos «protestantes» em prestar culto a Maria.

Mas a verdade é que nas palavras atribuídas a Isaías, «a Virgem» não era Maria! Na linguagem atribuída aos «profetas» a expressão «a Virgem» sempre significou a nação hebraica, ou Judá, ou Jerusalém. Só há uma excepção: uma vez, em linguagem irónica, o próprio povo de Babilónia foi designado por «virgem».

Na linguagem dos «profetas» a nação hebraica era designada como uma mulher: — muitas vezes como a esposa de «Deus», algumas como adúltera e prostituta (numa alusão às práticas politeístas que se tinham introduzido) e não raro como virgem.

Tem esse sentido a interpretação dada ao «Cântico dos Cânticos», que pode ter começado por ser um cântico de amores humanos mas acabou por ser considerado como dedicado aos amores entre «Deus» e a nação hebraica. Também é evidente o sentido da palavra «virgem» nas citações que vão fazer-se.

Jeremias 18, 13 a 15: — «Portanto, assim fala o Senhor: Interrogai as nações pagãs: Quem jamais ouviu semelhante coisa? Horrível foi o crime que cometeu a virgem de Israel. Acaso desaparecerá dos rochedos a neve do Líbano? Ou esgotar-se-ão as águas correntes, que, frescas,

correm das montanhas? Ora o meu povo esqueceu-se de mim, oferecendo incenso a ídolos quiméricos, que o fazem tropeçar nos seus caminhos, caminhos antigos conduzindo-o por veredas tortuosas, por caminhos não trilhados».

Jeremias 31, 4: — «Reconstruir-te-ei, e serás restaurada, ó virgem de Israel! Ainda hás-de ser ornada dos teus tamborins e participar em alegres danças».

Jeremias 31, 22: — «Levanta sinais, põe postes indicadores, presta atenção ao caminho, à senda que percorrer. Volta, virgem de Israel, volta para as tuas cidades».

Amós 5, 2 e 3: — «Caíu e não tornará a levantar-se a virgem de Israel. Jaz por terra, abandonada, e ninguém a levanta. Porque isto diz o Senhor Javé: A cidade que punha em pé de guerra mil guerreiros, ficará reduzida a cem; aquela que punha cem, ficará reduzida a dez, na casa de Israel».

Isaías, 37, 21 e 22: — «Então Isaías, filho de Amós, mandou dizer a Ezequias: — Eis o que diz o Senhor Deus de Israel: Pela súplica que tu me dirigiste por causa de Senaquerib, rei da Assíria, eis a sentença que o Senhor pronuncia contra ele: a virgem, filha de Sião, despreza-te e escarnece de ti, por trás de ti, a filha de Jerusalém abana a cabeça».

Agora em linguagem irónica, Isaías 47, 1: — «Desce do teu trono, senta-te no pó, virgem, filha de Babilónia; senta-te na terra, sem trono, filha dos caldeus». — Mas em linguagem irónica, repete-se, porque para os «profetas» a expressão «a virgem» designava, como se viu, a nação hebraica.

Vamos agora tentar identificar o «Emanuel». Para isso teremos que atender ao contexto em que surgiu a referência que lhe foi feita.

Segundo o Livro de Isaías, o rei Acáz estava preocupadíssimo porque Rasin, rei de Damasco, e Faceia, rei de Israel, se preparavam para se apoderarem de Jerusalém. Isaías, inspirado por «Deus», teria procurado tranquilizar Acáz convidando-o a pedir ao «Senhor» um sinal; como Acáz se recusasse a fazer tal pedido, Isaías teria dito que o sinal seria que, antes de aquele que designou por Emanuel saber distinguir o bem do mal, a terra cujos dois reis Acáz temia seria devastada.

Segundo a Enciclopédia de História Universal, orientada por William L. Langer (catedrático da Universidade de Harvard), Acáz subiu ao trono em 734 a.C. e teve de enfrentar logo a coligação de Israel com Damasco, mas em 732 a.C. Damasco e Israel foram devastados pelos assírios, que substituíram o rei de Israel por Oseias, até que em 722 a.C. o reino de Israel foi definitivamente extinto.

Ora, Jesus só viria a nascer mais de 700 anos depois. Dizer que dentro de setecentos e tal anos os reinos que ameaçavam Jerusalém seriam devastados, e até fazer disso um sinal para Acáz, teria sido perfeitamente disparatado. Conclusão: — O

Emanuel não era Jesus.

Segundo todas as probabilidades, o Emanuel era o primogénito de Acáz, Ezequias, que viria a ser o seu sucessor. O Livro de Isaías diz que ele seria alimentado a leite e mel até saber distinguir o bem do mal: quer dizer, educado cuidadosamente. A 10.ª edição da Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica emendou o leite para requeijão; mas a linguagem é simbólica, e tanto faz leite como requeijão!

Cabe aqui referir que Ezequias veio a ser na história de Judá um rei excepcional: — Com ele se fez uma vigorosíssima reafirmação do monoteísmo, destruindo-se tudo o que era usado nos cultos politeístas e até a serpente de bronze que era venerada desde tempos imemoriais e cuja fundição veio a ser atribuída à iniciativa de Moisés.

O autor do Livro de Isaías aproveitou a oportunidade para fazer três homenagens: — Uma homenagem à nação judaica, chamando-lhe «a Virgem»; uma homenagem a Ezequias chamando-lhe Emanuel, que quer dizer «Deus conosco», e referindo-o como filho da «Virgem»; uma homenagem a Isaías, apresentando-o como um homem que predizia o futuro.

Para concluir, aponta-se que das três versões de Isaías 7, 14, que se transcreveram, a preferível parece ser a da 4.ª edição da Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica; mas isso ainda terá algum interesse? O que tem interesse é o facto de que o referido versículo nunca teve qualquer sentido messiânico.

O sonho messiânico existiu e até teve um grande intérprete; mas atribui-se sentido messiânico a palavras que nunca o tiveram.

Um pormenor adicional: — É fácil mostrar contradições internas na cronologia bíblica relativa à época de Acáz e de Ezequias. De acordo com o 2.º Livro dos Reis, Acáz começou a reinar no décimo sétimo ano do reinado de Faceia, em Israel, e se este reinou vinte anos, tendo Faceia sido assassinado por Oseias, não é difícil calcular que o reinado de Oseias começou aproximadamente no terceiro ano do reinado de Acáz em Judá. Mas o mesmo livro afirma, no capítulo 17, que Oseias começou a reinar em Israel quando em Judá decorria o décimo segundo ano do reinado de Acáz. Aceitando-se a primeira das referidas cronologias, a queda de Samaria ocorreu quando em Judá reinava Acáz; mas para apoiar fortemente a tese de que o «Emanuel» era Ezequias basta ter-se como certo que o Aram e Israel foram devastados pelos assírios quando o reinado de Acáz ainda tinha poucos anos de duração.

A Enciclopédia de História Universal aponta que Oseias ascendeu à realeza pouco anos depois de Acáz, e além disso atribui ao reinado de Acáz uma duração maior do que a atribuída pela Bíblia, o que faz com que a queda final de Samaria ocorra bem dentro do reinado de Acáz.

(*) Antigo professor de Teologia

Mário Soares à televisão francesa

“Sou um socialista praticante”

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares, em declarações ao programa «sete sobre sete» do primeiro canal da televisão francesa declarou ser «um socialista praticante».

Afirmando não acreditar «em certas mitologias socialistas do pós-guerra», o Primeiro-Ministro designou também como «socialistas praticantes» os dirigentes actualmente no poder na Europa, como Felipe Gonzalez, Bettino Craxi, François Mitterrand e Olof Palme.

Em resposta a uma pergunta do entrevistador sobre se a subida ao poder não teria alterado as suas ideias socialistas, Soares respondeu que, face à grave crise económica, foi preciso encontrar «novas respostas».

Entrada na CEE em Janeiro de 1986

Mário Soares manteve a data de 1 de Janeiro de 1986 para a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia como membro de pleno direito, sublinhando que os «dossiers» de adesão deverão ser assinados até 30 de Setembro próximo.

Acerca da iniquitização dos meios rurais franceses quanto à adesão dos dois países ibéricos Soares afirmou que Mário Soares referiu não ser forçosamente ao mesmo tempo — o Primeiro-Ministro destacou que Portugal é um país importador de produtos alimentares, com excepção de alguns produtos marginais e próprios do país, como seja o

Vinho do Porto.

Soares advogou ainda que «a Europa poderá desempenhar um papel importante, se estiver verdadeiramente unida, com verdadeiras instituições comunitárias supranacionais», na política mundial e na actual divisão do Mundo em zonas de influência.

O Primeiro-Ministro português acentuaria ainda que o «velho continente» poderá ter um diálogo privilegiado com África e ter uma política europeia para toda a África, «para ajudar ao desenvolvimento desse continente».

Liberdade política e bem-estar económico

«A liberdade política deve ser acompanhada de bem-estar económico» disse Mário Soares na passada sexta-feira durante um debate no programa «da televisão espanhola «La Clave»». Para além do Primeiro-Ministro português participaram no programa o ex-presidente do Governo de Madrid, Adolfo Suarez, o general argentino Alejandro Lanusse, o ministro de Estado marroquino Abderrahim Bouabid, o dirigente da oposição uruguaia, Euclides Acevedo e Antonin Lihem, um dos líderes da «Primavera de Praga».

Dirigindo-se a Adolfo Suarez — a quem elogiou — Mário Soares considerou que se Marcelo Caetano tivesse feito a transição como o ex-presidente do Governo Espanhol, teria evitado muitas mortes na guerra de África. Soares referiu-se também à subordinação do poder militar ao poder civil legítimo,

política de A a Z

Afirmar Abril, pensar Abril, defender Abril

NUM breve depoimento prestado ao semanário «O Jornal», sobre o tema «25 de Abril - dez anos depois», o presidente da Assembleia da República, Manuel Tito de Morais, como conclusão afirmou: «Para terminar não posso deixar de referir quanto me penalizou, em certa medida, a forma como decorreram as comemorações do 10.º Aniversário do 25 de Abril. Alguma coisa está errada que é preciso emendar.»

Não recordemos o que se passou e como se passaram as «comemorações oficiais». O «25 de Abril» mostrou-se bem enraizado na alma popular. Os mais confiantes no sucesso das comemorações cívicas populares, sentiram-se excedidos nas suas expectativas. O povo tem a consciência de que, duro embora o presente, valeu a pena a ruptura e de que está aberto o caminho do futuro. Acima de tudo, as comemorações cívicas populares demonstraram, uma vez mais, a unidade dos democratas civis e dos militares democratas. Deram testemunho, aos que se enredam na conspiração «restauracionista», de que existe uma forte corrente popular, patriótica, que não se resigna à estagnação e que se opõe aos «regressos».

Errada, como notou Manuel Tito de Morais, esteve «alguma coisa» - a guerrilha contra os «militares de Abril», a tentativa de converter as comemorações do acto revolucionário numa efeméride convencional, burocratizada, folclorizada. Desfigurar Abril, não é honrar os homens que fizeram Abril. Sectarizar Abril, não é criar condições sérias e sólidas para consolidar a unidade de democratas civis e de militares democratas que é o cimento da construção em que estamos empenhados de um «País novo».

O que aconteceu de errado não poderá repetir-se. Como disse Manuel Tito de Morais: «Alguma coisa está errada que é preciso emendar.» E a emenda não aconteceu a tempo e de um modo conveniente. A indiferença oficial perante os trabalhos do «Seminário», promovido pela «Associação 25 de Abril», que decorreu nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, marcou uma atitude que teve o seu reflexo na reduzidíssima informação sobre o importante «Seminário» transmitida pela RTP.

Esperamos que os leitores não se tenham esquecido da agressão cultural cometida pela RTP naquela tristíssima noite em que, na íntegra, transmitiu a solene e sonolenta cerimónia da «Aula Magna». Convertida em arma política a RTP, ingovernável em termos de administração e de direcção normais, deu do «Seminário» breve e intencional informação. Tentou dar-lhe um aspecto político referido a algum ou alguns dos intervenientes e ignorou o trabalho de conjunto, as revelações que serão material histórico, as análises que rasgaram perspectivas, as convergências que abrem caminho ao trabalho em comum e para a comunidade.

No discurso de encerramento dos trabalhos, na sessão em que cada uma das três secções apresentou esboços de

sínteses conclusivas sobre os temas Descolonizar, Democratizar, Desenvolver, o tenente-coronel Vítor Alves, coordenador-geral do «Seminário», com justificada razão congratulou-se com o êxito da iniciativa. Não se contentou, e bem, com a atribuição do sucesso à «Associação 25 de Abril» e aos participantes. Evidenciou que o êxito da iniciativa e o rendimento das sessões de trabalho, mostrava que existe um profundo interesse cívico pelos problemas da Revolução de Abril, pela conclusão da Revolução de Abril.

Dez anos decorridos é possível afirmar não só que valeu a pena, como que «alguma coisa de diferente está em gestação». E, como afirmou o tenente-coronel Vítor Alves, «compete a todos os que o compreendem assumir as suas responsabilidades na procura das melhores formas de traduzir essa diferença necessária em consequências políticas eficazes na resolução dos problemas nacionais».

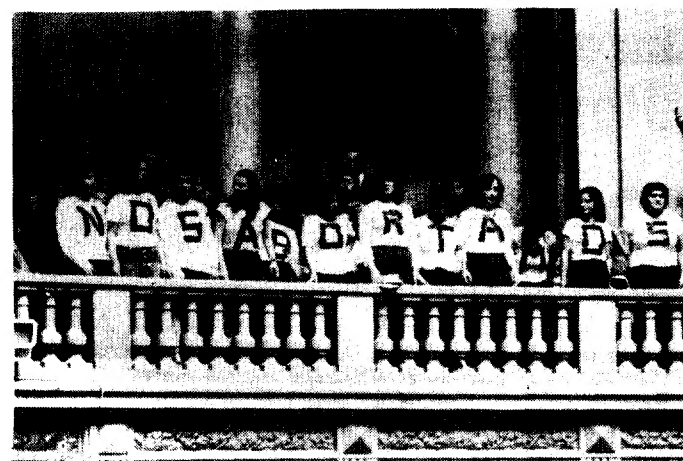
Todos pressentimos que «novas transformações estão em gestação e que necessariamente encontrarão uma expressão social a curto prazo». Nem doutra forma poderão ser interpretadas as manifestações populares do dia 25 de Abril deste ano, e, particularmente, a grande manifestação realizada em Lisboa e que constituiu, relativamente às ilusões e às manipulações do Governo PS-PSD, uma resposta política e uma clara advertência.

Desde o 25 de Abril de 1974 - vívidos de dez anos ricos de acontecimentos e contraditórios quanto ao sentido dos acontecimentos - é tempo de substituir uma política de «conquista do Poder» e de satisfação de ambições pessoais e de interesses de grupo, por uma política que, tendo em conta a «extensão das transformações verificadas», se proponha «outras formas de entender a acção política que reconheçam e estimulem a capacidade de participação dos cidadãos na formação de uma vontade colectiva organizada e consciente das possibilidades reais do País».

A partidarite não pode continuar a envenenar e a debilitar a vida democrática portuguesa. Como disse Manuel Tito de Morais: «Não nos deixemos dominar por um sectarismo autodestruidor. A democracia não se pode destruir a si própria. A reacção, os saudosistas do passado, não nos poupam.»

Certo. Mas das palavras certas é preciso retirar consequências. Reconhecidos os erros, é necessário emendá-los, não aceitar que se repitam. A atitude do Governo PS-PSD em relação às cerimónias do 10.º Aniversário da Revolução de Abril estava errada. Errada e viciada de sectarismo. A resposta popular primeiro, agora o êxito do «Seminário» organizado pela «Associação 25 de Abril», são demonstrações claras, inequívocas, que com o facciosismo restauracionista da «coligação» nem está o Povo, nem a Inteligência.

Muitos no campo do Governo compreenderam já que foi grande o erro político e moral que se cometeu. Não é legítimo agravar os «militares de Abril», nem oferecer ao Povo um Abril desfigurado.



A despenalização do aborto

Paulo Lencastre (*)

ERA aguardada com muito interesse e expectativa a Comunicação da Presidência da República sobre a lei da despenalização do aborto, lei esta que foi aprovada por maioria na Assembleia da República e considerada pelo Tribunal Constitucional como não ferida de inconstitucionalidade. O cidadão Ramalho Eanes não escondeu o seu desacordo com a aprovação da lei; e as razões por si aduzidas podem não merecer a nossa aprovação mas merecem o nosso respeito e compreensão. O general Ramalho Eanes na sua qualidade de Presidente da República soube por acima da sua opinião pessoal o dever que competia ao primeiro magistrado da nação; e assim promulgou a dita lei depois de ouvidas várias entidades. Mais uma vez se enganaram aqueles que aspiram sempre à existência de conflitos entre os diferentes órgãos de soberania, mormente entre o Presidente da República e o Governo.

Não se limita a despenalização do aborto aos três casos concretos de perigo de morte da mãe, de violação desta e de anomalia do feto em gestação. A interrupção da gravidez faz-se em casos que atingem alguns milhares e relacionados com as inúmeras dificuldades dos casais com filhos numerosos e sem condições de vida decentes para as crianças que têm a seu cargo. É evidente que um casal com cinco ou seis filhos em que o cabeça de casal não ganha o suficiente para sustentar a

sua prole; em que não tem resolvido o problema da habitação, da alimentação, do vestuário, dos transportes dessas crianças em idade escolar não pode ver agravado o problema com o aparecimento de mais um filho. Infelizmente a educação sexual e o planeamento familiar nem sempre resolvem estes angustiantes problemas. A mulher grávida recorre então à interrupção da gravidez;

mas em vez de se dirigir com esse fim a uma clínica ou a um hospital devidamente apetrechados e com técnicos competentes entrega-se a uma «curiosa às mãos da qual vai sofrer tratamentos de polé, infecções e por vezes a morte. Nos seis anos durante os quais fomos internos nos Hospitais Cívicos de Lisboa assistimos a muitas centenas destes casos. Em contrapartida, muitas senhoras com teres e haveres fizeram a sua interrupção de gravidez em clínicas muito bem apetrechadas e caras, no país ou no estrangeiro, e o caso passava-se despercebido até mesmo entre os seus familiares. Para todos estes casos torna-se necessário que existam condições óptimas para a interrupção da gravidez, quaisquer que sejam as posses daquela que dela carece; e essas clínicas e esses hospitais apetrechados não podem permitir que continuem as «curiosas» a ser as responsáveis de tantas complicações que podem surgir. E hoje que já existe uma lei de despenalização e um Serviço Nacional de Saúde universal, geral e gratuito, o caso parece-nos resolvido.

(*) Médico

A melancólica celebração

O 10.º aniversário da libertação dos presos políticos

Varela Gomes

FOMOS a Caxias - umas centenas de pessoas - no dia 26 de Abril último, para participar na cerimónia evocativa do 10.º aniversário da libertação dos presos políticos, organizada pela Associação 25 Abril. Foi, realmente, como se tivéssemos voltado aos tempos antigos. Temos situados ainda para trás do 26 de Abril de 1974 que se comemorava. Na realidade, deparou-se-nos o cenário do antigamente, com a característica atmosfera de trevas, ameaça difusa, humilhação.

O Reduto Norte do Forte de Caxias lá está, bem conservado. Ameaçadoramente bem conservado, para falar com franqueza. A rede exterior parece nova, tal como o arame farpado; muros e anteparas rebocados sem uma falha; o portão pintado num brilhante verde-legionário. Do interior da cerca, acenavam as janelas gradeadas no último piso do grande edifício prisional, transmitindo um morse que me pareceu significar: Cá vos esperamos. Até breve. Brr! Janelas falantes! Fantasmas.

Tivemos que fazer alto na estrada de acesso, a cem regulamentares metros da entrada. Modernismos. No antigamente, aquela estrada era de circulação livre até ao Reduto Sul onde terminava.

Caras conhecidas. Santo

Deus! Ali estávamos os mesmos, apenas dez anos mais velhos. Mas tinham sido só dez anos? Ou quinze? Ou foi ontem? Talvez o Adriano ainda não tivesse morrido, estava por ali, como sempre esteve nestas jornadas pouco gloriosas, para onde nos conduzia uma certa noção do dever cívico. Românticos, ouço, das bandas dos novos filósofos da democracia pragmática.

A pequena multidão não avançava. Prosseguíamos as negociações com as autoridades militares que agora ocupam o Forte, convertido em estabelecimento prisional das Forças Armadas. (Mas haverá assim tantos militares para prender?)

Já tinham passado as seis da tarde, hora marcada para o início da cerimónia. Não se ouvia a voz da impaciência; nenhum eco do clamor da multidão que na noite de 26 de Abril, dez anos antes, exigia a saída imediata dos presos políticos. A cena ia buscar paralelismo mais remoto, quando se organizavam concentrações de famílias junto das cadeias, para protestar contra as condições prisionais, ou alguma maior arbitrariedade.

Regressam os negociadores, descendo a estrada de saibro. Entre eles, o vulto inconfundível de Vasco Lourenço. Tomo subitamente consciência que aquele grupo humano de álbum antigo continha uma insólita componente militar.

Os representantes da Associação 25 Abril, homens de Novembro como V. Lourenço, Vítor Alves, S. Osório; outros, cerca de uma vintena, que Novembro atirara para dentro das celas das prisões, aquelas mesmas cujas janelas gradeadas dali se avistavam.

Misturados com a velha guarda antifascista, à sombra dos muros remoeados do Forte Prisão de Caxias, formávamos todos, afinal, um painel «antiquilístico e idêntico»; onde Abril não deixara qualquer perceptível traço de aleluia.

A concentração das pessoas deslocou-se até ao local para onde tinha sido confinada a realização do acto celebrativo: na periferia do terreiro existente à entrada do Forte, praticamente sobre a estrada. Foi a máxima concessão arrancada pela delegação dos «peregrinos»; recusada que foi, a colocação da lápida evocativa, prevista, aliás, para uma das paredes exteriores ao Forte.

(Dizem-me que, no dia seguinte, foi possível colocar uma placa idêntica no Forte de Peniche; sendo a razão, estar aquela antiga cadeia política sob a responsabilidade de um organismo não-militar. O manes do MFA! Onde para esse famoso «estado de espírito». Dizei-nos ilustres ex-conselheiros da revolução).

Serviu de tribuna uma velha camioneta. A instalação sonora

emitia um som roufenho, de difícil audição. O típico cenário miserabilista dos tempos da oposição democrática a Salazar. (E aqui para nós, Jorge Xavier, em 1961 arranjavas melhores camionetas, aparelhagem mais decente... e assistência mais numerosa e animada).

Enquanto arengavam os oradores - minha mulher pela antiga Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos; o Nuno Teotónio pelos presos libertados a 26 de Abril 1974; Manuel Alpedrinha recordando os vários itinerários concentracionários - fazia eu o giro do horizonte pelo interior do tempo vivido.

Há dez anos que não punha os pés naquele local, fronteiro ao portão do Reduto Norte do Forte de Caxias. Tudo na mesma, segundo me pareceu; excepto pelas vidraças que agora fecham o abrigo onde os familiares dos presos aguardavam o momento da visita.

Se a memória não me falha, numa parede desse abrigo estava colocada uma placa celebrando as obras de remodelação do Forte, terminadas por volta de 1967. Placa por placa, esta ainda lá deve estar; as autoridades militares, herdeiras do «verdadeiro espírito do MFA», não vêem qualquer inconveniente (nunca viram) nesse tipo de homenagem às meritórias obras do fascismo. (Pois não era a cadeia destinada aos comunistas?)

Outro tanto deve suceder em instalações militares ornamentadas com lápidas, cuja data se referia à «Era de Salazar». (Na Bateria da Parede, por exemplo). Naquele abrigo - do qual não nos pudemos aproximar no 10.º aniversário das libertações - passei longas horas à espera de poder visitar os meus filhos activistas do movimento estudantil; à espera de saber notícias de minha mulher raptada na rua pela PIDE. Em Abril de 1974, dez dias antes do 25 histórico saía pelo portão, que eu estava relanceando, a minha filha mais nova, então com 16 anos.

É certo que as minhas horas de espera à porta das cadeias fascistas, ou as dos meus à minha espera, não montam a grande coisa no universo de sofrimento acumulado durante meio século de opressão ditatorial. Mas foram as ideias que me vieram à mente, ali outra vez, em frente do portão cerrado, sentindo idêntica hostilidade dos muros.

Aliás, as recordações melancólicas, tipo romagem ao cemitério, estavam a apoderar-se de todos os presentes. A meu lado, um capitão de Abril (Almada Contreiras) e um capitão de Beja (Brisso de Carvalho) comparavam experiências prisionais. Os militares portugueses não têm apenas histórias de caserna ou de guerra para contar, é bem sabido. Mas ali pareciam histó-

rias de mortos à cabeceira de moribundo. A verdade, porém, é que ninguém estava com disposição jubilosa, e por mais que se fizesse para dissipar fantasmas, o ambiente sinistro do local, e as condições em que decorria a celebração, tornavam esse esforço ineficaz.

Fiquei com a impressão que entre a assistência à cerimónia comemorativa do 10.º aniversário da libertação dos presos políticos, não se encontrava ninguém ligado à área do poder, nem mesmo simples militantes dos dois partidos governamentais. Nem sequer descortinei qualquer dos advogados (dessas filiações) que estiveram em Caxias, a 26 de Abril de 1974, e que a televisão registou como vedetas do dia. Custa a acreditar que só o sectarismo partidário lhes tenha determinado a ausência.

A representação dos advogados patronos dos presos antifascistas estava no entanto, assegurada por Levy Batista e Lucília Santos, ambos da antiga Comissão de Socorro, Luís Azevedo e possivelmente mais algum em que não tenha reparado. Boa representação a todos os títulos; principalmente, porque evidenciava a sinceridade dos presentes, e o oportunismo que explicaria várias das ausências.

Continua na pag. 4

Luns em Lisboa a despedir-se da NATO:

“Povo português é muito humano”

De visita a Lisboa para se despedir das autoridades civis e militares portuguesas, Joseph Luns, secretário-geral cessante da NATO, afirmou à chegada que ninguém sabe se em tempo de guerra as armas atómicas serão utilizadas, acrescentando que o arsenal nuclear do bloco ocidental «existe para preservar a Paz».

Recebido com honras militares no aeroporto da Portela, Luns — que será substituído no seu cargo na NATO, em 25 de Junho próximo, pelo ex-ministro dos Negó-

cios Estrangeiros britânico, Lord Carrington — atribuiu a actual crise no desanuviamento internacional «à instalação de mísseis SS-20 na URSS».

Salientou mais uma vez que só se a credibilidade no sistema dissuasor da NATO for posta em causa «a guerra será possível, mas estou muito mais optimista do que no ano passado».

Luns lamentou que os soviéticos tenham fabricado essas armas «contra as quais existem,

por seu turno, as armas estratégicas norte-americanas».

No entanto, Luns mostrou-se mais uma vez descrente da possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial.

Nomeado em 1971 por aclamação do Conselho de Ministros da NATO, em Lisboa, secretário-geral daquela organização, Luns referindo-se a Portugal, afirmou: «a mudança de regime sem efusão de sangue só prova que o povo português é muito humano».

General Altino Magalhães passa amanhã à reserva

O general de quatro estrelas Altino Magalhães passa amanhã à reserva.

Altino Amadeu Pinto Magalhães, que nesse dia faz 62 anos, desempenhava desde 5 de Maio de 1981 as funções de director do Instituto de Defesa Nacional, último posto da sua carreira militar de 40 anos.

Transmontano, Altino Magalhães foi o número dois das Forças Armadas portuguesas de 1979 a 1981 numa altura em que a chefia era exercida pelo gene-

ral Ramalho Eanes.

Pediu a demissão de vice-chefe do EMGFA na sequência do processo de substituição do general Duarte Silva na chefia do EME pelo general Garcia dos Santos e da nomeação do general Melo Egidio para chefe do EMGFA.

Desde então o lugar de vice-chefe do EMGFA não mais foi preenchido.

Antes do 25 de Abril foi, nomeadamente, adido militar, naval e aeronáutico no Rio de

Janeiro (1966-69), comandante da Região Militar de Angola (1974) e governador do distrito do Uíge, também em Angola (1972-74).

Depois da Revolução, exerceu cumulativamente as funções de comandante chefe das Forças Armadas dos Açores e de presidente da Junta Regional dos Açores (1975-76) e vice-chefe do EME de 4 de Abril de 1978 a 9 de Julho de 1979.

Possui 16 louvores e 14 condecorações.

Ex-CNARPE reuniu-se em Tomar

“É difícil conter as pessoas que apoiaram Eanes”

Democratas de todos os concelhos do distrito de Santarém apoiaram na recandidatura do general Ramalho Eanes em 1980 reafirmaram no sábado o seu inequívoco apoio ao Presidente da República.

Reunidos em Tomar, em jornada de «reflexão sobre a situação política», os elementos da ex-CNARPE manifestaram ainda a sua preocupação com a degradação das esperanças políticas, económicas e sociais surgidas no 25 de Abril de 74 e reafirmadas em 7 de Dezembro de 1980.

No comunicado emitido no final da reunião, que não foi aberta à imprensa, aqueles membros da ex-CNARPE de Santarém anunciaram a realização de uma nova reunião, de âmbito mais alargado, a efectuar em Abrantes em Junho.

Este encontro, que surge na sequência de uma não divulgada reunião de ex-mandatários de Eanes na região Centro, constitui, na opinião de vários elementos contactados pelo «DL», como que o ponto de arranque de uma movimentação há muito esperada e agora irreversível.

Isto, de resto, foi entendido por responsáveis de algumas forças partidárias, com relevo para o PS, que, nos dias que antecederam a reunião de sábado, se desmultiplicaram em contactos para desmobilizar militantes seus, nomeadamente autarcas.

Ao que conseguimos apurar em breve se realizarão novas reuniões, em todos os distritos do país, de mandatários e outros dirigentes da ex-CNARPE, que, mesmo à revelia do próprio Presidente da República, mantêm as suas estruturas perfeitamente actualizadas e a qualquer momento se pode transformar em algo diferente do que tem sido até aqui.

No final da reunião de Tomar, onde o «DL» se deslocou, o ambiente era de entusiasmo, os participantes afirmavam unanimemente que a situação que se vive no país é insustentável, garantiam que algo tinha que mudar, davam a entender que devido às pressões das bases que elegeram Ramalho Eanes alguma coisa de novo tem que surgir e a última coisa que admitiam era a hipótese de o general não cumprir a obrigação que «inequivocamente tem para com o eleitorado que o colocou em Belém».

Chegamos ao limite

«Este dia 5 de Maio, em Tomar vai ser, naturalmente, uma data, digamos, histórica, em relação à evolução, à mexida, à sacudida que o actual espectro partidário tem que levar» — disse ao «DL», no final do encontro da ex-CNARPE do distrito de Santarém, o engenheiro Hermínio Martinho, mandatário de Eanes em 80 naquela região.

Tendo presidido à mesa que conduziu os trabalhos da reunião de Tomar, Hermínio Martinho, em diálogo com o repórter do «DL», sublinhou que o Presidente da República não tinha conhecimento daquele encontro e adiantou quanto à referida «sacudida»:

«Quando é que isso vai acontecer? É complicado estar a fazer previsões. O que lhe posso garantir é que é difícil conter as pessoas que apoiaram o general Ramalho Eanes e que cada vez mais estão insatisfeitas, mesmo a ficar sem esperança. Elas sentem que a actual governação objectiva de servir fundamentalmente os interesses dos dirigentes e dos partidos e não os interesses nacionais. Garanto-lhe que dia a dia estamos a ser

assediados por cada vez maior número de apoiantes do programa e do projecto Eanes 80, na convicção de que só à volta desse projecto, no campo democrático, se pode ultrapassar a actual situação. Há muito que sentimos a necessidade de discutir esta questão e encontrar um caminho».

Sendo assim, porquê agora?

«Repore: a actual maioria no poder é significativa e era preciso dar tempo para ver como actuava. Ora, há um ano que a actual coligação governa o País. E o que é que aconteceu? Tudo se agravou e nada melhorou. Pensamos que um ano é tempo suficiente — se não para encontrar soluções, pelo menos para as perspectivar e avançar com medidas que pudessem servir os interesses nacionais. Pois bem: temos a convicção de que não é isso o que se está a passar e acreditamos que é a altura de discutir e reflectir a saída para esta situação insustentável que vivemos. O tempo de que dispomos já não é muito».

«Para além do que o comunicado de reunião diz — e lembro-lhe que esse documento é extremamente laconico — qual foi a tónica deste encontro de Tomar? Que

caminhos a seguir? Que alternativas?»

«Ainda bem que me fala de alternativas. É frequente ouvir aos responsáveis da coligação que não há alternativas à situação — o que é um absurdo porquanto um regime democrático pressupõe sempre alternativas. Acresce que até os próprios dirigentes desta coligação — ou pelo menos muitos deles — reconhecem, por exemplo, que o actual Parlamento é o mais fraco de todos os que apareceram depois de Abril. O que nós dizemos, pois, é que é necessário encontrar alternativas a esta coligação que está longe de ser a que melhor serve os interesses nacionais. E dizemos também que isso é possível e, mais ainda, que é indispensável para salvaguardar o próprio regime democrático que, acima de tudo, tem de ser preservado».

«Insisto: que alternativas?»

«É isso que hoje começamos a discutir e analisar. Pensamos sinceramente que no campo democrático a saída possível é a volta do Presidente Ramalho Eanes, embora estejamos conscientes dos problemas que isso traz».

«Que problemas?»

«Está a ver: ele é o Presidente de todos os portugueses e é nessa perspectiva que tem actuado. E ainda bem que assim é. Ora, pensamos que o projecto que defendemos, apoiámos e pelo qual lutámos em 1980 só é viável com a liderança do general Ramalho Eanes — mas por outro lado sabemos também que, pelo alto cargo que ocupa, o Presidente da República não pode ser envolvido neste tipo de reflexão. E aqui reside a questão principal — é essa dificuldade que ao fim e ao cabo temos que resolver e para isso nos reunimos também».

«Há pouco classificou esta reunião de Tomar como histórica. Porquê?»

«A verdade é que isto tem que ir para a frente. Este foi o primeiro encontro a nível distrital e estou convencido sinceramente que será o ponto de partida para outros encontros a nível distrital e até a nível nacional. Acredite: chegámos ao limite possível. A apatia, a falta de esperança das pessoas chegou já a limites insustentáveis. Isto não pode continuar. Todos nós temos obrigações — e o Presidente da República também — a que não podemos fugir. Depois das reuniões de apoiantes de Eanes que, como já lhe disse, penso que se vão seguir, certamente chegará a altura de uma representação de todos nós se dirigir ao sr. Presidente da República para lhe dizer o que se passa ao nível dos seus apoiantes e ver qual é a sua disposição. Mas é indiscutível: temos que encontrar um caminho. Há que dar uma resposta a esses milhares e milhares de pessoas que se interrogam sobre o futuro deste país que é o nosso e que estão a ficar sem esperança».

Ribeiro Cardoso

A melancólica celebração

Continuação da pág. 3

No entanto, dando mais que pensar, deve mencionar-se a ausência de grande número dos presos libertados naquele dia de 1974, Abril 26. Interesse destacar somente Palma Inácio, pela clareza do exemplo. Como se sabe, Spínola não tencionava libertar todos os presos políticos. Foi o nome de Palma Inácio a última resistência a vencer. Recebeu solidariedade unânime: dos companheiros de cativeiro, «Ou salem todos, ou não sai nenhum»; dos advogados de diversas conotações: da delegação da Comissão de Socorro que pressionava directamente a Junta. Na hora da libertação foi a grande vedeta. Simbolizava, justamente, a vitória obtida sobre a junta dos generais. Dez anos depois não se dignou comparecer. Anda pelo Partido Socialista, julgo que é deputado (da maioria silenciosa), apoia Soares com estalinista obediência partidária. Quem havia de dizer! O terrível revolucionário que metia medo a Spínola em 1974! Se ca-

lhar, não foi comemorar a Caxias o 10.º aniversário da (sua) libertação — já nem digo, agradecer —; mas é capaz de ter ido à Aula Magna aplaudir o marechal amigo (do Soares; mas noblesse oblige).

Outra espécie de ex-presos políticos que creio não se fez representar na cerimónia evocativa, foi a dos superesquerdistas, modelo MRPP. E estavam alguns presos, em 26 de Abril de 1974. Encarragaram-se, como de costume, de tentar apropriar-se da jornada. Saíram em ombros (os únicos) como triunfadores, gritando slogans divisionistas logo ali, os olhos injectados de raiva (?), brandindo os punhos cerrados, não em conjunto, mas contra a multidão que participava emocionada no acontecimento.

Parece que celebraram o 10.º aniversário, reunidos em «grupos de reflexão» (Santo Deus! Isto dá tanta vontade de rir). Os ex-passageiros do comboio da revolução com o bilhete pago pelo Tio das Américas, recordam as rapaziadas da juventude, em

cursilhos sociais-democráticos (o tio é o mesmo).

Celebração melancólica, sem dúvida, a do décimo aniversário da libertação dos presos políticos. Não despertou recordações ou analogias festivas, como certamente notaram os leitores.

Vasco Lourenço, no início da cerimónia profetizou: «Chegará o dia em que colocaremos a placa.» Fraca afirmação, senhor major, presidente da Associação 25 de Abril, ex-conselheiro da revolução até 1983 (houve tempo de sobra para placas), ex-governador militar de Lisboa do 25 de Novembro. De facto, a afirmação veio acentuar a melancolia da celebração. É o estilo do antigamente, aquele a que recorria a oposição democrática durante a vigência do fascismo, por não ter forças para mais.

Mas talvez isto seja fruto de um certo cansaço. E a melancolia seja só minha. Talvez que o facto de ali se encontrarem irremediavelmente escorregados — guerreiros de dilatadas guerras, seja um bom prenúncio para as próximas. Oxalá.



SIDERURGIA NACIONAL, E.P. ESCLARECIMENTO

1. Como é do conhecimento público, os valores propostos pelo Conselho de Gerência para revisão da tabela salarial, que se traduzem num aumento de 18,4%, têm vindo a ser sistematicamente recusados pela FSMMP.
2. Foram igualmente recusadas pela FSMMP outras vias propostas para ultrapassar as dificuldades legais relativas à aplicação imediata da tabela, designadamente a aceitação da arbitragem.
3. O Conselho de Gerência considera amplamente esgotada a sua capacidade de negociação ao propor aumentos de 18,4%, já aceites por outra frente sindical, valor que ultrapassa largamente a capacidade económico-financeira da Empresa e só foi atingido por considerações de natureza social.
4. Nestas condições, e com a total concordância do MIE, o Conselho de Gerência reafirma que o valor de 18,4% de aumento da tabela salarial constitui um limite que não será excedido.
5. Assim, o Conselho de Gerência decidiu desde já encerrar as negociações directas com a FSMMP, determinando em consequência que o valor de 18,4% será aplicado a todos os trabalhadores da Empresa.
6. Lamenta-se que, às tentativas de concertação reiteradamente sugeridas pelo Conselho de Gerência, alguns trabalhadores e organizações que os enquadram tenham respondido com violência, pressões, intimidações, sequestros, coacção moral e física e formas de terror psicológico, destruindo a sã convivência democrática na Empresa e impedindo o direito ao trabalho.
7. Para além dos processos disciplinares já em curso, o Conselho de Gerência reafirma a sua determinação no sentido de implementar todas as acções necessárias à reposição da normalidade de vida na Empresa, e não prescindirá de um completo apuramento dos factos ocorridos e responsabilização para autores e agentes.
8. O Conselho de Gerência não pode deixar de reiterar que, da rapidez e eficácia com que se consiga repor a actividade normal, para a qual se conta com o empenho de todos os trabalhadores, depende a sobrevivência da Empresa a curto prazo e a credibilidade necessária para a realização do plano de modernização indispensável ao seu futuro.
9. Espera-se, pois, que os trabalhadores compreendam bem a importância dos aspectos em jogo, de modo a que a actividade normal seja retomada de imediato.
10. Finalmente, o Conselho de Gerência não pode deixar de dar todo o seu apoio aos trabalhadores que se têm mantido com coragem e determinação nos seus postos de trabalho, dando assim um exemplo de civismo e compreensão pelos superiores interesses da Empresa e do País.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 4 de Maio de 1984



Para ex-ministro da AD

Revisão constitucional não é para já

André Gonçalves Pereira, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, afirmou sábado que a revisão constitucional «não se insere no futuro previsível».

O ex-ministro dava esta constatação como uma das conclusões do seminário sobre revisão constitucional promovido durante dois dias pelo IPSP (Instituto Progresso Social e Democracia, a que preside Francisco Balsemão).

André Gonçalves Pereira acrescentou que, apesar dos argumentos favoráveis e desfavoráveis a uma antecipação da revisão, é um facto que «não há consenso político» para a levar por diante.

O antigo ministro disse que outra das conclusões gerais do encontro é a de que, quando o texto constitucional for revisto, deve passar a incluir apenas os «grandes princípios».

Isto porque André Gonçalves Pereira entende que o «gigantesco articulado do texto actual» não permite o seu conhecimento generalizado e porque a Constituição deve ser um texto que «une e não que separa os portugueses».

O líder do grupo parlamentar social-democrata, Fernando Condoso, fez uma intervenção neste seminário em que analisou os diversos sectores da Constituição. No domínio da organização económico-social concluiu que, «um dia se poderá mudar muito, em linguagem e até em conteúdo, mas nada disso urge em geral».

Fernando Condoso fez apenas uma ressalva para o Art. 83.º

da Constituição (que consagra a irreversibilidade das nacionalizações) cuja eliminação, em seu entender «justifica um acordo para a assunção imediata de poderes constituintes».

Quanto ao sector sobre a organização do poder político, Fernando Condoso afirmou que, embora se possa discordar de alguns pontos do sistema de Governo «há que deixar testar aquele que recentemente construímos, e vê-lo a funcionar quando o Presidente da República vier a ser um chefe de partido ou coligação».

Outro dos intervenientes da sessão foi Pedro Santana Lopes que defendeu que a Constituição passe a prever a possibilidade da sua revisão total, tal como sucede em Espanha. Segundo ele, num futuro texto constitucional, deverá vir a ser suprimido «todo e qualquer limite material» à revisão.

Outra das questões levantadas neste seminário foi a dos juizes do Tribunal Constitucional, designadamente as vantagens ou desvantagens de terem conotação partidária.

Sobre este aspecto, Pedro Santana Lopes afirmou: «falar-se no comprometimento da independência que deve ser própria dos que exercem essas funções, é utilizar um argumento que pensamos não proceder muito num regime que se pretende que seja uma democracia partidária».

Entre os participantes neste seminário encontrava-se precisamente o presidente do Tribunal Constitucional, Marques Guedes.

Já foi apreciado em Conselho de Ministros

Governo tem preparado diploma sobre segurança interna

O Governo tem preparado um diploma sobre segurança interna a ser apresentado à Assembleia da República após a apreciação, em plenário, do diploma sobre o serviço de informações, anunciou ontem em Braga o ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira.

De acordo com o ministro, tal documento prevê a coordenação de várias forças de segurança e, portanto, também a coordenação dos futuros Serviços de Informação. Segundo o «DL» apurou este novo diploma já esteve em Conselho de Ministros para uma primeira apreciação, e foi elaborado por uma comissão constituída por elementos de forças de segurança dependentes de vários Ministérios.

Eduardo Pereira referiu aos jornalistas a multiplicidade das forças de segurança existentes no País, o que, na óptica ministerial, determina a necessidade de uma coordenação que se revela de «uma importância tremenda»: «além da GNR, PSP e do Serviço de Estrangeiros, que pertencem ao Ministério da Administração Interna, constituem forças de segurança a Polícia Judiciária, que pertence ao Ministério da Justiça, a Guarda Fiscal, que pertence ao das Finanças, e a Polícia Marítima, dependente do Estado-Maior da Armada para não falar dos guardas-florestais, da Fiscalização Económica, dos guardas-rios e de várias Guardas que existem por este País».

O ministro da Administração Interna sublinhou que tal coordenação será feita não só a nível nacional como distrital, na pessoa do governador civil.

«O Governo está interessado em fazer voltar ao governador civil autoridades e poderes que lhe estiveram retiradas ou em dúvida, sem que isto tenha nada a ver com o poder autárquico e com a verdadeira autonomia das juntas de freguesia, dos presidentes das câmaras, das assembleias municipais», disse.

Se, na fundamentação governamental, tal retorno de poderes é decorrente de um vazio resultante da não institucionalização da regionalização, nomeadamente através das regiões administrativas como prevê o artigo 256.º da Constituição da República, e está previsto no artigo 295.º, as palavras de Eduardo Pereira não expressam a temporalidade desta situação. Nomeadamente quando o ministro se refere «a poderes que lhe estiveram retirados ou em dúvida». Essa «dúvida» corresponde ao compasso de espera resultante do atraso da regionalização, e não poderá passar de temporária a metódica.

«Serviços de Informação: Já!»

A questão do Serviço de Informação foi igualmente focada pelo ministro. Para Eduardo Pereira a questão «não está a ser tratada com a celeridade necessária».

Quando faltam dez dias para que o diploma suba ao plenário da Assembleia da República, o titular do MAI «pelo conhecimento e notícias» que tem, teme que a discussão na especialidade seja atrasada em relação ao calendário previsto.

Refutando as críticas e receios que diversos sectores têm oposto aos «SI», Eduardo Pereira sublinhou que tal sistema «não visa montar uma polícia de informação mas um sistema que adquira, analise e trate informação que oferece ao Governo».

Mas, ao reconhecer «que as evoluções destas coisas são sempre um tanto desconhecidas», decerto que o ministro não terá apaziguado os ânimos dos opositores dos serviços de informação. Até porque, disse Eduardo Pereira, eles são um risco: «prefiro correr os riscos de os ter do que estar a continuar a sofrer os riscos de os não ter». É esta a sua opção.

A promessa de Amândio de Azevedo...

Viveremos melhor lá mais p'ro Verão

A promessa aqui fica: «no segundo semestre deste ano o nosso país começará a viver um pouco mais desafogado». Quem a faz é o ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, que sábado advogou no Porto a tese de que «se o Governo não tivesse tomado as medidas impopulares que tomou, estaríamos neste preciso momento em situação mil vezes pior».

Amândio de Azevedo que foi ao Porto comemorar o x aniversário do PSD, aproveitou a ocasião para exaltar a actual coligação no Poder. Para ele, «a decisão tomada de fazer uma coligação PS/PSD foi um passo importante e histórico tanto para os partidos nela intervenientes como para o País».

«Não foi uma decisão fácil, foi a decisão certa», disse o ministro do Trabalho e da Segurança Social.

Amândio de Azevedo sublinhou ainda que a remodelação do Governo tem de ser encarada como um facto normal «e para o qual os ministros têm de estar preparados».

«Mas é preciso que ela seja feita com um elevado sentido de responsabilidade e não por meras vontades políticas», acrescentou.

Referindo-se ao estado de espírito da coligação, Amândio de Azevedo considerou que «existe um clima de bom entendimento entre o PS e o PSD, tanto a nível de Governo como na Assembleia da República».

Falando das «medidas impopulares» que o Governo tomou desde a sua posse, o titular da pasta do Trabalho estimou que «se as não tivesse tomado estaríamos neste preciso momento em situação mil vezes pior».

A finalizar, Amândio de Azevedo declarou: «Portugal em termos de crédito, a nível internacional, tem uma situação favorável (...) no segundo semestre de 1984 o nosso país começará a viver um pouco mais desafogado».

Conselho Consultivo administração da RTP

O conselho executivo do Instituto Português de Cinema, composto por representantes dos produtores, distribuidores, exibidores, estúdios e laboratórios, realizadores e trabalhadores de produção, em comunicado divulgado na passada sexta-feira critica a actual administração da RTP.

No texto sublinha-se que na vigência da administração de Palma Ferreira se está a assistir à quase total dependência dos produtos estrangeiros em detrimento da produção nacional. Por outro lado, o conselho consultivo do IPC considera que a RTP está a praticar uma política de concorrência desleal relativamente às salas de cinema, ao programar filmes de grande audiência, colocando as empresas distribuidoras e exibidoras em delicada situação financeira. O comunicado é assinado por Luis Filipe Rocha, José Manuel Castello Lopes, Pedro Fernandes, José Gil, António Pedro Vasconcelos, Oscar Cruz, Pinho Cardão, eng.º Xavier, Luís de Pina, e dr.º Miguel Lobo Antunes.

“Futura Constituição” debatida pelo IPSP

Os obstáculos à revisão constitucional e competências do Tribunal Constitucional foram, entre outros, temas em debate num seminário que decorreu em Lisboa sexta-feira e sábado, como contributo para que a futura Constituição «possa ser conhecida dos cidadãos».

O seminário, que principiou sexta-feira em Lisboa, promovido pelo Instituto Progresso Social-Democracia Francisco Sá Carneiro foi, tal como frisou o seu presidente, Pinto Balsemão, «um contributo para a colecção «Bloqueamentos da sociedade portuguesa», a publicar em

1987, data previsível para a revisão da actual Constituição.

Na sessão de encerramento do seminário, intervieram Gonçalves Pereira, Pedro Santana Lopes, Margarida Salema, Mário Raposo e o presidente do Supremo Tribunal Constitucional, Marques Guedes.

Gonçalves Pereira que juntamente com Pinto Balsemão, foi moderador do debate — que teve a participação de diversos constitucionais — disse que o «que se pretende na revisão constitucional não é no sentido quantitativo mas da restrição dos grandes princípios»

Carta de Lucas Pires tem “dimensão de Estado”

— disse Eanes em Castelo Branco

«Dimensão de honestidade e de Estado» — eis como classificou o Presidente da República, sábado, em Castelo Branco, a carta que Lucas Pires lhe dirigiu, com cópias para Mário Soares e Mota Pinto.

Ramalho Eanes, que visitava o Hospital de Castelo Branco, frisou, entretanto, não partilhar da perspectiva defendida pelo líder do CDS, embora considerasse tratar-se de um «documento bem elaborado».

Usando mais tarde da palavra na sessão de encerramento das Primeiras Jornadas de Obstetrícia e Pediatria da Beira Interior, Eanes considerou que para se fazer a regionalização «é imprescindível o elemento humano». Sublinhou ainda ser «obrigação de qualquer Estado, realizar três tarefas importantes: a Justiça, a Segurança e o Bem-Estar, impondo-se para tal que se «saiba descentralizar e regionalizar».

No final do encontro, que durou dois dias e no qual participaram

190 pessoas ligadas ao sector, entre os quais 92 médicos, o director do Hospital Distrital de Castelo Branco, Fernando Dias Carvalho, apresentou as conclusões das Jornadas.

Salientou, dentre elas, «a necessidade de aumentar os quadros médicos dos hospitais distritais e melhorar os meios complementares de diagnóstico e terapêutica».

«Para que se verifique a eficiência dos serviços de saúde e haja um aproveitamento integral de todos os recursos já existentes é indispensável promover uma boa articulação entre o sector dos cuidados primários e o dos diferenciados, por forma às informações funcionarem nos dois sentidos» — afirmou Dias Carvalho.

Ainda, como conclusões das Jornadas, o director do Hospital de Castelo Branco disse ser «indispensável que se promovam reuniões frequentes daqueles dois sectores e que se uniformizem os meios de informação».

Jardim:

“PS, PSD e CDS estão muito fracos”

O chefe do governo regional madeirense, João Jardim, classificou ontem, em declarações à RDP/Local, o seu arquipélago de «reserva para contrapor a qualquer aventura dos membros da Associação 25 de Abril».

Jardim — que provocou a maior gargalhada do congresso do PSD ao ser sugerido como candidato a Belém por Marcelo Rebelo de Sousa — falou do aniversário do seu partido e analisou a vida política nacional, para dizer textualmente (segundo a NP): «Quero avisar publicamente os senhores da Associação 25 de Abril de que se tentam qualquer aventura militar no continente, aqui, a região autónoma, será a reserva para se lhes contrapor».

Reconheceu Jardim o PCP como partido mais bem organizado de Portugal e manifestou «total solidariedade» com a «linha de Rebelo de Sousa» para verberar o comportamento das «linhas Mota Pinto e Mota Amaral» a propósito da disputa para a comissão política distrital de Lisboa do PSD.

Afirmou que o CDS, PS e PSD, «estão muito fracos», e que se tornaram — «organizações em que o jogo de interesses, e de clientelas ultrapassa o interesse do Estado».

«A sua actividade não joga com o cumprimento dos objectivos de Estado, e isto enfraquece a democracia» frisou, acrescentando: «não é a democracia dos

partidos que está errada, o que está errado em Portugal é a forma como se comportam os partidos da democracia».

Para Jardim «o futuro do PSD e do país passa pelas eleições presidenciais, nas quais deverá aparecer um candidato que anuncie estar disposto a referendar uma nova Constituição e apresentar um novo sistema político para salvar o regime democrático».

Falando sobre o PSD, que classificou «o partido mais jovem de Portugal» disse que este «demonstrou que é possível haver um grande partido em Portugal, sem estar subordinado a nenhuma estratégia estrangeira, como o CDS e o PS».

Hoje é recebido pelo primeiro-ministro

Mota Pinto despede-se da China

Mota Pinto é hoje recebido pelo primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, antes de terminar a sua visita oficial à República Popular da China.

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, que se encontrou já três vezes com os ministros chineses dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, foi ontem obsequiado com honras militares no Comando Naval de Xangai, tendo referido na oportunidade a importância do conceito estratégico de defesa «que

privilegia as forças navais», assinalando o facto de Portugal estar na rota atlântica «tanto marítima como na das comunicações».

Quando na sexta-feira, Mota Pinto foi recebido pelo comandante provincial de Xangai, disse ser preciso reforçar os laços entre Portugal e a República Popular da China, valorizando interesses comuns.

Mota Pinto, que termina também hoje a sua deslocação a bases militares chinesas, estará

presente na Base Aérea de Hang Zhou e na Divisão de Tanques de Pequim, do Sexto Exército.

O vice-primeiro-ministro visita hoje ainda uma fábrica de sedas com mais de mil operários e a brigada de produção de chá.

Nesta brigada, cada família explora a terra como quer, sob um contrato de trabalho, e ganha consoante o seu rendimento.

Em Xangai, Mota Pinto visita ainda a Comuna Popular Hong Jiao, que inclui cerca de seis mil famílias.

Guerra Irão-Iraque discutida em Lisboa

A guerra Irão-Iraque, a questão das transferências de embaixadas para Jerusalém e a situação em geral do Médio Oriente, são os temas que trouxeram a Lisboa uma delegação de alto nível da Liga Árabe.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, rece-

beu ontem à tarde no aeroporto os seus homólogos de Marrocos e da Tunísia, respectivamente Abdelwahad Bekkiz e Beji Kadi Sebti, chefes da delegação da Liga Árabe (composta por sete elementos), provenientes de Atenas.

Embora os elementos da de-

legação não tenham prestado declarações à chegada, fontes do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Embaixada de Marrocos confirmaram que a guerra do Golfo entre o Irão e o Iraque é o principal assunto a discutir com as autoridades portuguesas.



Solidariedade com a Nicarágua • Solidariedade com a Nicarágua

Monica Baltodano em conferência de Imprensa

O nosso povo recusa-se a regressar ao passado

«O simples facto de esta conferência se ter realizado é, já em si um êxito, a consecução dos objectivos que esperávamos, ao vir aqui», declarou em conferência de Imprensa a comandante Monica Baltodano, ministra do Governo da Reconstrução Nacional da Nicarágua. «Vedeta» indiscutível da Conferência Internacional sobre a Nicarágua e para a Paz na América Central, que ontem terminou em Lisboa, Monica Baltodano decidiu manter uma conversa colectiva com os jornalistas que cobriram aquele importante acontecimento, dada a impossibilidade de satisfazer os numerosos pedidos de entrevista.

Monica Baltodano lembrou que este é o momento mais crítico da vida da jovem revolução nicaraguense, que no próximo dia 19 de Julho, comemora o seu quinto aniversário. Para a comandante nicaraguense, «a primeira linha de defesa da nossa revolução passa fora das nossas fronteiras, está na solidariedade internacional».

A solidariedade, segundo lembrou, é a manifestação a nível mundial do repúdio da política agressiva dos EUA, cuja acção pode revestir-se de formas ainda mais graves e mais lesivas da paz mundial — a intervenção militar directa na Nicarágua ou noutro país centro-americano, intervenção que considerou iminente.

A ministra salientou o vasto leque de participantes na Conferência e a presença de muitas associações de carácter religioso, de mulheres, de combatentes pela paz. E comentou: «Tem de haver muita organização e vigorosa energia na solidariedade internacional para com os nossos povos».

As eleições do dia 4 de Novembro próximo na Nicarágua foram o tema que Monica abordou de seguida.

«Apesar dos nossos esforços e da mobilização de recursos que estamos a realizar no campo da defesa e da produção, vamos desviar mais esforços e mais recursos para a realização — muito dispendiosa — das eleições, que foram uma promessa e que queremos efectuar para institucionalizar o nosso regime. No nosso país este esforço reveste-se de aspectos insuspeitos noutros países. Um exemplo: até nos faltam lapiseiras em número suficiente para guarnecer todos os organismos eleitorais. Também para a realização das nossas eleições precisamos da solidariedade internacional. E lembramos que estas serão as únicas eleições livres da Nicarágua nos últimos 50 anos».

«Em que circunstâncias deixaria a Nicarágua de fazer as eleições?» — perguntou um jornalista.

Unicamente em caso de intervenção directa e maciça dos EUA. Apesar de estarmos em luta com um exército de oito mil homens, dotado de armas poderosas, não levaremos avante as nossas eleições — respondeu Monica, aludindo aos bandos somozistas.

Ainda sobre a realização do acto eleitoral, depois de dar alguns esclarecimentos acerca da campanha, Monica Baltodano pediu aos jornalistas presentes que tomassem nota de um apelo sandinista: «que numerosos observadores se desloquem na altura à Nicarágua, para testemunharem a maneira como o acto eleitoral vai decorrer». E lembrou: «A direita exigia que as eleições decorressem com a presença de observadores dos EUA. Nós queremos que elas decorram com a presença de observadores de todo o mundo. Este é um convite que trazemos à Conferência de Lisboa».

Alguém perguntou: e se a direita ganhar as eleições, os sandinistas aceitam transferir o poder?

Monica Baltodano limitou-se a responder: «Temos inteira confiança na nossa vitória. Sabemos que o povo da Nicarágua se recusa a voltar ao passado».



A paz

«Que condições pensam os sandinistas ser, necessárias para assegurar a paz na Nicarágua e na América Central?» — perguntou outro jornalista.

— O diálogo — respondeu Monica. O diálogo e negociações. Em El Salvador, negociações de paz entre o Governo e os representantes do povo, e a FMLN e a FDR. Em Manágua, o diálogo entre o nosso Governo e Washington, nos termos das propostas repetidamente feitas pela Nicarágua. Os EUA querem condicionar esse diálogo a requisitos que recusamos, porque são incompatíveis com a nossa soberania. Não queremos voltar ao passado, à miséria, à exploração do homem pelo homem. Não estamos dispostos a trair o sangue derramado por tantos mártires antes e depois do triunfo.

Alguém referiu depois o Grupo de Contadora, acerca do qual a comandante fez o seguinte comentário:

— A posição de diálogo e de negociações a partir da não intervenção canalizou-se através do Grupo de Contadora. Há todo o interesse na iniciativa desse grupo de países para a solução dos conflitos regionais. Ainda resta muito a fazer, por isso pedimos o apoio internacional ao Grupo de Contadora.

— A Nicarágua encara com esperanças uma eventual vitória do candidato democrático, Walter Mondale, às eleições presidenciais dos EUA?

— Pensamos que Reagan personifica o regresso à política do grante garrote, que caracterizou a acção passada dos EUA. Reagan crê que os EUA têm o direito de decidir o que os outros países querem fazer.

Um governo de carácter mais democrático pode alterar esta política. Por isso, sem nos fixarmos em nomes, o que não é da nossa competência, podemos afirmar que encaramos com esperança uma eventual mudança do poder em Washington — respondeu Monica Baltodano.

Os jornalistas pediram depois que a comandante Monica fizesse um breve resumo das conquistas revolucionárias até agora alcançadas pelo povo da Nicarágua.

Eis em breve síntese o que ela disse: «Registaram-se avanços substanciais em diversos aspectos da vida nacional. A taxa de analfabetismo

passou de 69% para 12%, embora se tenham registado alguns retrocessos e algumas dificuldades decorrentes sobretudo da situação de guerra nas zonas fronteiriças. Distribuiu-se uma grande quantidade de terras de primeira qualidade aos camponeses, tendo-se dado um poderoso impulso à produção cooperativa. No domínio da saúde, erradicaram-se poliomielite e outras doenças epidémicas, tendo-se combatido com grande eficácia o paludismo, que hoje subsiste mas a níveis baixíssimos. Salientou-se o aspecto de prevenção da doença com campanhas maciças de vacinação, que só foram possíveis graças à mobilização e ao voluntariado das populações. No domínio da educação há hoje um milhão de estudantes de nível secundário e superior, o que é um absoluto recorde num país, onde o acesso ao ensino era privilégio de minorias. No plano cultural, pela primeira vez se está a recuperar a cultura nacional, depois de décadas em que toda a cultura consumida vinha do estrangeiro. No tocante aos direitos humanos, a melhoria da situação é de 100%: basta lembrar que não existe uma família nicaraguense que não tenha perdido pelo menos um dos seus membros durante a ditadura ou a insurreição. A revolução sandinista trata os presos humanitariamente, incluindo os guardas somozistas. Alguns deles, recrutados em baixa idade para as fileiras do exército da ditadura, estão a ser reeducados, numa tentativa de os recuperarmos como pessoas úteis para a sociedade. Saliente-se ainda o nível moral do povo nicaraguense, que, apesar de todo os sofrimentos por que passou durante o somozismo, não se lançou em acções de vingança e revanche contra os seus carrascos».

E Monica concluiu: «O nosso povo defende vigorosamente a revolução em todas as trincheiras, porque sente os benefícios que ela lhe trouxe. Dantes os grandes capitalistas da terra e da indústria desbaratavam os lucros da sua actividade em viagens de recreio sobretudo aos EUA. Essa era acabou. O dinheiro é agora investido para bem de todos. Certas camadas do nosso povo só agora conheceram produtos como o leite e o açúcar aos quais têm acesso pela primeira vez».

Sobre a participação das mulheres na revolução e na reconstrução, Monica — símbolo mesmo dessa participação — esclareceu que há muitas mulheres

no governo, como ministros e vice-ministros e em numerosos postos de direcção, o que se explica dado o contributo que elas deram para o triunfo da revolução.

«Mas as sequelas do passado ainda hoje se manifestam, como não podia deixar de ser. Por outro lado, há reivindicações muito específicas da mulher, que só na luta comum homem-mulher pela justiça e pelo desenvolvimento encontrarão resposta cabal — acrescentou».

E a conversa voltou a recair na guerra, agora encarada sob o ponto de vista do papel da Costa Rica nas agressões contra a Nicarágua.

— A Costa Rica começou por ser o modelo que os EUA quiseram apresentar como contraposto à Nicarágua, a «Suíça da América», a democracia por excelência — disse Monica. Simplesmente a terrível crise económica em que esse país se debate e as consequências dessa crise, a todos os níveis, retiraram credibilidade ao modelo. Há dois anos a esta parte, certos sectores da Costa Rica aceitaram que o território do seu país servisse também de trampolim à guerra contra a Nicarágua. Durante esta Conferência, a Costa Rica montou-nos uma provocação. Procedeu a um auto-ataque contra postos fronteiriços para nos acusar desse acto agressivo. Isto não resiste a uma análise: que interesse teríamos nós em suscitar um conflito e em o fazer justamente durante esta conferência? O nosso governo protestou imediatamente e apresentou provas de que não fomos nós os autores do ataque.

E Monica prosseguiu:

— A posição da Costa Rica é muito importante para nós. O seu território fica muito próximo da nossa capital, é liso, plano e muito vizinho da zona do Pacífico, a área das grandes cidades da Nicarágua.

— Que foi mais difícil: a insurreição ou agora a reconstrução? — perguntaram à ministra nicaraguense.

Resposta imediata:

— A tarefa da reconstrução é mais difícil sobretudo em situação de agressão por parte dos EUA, agressão que nestes três anos já nos custou mais de duas mil vidas. A revolução tem de dar resposta às expectativas que criou nas grandes massas sacrificadas pela ditadura. Ora, proceder a este esforço de defesa a que nos obrigam, e satisfazer ao mesmo tempo as reivindicações básicas do nosso povo é muito difícil e complexo. Lembremos, por exemplo, um problema como o do auto-abastecimento alimentar. A Nicarágua tem condições para produzir a alimentação suficiente para o nosso povo. Mas as melhores terras foram utilizadas para as culturas de exportação, e as culturas de viveres estão concentradas sobretudo em locais remotos. Mesmo que os agricultores produzam o suficiente, há dificuldades por ora insuperáveis devido à carência de transporte e caminhos. Fazer estradas e criar outras infra-estruturas de transporte é extremamente dispendioso.

A situação — desnecessário será dizer — mais greve se torna com as agressões de que somos vítimas. Por vezes temos que interromper obras começadas para ripostarmos a situações de emergência durante as quais todos os nossos recursos são mobilizados para a prioridade das prioridades — a defesa da pátria.

Os jornalistas ficaram de bom grado a falar mais longamente com Monica Baltodano. Mas ela ergueu-se, dando por findas as suas declarações, complemento informativo ao impressionante e riquíssimo relato que, no discurso da sessão inaugural da Conferência, a ministra sandinista apresentou acerca da situação actual do seu país.

A.N.



Um novo impulso para mobilizar a opinião pública — comenta a sr.^a Nguyen Thi Binh

A memória dos homens é curta e talvez muitos se tenham esquecido de um nome que foi, durante anos, «estrela» da imprensa mundial: o da senhora Nguyen Thi Binh, actualmente ministra da Educação do Vietname, e que como coroa de uma carreira de devoção patriótica, sustentou o fardo de negociar a paz para o seu país, durante os arrastados anos por que essas conversações se prolongaram. A senhora Nguyen Thi Binh esteve em Lisboa, convidada para a conferência.

Nos intervalos da conferência, trocámos breves palavras com a senhora Nguyen Thi Binh, lamentando

que as circunstâncias nos tivessem impedido de fazer a entrevista com que durante anos sonhámos.

— Qual a situação actual no Vietname? — perguntámos.

— No Vietname estamos empenhados na tarefa nacional da reconstrução, depois de tantos anos de guerra. É uma tarefa muito difícil e complicada porque temos que resolver, ao mesmo tempo, problemas de índole muito distinta, económicos, culturais e sociais. Como se isso não bastasse, o nosso povo está a ter outra tarefa não menos importante: a da defesa da paz no Vietname e da independência nacional. O nosso país está a ser

ameaçado pela China que desenvolve uma política expansionista contra o Vietname, porque nós recusamos seguir a linha de Pequim. Neste momento a situação nas nossas fronteiras é muito tensa. Todos os dias as tropas chinesas cometem mais de mil provocações penetrando no nosso território. Ainda no mês passado três regimentos chineses cruzaram a fronteira e ocuparam três montes estratégicos.

— Que pensa desta conferência?

— Considero-a muito significativa, porque é uma grande reunião com um vasto conjunto de todas as forças que lutam pela paz na Nicarágua e na

América Central. Vieram aqui, plenos de boa vontade e dispostos a dar todo o apoio à paz na Nicarágua e na América Central, representantes das mais diversas correntes ideológicas, partidárias e religiosas, ou simplesmente porta-vozes de grupos solidários com tudo o que representa um avanço no difícil caminho da instauração da paz na Terra. Estou convencida de que esta conferência se saldará por um grande êxito e será o ponto de partida de um vasto movimento de solidariedade e defesa do povo da Nicarágua e dos restantes povos da América Central.

Solidariedade com a Nicarágua • Solidariedade com a Nicarágua • Solidariedade com a Nicarágua

Um avanço em benefício de todos os povos latino-americanos

— declara Charles Harper

«O Conselho Mundial das Igrejas atribui grande importância à realização desta Conferência» — disse-nos Charles Harper, representante do Conselho Mundial das Igrejas.

— Porquê? — perguntámos.

— Sabemos que a situação é realmente crítica na Nicarágua e em toda a América Central. Temos várias Igrejas centro-americanas que são membros do nosso Conselho, e, além disso, temos contactos com várias comunidades ecuménicas. Tudo isso nos faz ter um conhecimento real do que se passa nesses países. Recebemos constantemente apelos para ajuda humanitária sob várias formas às populações que sofrem diariamente ataques e são vítimas da repressão em El Salvador, Guatemala e Honduras. Também nos pedem auxílio para as massas de refugiados maltratados e utilizados à força pelos governos como é o caso dos índios miskitos pelas Honduras. — esclarece Charles Harper. E acrescenta: «As Igrejas pedem que denunciemos os ataques, que, sob diversas formas, se cometem contra o direito à vida nos países ditatoriais da América Central. Independentemente das nossas crenças ou das nossas ideologias, devemos congregar-nos nesta tarefa de denúncia. A solidariedade internacional exige que cristãos e não cristãos, cidadãos de todas as facções políticas e religiosas coordenem esforços para ajudar os povos da América Central e o povo da Nicarágua».

— Que pensa da revolução na Nicarágua?

— Pensamos que ela representa um avanço em benefício dos povos da região e que o seu governo constitui uma esperança não só para o povo desse país mas também para todos os povos latino-americanos. Essa revolução é algo de muito positivo para toda a região.

— Acha que o problema da Nicarágua deve ser encarado na perspectiva do conflito Leste-Oeste?

— Penso que não. A inclusão do problema da Nicarágua nesse conflito é um artifício, uma manobra grosseira utilizada pelos EUA com o objectivo de justificar a sua acção de domínio e como pretexto para justificar as suas acções agressivas. A esse respeito, estou inteiramente de acordo com as intervenções feitas nesta conferência pela senhora Jenny Pearce e outros intervenientes.

— Quais as raízes do problema centro-americano?

— A luta contra as condições desumanas de vida, e essa luta nada tem a ver com o conflito Leste-Oeste. O facto é que existe uma camada rica que explora a maioria pobre, e qualquer tentativa de alterar esta situação, seja por via reformista, seja por via revolucionária, é logo considerada algo de radical e perigoso, quando se trata apenas de tentar criar condições de justiça social, que são a melhor garantia da paz. Os conflitos da América Central nascem do interior de cada um desses países e não têm qualquer origem externa.

— Uma última pergunta: há coincidência de objectivos entre cristãos e sandinistas?

— Não podemos dizer que os objectivos coincidam, pois são de diferente natureza. Mas os cristãos são pela libertação e pela justiça social. Neste sentido, podemos detectar coincidências bastante vastas entre o programa sandinista e os objectivos cristãos. A Frente Sandinista garante uma ampla participação do povo e conta com a colaboração activa e militante de muitos cristãos. As conquistas realizadas pelos sandinistas nos campos social, cultural, político e económico têm a concordância e a aprovação do povo cristão. A revolução sandinista é garante da liberdade do povo.

Encaramos a situação com esperança

— diz bispo búlgaro Kalinik

«Encaramos a situação na Nicarágua com esperanças porque fomos educados na religião cristã, que é a religião da esperança», disse-nos o bispo de Vratza (Bulgária), Kalinik, numa breve entrevista que lhe fizemos no intervalo da conferência.

«Nós, os representantes da Igreja Cristã, sabemos que o povo da Nicarágua luta pela justiça social e pela democracia. Também Cristo anunciou a justiça aos homens. Por isso, a Humanidade que pensa honestamente está a favor da solução pacífica dos problemas da Nicarágua e da América Central», acrescentou.

E qual a opinião de Kalinik sobre os mísseis dos EUA estacionados na Europa? — quisemos saber.

«Para nós, trata-se de um crime em relação à conservação da vida no nosso Planeta. Estamos pela paz, queremos que exista vida na Terra por isso estamos contra os mísseis que são portadores da morte.»

Uma última pergunta, nesta entrevista-relâmpago, a única que as circunstâncias de tempo permitiam:

— Quais as relações entre a sua Igreja e o Estado búlgaro?

A resposta:

«A religião ortodoxa é a religião tradicional do nosso povo, que a ela se mantém fiel. A Igreja e o Estado estão separados, mas mantêm excelentes relações que muito nos apazem. Temos plena liberdade para participar em todas as questões da vida nacional e para realizarmos a nossa missão evangélica junto do povo. Além disso, nestes dias inquietantes, agimos, sob muitos aspectos, em consonância com o poder estatal, na luta por objectivos que consideramos incluídos na nossa acção pastoral.»



Vasto leque de acções de solidariedade

Política dos EUA seriamente criticada pela Conferência Internacional em Lisboa

Uma declaração final e quatro relatórios de comissões foram os documentos distribuídos à imprensa no termo dos trabalhos da Conferência Internacional sobre a Nicarágua e pela Paz na América Central, que decorreu em Lisboa, desde o passado dia três.

A nota dominante desta conferência Foi o amplo consenso a que se chegou, apesar da vasta diversidade ideológica e religiosa dos seus 300 participantes, representantes de 70 países e diferentes organismos não governamentais.

De salientar que nos documentos finais há uma ideologia-mestra: a acusação contra a política norte-americana na Nicarágua e na América Central e o reconhecimento da justeza da posição da Nicarágua, cuja revolução mereceu o apoio unânime dos participantes. Resultados estes de sublinhar devidamente, dada a campanha mundial (insidiosa ou clara) de calúnias contra o processo revolucionário nicaraguense, instrumento propagandístico que se destina a justificar a injustificável política agressiva dos EUA em toda a região centro-americana.

Na declaração final, a Conferência aponta o perigo iminente de uma invasão da Nicarágua pelas Forças Armadas dos EUA e uma escalada de intervenção dessa potência em El Salvador, reconhecendo, ao mesmo tempo, o direito que a Nicarágua tem de pedir e receber todas as formas de auxílio, a fim de proteger a sua integridade territorial, independência política e o carácter não-alinhado da sua revolução. Ao mesmo tempo, a Conferência apela à opinião pública dos EUA para que redobre de esforços, especialmente junto do Congresso, a fim de evitar que a Administração prossiga uma política que viola claramente a lei internacional.

«Profundamente preocupados» com a evolução crítica dos acontecimentos na América Central e com as ameaças contra a soberania e não alinhamento da República da Nicarágua, os participantes da Conferência «aplaudem o profundo humanismo» da política do governo de Manágua e louvam a consolidação das conquistas democráticas da revolução e os seus esforços na solução de problemas económicos, sociais e culturais do país. A Conferência louva ainda a Nicarágua por ser um Estado que assegura a liberdade e os direitos humanos do seu povo e elogia a decisão da realização das eleições presidenciais e legislativas, marcadas para 4 de Novembro próximo.

Ao mesmo tempo, denuncia o fornecimento contínuo de armas e material bélico dos EUA aos guardas de Somoza que tentam destruir a economia e desestabilizar o governo da Nicarágua. Os participantes condenaram ainda a utilização do território hondurenho pelas FA dos EUA e a realização de exercícios militares e manobras navais provocatórias. Recordando a definição de agressão adoptada por consenso pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1974, a Conferência considera violador da lei internacional o «envio de bandos armados, grupos, tropas irregulares ou mercenários que executem contra outro Estado acções armadas de tal gravidade que atinjam o grau de agressão, bem como a permissão que um Estado confere a outro de utilizar o seu território para fins agressivos contra uma terceira nação. Condenando assim implicitamente os EUA e as Honduras, a Conferência apela à Costa Rica para que se mantenha fiel à declaração de neutralidade produzida pelo governo de São José e para que não permita a utilização do seu território contra a Nicarágua.

A minagem «criminosas» dos portos nicaraguenses e a atitude dos EUA face ao Tribunal de Haia foram também claramente condenados pelos participantes da Conferência.

Os EUA foram ainda condenados pela invasão de Granada. A Conferência louvou todos os esforços de solução pacífica dos conflitos na América Central, pelo que expressou o seu apoio às iniciativas do Grupo de Contadora.

Os participantes apoiaram igualmente a justa luta dos povos de El Salvador e da Guatemala e condenaram o bloqueio contra Cuba, acrescentando que rejeitam a versão moderna da doutrina de Monroe, segundo a qual os EUA intervêm em qualquer país onde a sua segurança nacional seja pretensamente posta em causa.

Na declaração final recomendam-se seis pontos de acção concreta: dos quais destacamos: a declaração do dia 19 de Julho como dia da Solidariedade Internacional para com o Povo da Nicarágua e o desenvolvimento de acções concretas de solidariedade de repúdio da política intervencionista dos EUA.



A política de Reagan cada vez mais contestada nos EUA — afirma cidadã norte-americana

ções em que esse país está empenhado.

— Têm alguma ligação com organizações da Nicarágua ou existentes na Nicarágua?

— Temos contactos com o Comité dos Cidadãos Norte-Americanos residentes na Nicarágua. Pessoalmente, como fundadora de um movimento de mulheres nos EUA, Madre, tenho ligações estreitas com a associação de mulheres da Nicarágua, AMN-LAE. Através dos nossos movimentos existe uma ligação muito estreita entre mães dos EUA e da Nicarágua. Enviamos material como leite, alimentos para bebés e medicamentos para a Nicarágua. Agora já juntámos 25 mil dólares para construirmos uma maternidade na Nicarágua. É apenas um começo porque o custo da obra será talvez dez vezes superior àquilo que entretanto reunimos.

— Por que veio a esta Conferência?

— É muito necessário participar nestas reuniões, não só para darmos testemunho da nossa própria solidariedade, mas também porque elas nos permitem desenvolver novas estratégias, cotejar ideias. Esta tarde, por exemplo, lembrei-me de uma acção que devíamos lançar nos EUA. As eleições na Nicarágua são no mesmo dia que as nossas. Tinha talvez eficácia na véspera das nossas eleições lembrarmos

de forma muito militante as eleições da Nicarágua e afirmar que estamos contra a política de Reagan.

— Acha que Reagan vai ser reeleito?

— Espero que não. Se ele for reeleito, isso será muito perigoso para todo o mundo. Não sabemos se ele se decidirá ou não invadir a Nicarágua antes ou depois das eleições. Estamos certos de que se ele se convencesse de que a invasão da Nicarágua o poderia ajudar a ganhar as eleições, não hesitaria em fazê-lo. Mas do que não duvidamos é de que ele invadirá a Nicarágua se for reeleito. Reagan não quer regimes socialistas nem mudanças na América Central.

— Qual o estado da opinião pública dos EUA a respeito dos problemas da América Central?

— Cresce cada dia mais a oposição à política centro-americana de Reagan. Sectores muito importantes como Igrejas, escolas, sindicatos, organizações de direitos civis estão a pronunciar-se cada vez mais vigorosamente contra essa política. Quando foi do Vietname o movimento contra a guerra só começou a organizar-se depois de os primeiros caixões dos nossos soldados terem chegado. Agora estamos a organizar-nos para impedir que cheguem esses caixões. Infelizmente a maioria dos cidadãos só desperta quando o sangue que corre é «yankee». Enquanto mor-

As recomendações concretas específicas estão contidas nos relatórios das quatro Comissões.

A primeira, cujo texto final é todo ele merecedor de atenção — o mesmo poderíamos dizer, aliás, de todos os documentos — recomenda entre outras coisas o envio de uma delegação da Conferência aos EUA e ao Congresso para transmitir os documentos saídos de Lisboa e pedir a intervenção urgente para fazer cessar a agressão e a criação de um comité de coordenação para supervisionar a aplicação das resoluções do encontro. A segunda comissão faz recomendações semelhantes e solicita o envio de delegações às embaixadas dos EUA para que estas tomem conhecimento das posições críticas do encontro sobre a política norte-americana. A terceira toma 23 resoluções, solicitando entre outras coisas que a CEE retome o seu auxílio à Nicarágua, que se envie uma delegação especial da Conferência à ONU e que se organizem tribunais em diversos países para julgar a criminosa acção dos EUA na América Central e na Nicarágua. Por fim, a quarta comissão recomenda uma série de medidas para contrariar a campanha de desinformação dos EUA, outra «frente da batalha» através da qual Washington condiciona psicologicamente as opiniões públicas para a aceitação da sua política de agressão.

Várias realizações decorreram à margem da Conferência. No sábado à noite, na «Voz do Operário», celebrou-se um espectáculo de elevada qualidade artística e política com intervenções da senhora Hortensia Allende e do padre Fernando Cardenal um dos dirigentes dos Comités de Defesa Sandinistas. Na parte artística, destaque para a intervenção do notável cantor Mejia Godoy, o homem que fez estremecer Somoza com a sua música e o seu canto nos bairros desprotegidos de Manágua e que continua a obra revolucionária, usando as armas que «tem nas mãos»: a palavra e a música.

A.N.



de ontem para hoje

Argentino detido na Portela com dois quilos de cocaína

UM fotógrafo argentino, Juan Manuel Speha, de 24 anos, chegado do Brasil, foi detido sábado no aeroporto da Portela por ter em seu poder dois quilos de cocaína. A droga, avaliada em 25 mil contos, era transportada em quatro sacos, dissimulados numa pequena mesa de fórmica com fundo falso que fazia parte da bagagem do detido. Joan Speha era acompanhado por um cão que dá pelo nome de «Hitler». Esta foi a 24.ª apreensão de estupefacientes feita ao longo do ano em curso no Aeroporto de Lisboa, num total de 400 mil contos.

A ADFA e a guerra colonial



A propósito do artigo do nosso camarada de redacção Manuel Geraldo que, sob o título «Associação dos Deficientes das Forças Armadas apostada em escalar a guerra colonial», publicámos na edição especial do «DL» de 25 de Abril, recebemos da direcção daquele organismo uma extensa carta com o pedido de publicação, ao abrigo da Lei de Imprensa. Acontece que a carta não responde directamente às questões abordadas no artigo, limitando-se a fazer juízos de opinião e de intenção não esclarecedores,

porque não documentados, pelo que a consideramos não abrangida pelo direito de resposta. De concreto apenas um ponto: o actual presidente da direcção da ADFA, Lopes Dias, ao contrário do que é referido no artigo tem a patente de capitão e não de major. Aqui fica, portanto, a rectificação. Quanto a afirmações de Lopes Dias transcritas no texto, com base num despacho da ANOP, correspondem, em síntese, a dados constantes num documento distribuído pela ADFA.

Agente da PSP feriu-se a tiro

Um guarda da PSP de Algés que, ao perseguir um assaltante, foi vítima de um disparo da própria arma, regressou ontem a casa, após operação à mão atingida pela bala. José Luis Seixas Gomes, de 28 anos, perseguia na madrugada de sábado um dividiu que assaltara um armazém em Algés, quando, tropeçando num arame, caiu disparando-se-lhe a pistola que empunhava. O assaltante conseguiu escapar.

Prisão para motorista português

O motorista de pesados português Agostinho Anibal, cujo veículo deslizou numa encosta e esmagou um autocarro espanhol, matando seis pessoas, foi no sábado formalmente acusado em França de homicídio involuntário. Agostinho Anibal ficou sem combustível na passada

sexta-feira à noite. Estacionou o seu camião numa colina próximo de Perpignan com o travão de mão puxado. O camião deslizou e esmagou um autocarro de peregrinos espanhóis a caminho de Lourdes. Para além de seis mortos ficaram feridas 32 pessoas.

Septuagenário mata antiga companheira

No lugar de Livramento, em Bicesse (Cascais), um septuagenário matou a tiros de caçadeira a mulher com quem vivera maritalmente, enforcando-se em seguida. Martinho Roquete, de 78 anos, esperou a antiga companheira, Cacilda Torcato, de 58, viúva, no momento em que esta regressava a casa vinda do seu trabalho de encerradora. A vítima separara-se há meses de Martinho Roquete alegando maus tratos.

Prémio de reportagem para César da Silva



O jornalista César da Silva, da redacção do «Diário Popular», foi galardoado com o

Prémio Urbano Carrasco instituído por aquele vespertino para galardoar a melhor reportagem publicada nas suas páginas. «Descida aos Infernos da cidade», que veio a lume de 9 a 16 de Maio de 1983, foi o trabalho que deu o prémio a César da Silva. Entretanto, o Grande Prémio Urbano Carrasco, instituído para galardoar a melhor reportagem anual publicada em qualquer dos grandes jornais diários de Lisboa, não foi atribuído, tendo o júri considerado «que os trabalhos submetidos à sua apreciação não tinham as características requeridas por um prémio com o nome de Urbano Carrasco».

Assalto em Santiago do Cacém

Os escritórios dos estaleiros da firma Moniz Maia, em Vale Seco, nos arredores de Santiago do Cacém, foram assaltados no sábado, pelas 15 horas, por dois indivíduos mascarados, que empunhando caçadeiras de canos serrados, levaram cerca de três mil contos em dinheiro. Os três funcionários presentes não resistiram e os dois assaltantes, que estão a ser procurados pela PJ de Setúbal, puseram-se em fuga num automóvel que os aguardava no exterior.

Conflito com o Governo debatido em Setúbal

Autarquias recusam encargos com ensino a partir de Outubro

«Provavelmente, em Outubro vai haver manifestações em frente das Câmaras Municipais por causa dos problemas do ensino» — eis uma síntese do sentir de cerca de três dezenas de autarcas que participaram, no sábado, em Setúbal, no Encontro Nacional sobre o Poder Local e o Ensino.

O tema central desta reunião foi a «descentralização de competências» a que o Governo tem procedido no âmbito do «pacote autárquico», com particular incidência no ensino. Aliás, o termo «competências» seria ele próprio contestado pelo representante de Évora que prefere chamar-lhe «novas tarefas, encargos e custos».

O grande problema que se põe às autarquias de todo o país é o encargo de assumirem, já a partir de Outubro, as responsabilidades com os centros de educação pré-escolar, escolas do ensino básico, transportes escolares, residências e centros de alojamento, actividades complementares da acção educativa e equipamentos para educação de base de adultos.

Francisco Lobo, presidente da Câmara de Setúbal, recordaria, a propósito, palavras de um funcionário do Ministério da Educação no Encontro: o nosso ensino está furado e pretende-se, agora, transferir para as autarquias esse «furo», a degradação existente.

O problema levantado com a transferência marcada para Outubro pelo Governo é que a situação actual vai agravar-se substancialmente. «São transferidas todas as carências de equipamento já existentes» — explicou Francisco Lobo.

«As Câmaras não têm meios para acorrer à construção de equipamentos escolares e o Es-

tado desde 1979 que não lança uma sala de aula no ensino primário» — acrescentou.

A verdade é que as autarquias, pelo menos muitas delas, têm desde então vindo a substituir a acção estatal nesse domínio. O vereador Matos, que participou na conversa com os jornalistas, lembrou que a Câmara do Seixal fez, desde 1979, um total de 160 salas de aula devidamente equipadas, em construção definitiva, contrariando a tendência actual para os pré-fabricados.

Sem consultas

A acção do Governo no caso concreto do ensino, como nas restantes matérias, foi altamente criticado na reunião de Setúbal, particularmente pelo carácter das consultas feitas. «Pseudo-consultas» às autarquias, foi como lhe chamaram os participantes do Encontro de sábado, dizendo que foram ignoradas as associações sindicais mais directamente ligadas aos problemas em causa. Ainda assim, o conjunto das medidas legislativas foi contrário às opiniões expressas.

«Este Encontro não pretende considerar encerrada a discussão sobre a problemática do ensino e o Poder Local» — disse, na sessão de encerramento, o presidente da Câmara de Setúbal. A denúncia da situação e a responsabilização do Governo, as informações aos alunos e as reuniões com os seus encarregados de educação e a intenção de sensibilizar a Assembleia da República, os grupos parlamentares e outras estruturas do Poder figuram entre as conclusões do Encontro.

As reivindicações aprovadas incluem, entretanto, a revisão do decreto-lei sobre delimitação

de responsabilidades em sectores de investimentos e da Lei do Orçamento deste ano, «eliminando qualquer encargo das autarquias com pagamento de professores e pessoal auxiliar das escolas».

Além disso, pretendem os autarcas e os representantes sindicais que seja feita imediatamente a transferência «para as autarquias das verbas necessárias para assumir os encargos com os transportes e acção social escolar». E, ainda, se reivindica a partir do Encontro de Setúbal, a «revisão de todo o pacote anti-autárquico, designadamente através do seu debate na AR».

Exemplo de Évora

Um vereador da Câmara de Évora fez, no Encontro de Setúbal, uma intervenção em que chama a atenção para as consequências, na generalidade, da aceitação da actual legislação, especificando exemplos do seu concelho.

A intervenção do vereador Andrade Santos teve, desde logo, o mérito de fazer contrastar os números oficiais previstos para os encargos a suportar pela Câmara de Évora (24 mil contos) com os previstos pelos próprios serviços municipais (53 mil).

Alguns exemplos de despesas certas que recairão obrigatoriamente sobre a autarquia eboresense se se concretizar a presente legislação: transportes escolares 14 mil contos; alimentação 3300; conservação de edifícios 5200. Mas as despesas prováveis indicam que com a alimentação poderão efectivamente ser gastos mais 12500 contos; com pessoal auxiliar 15500 e 350 com educação de

adultos.

O esclarecimento da situação deficitária que assim poderá transitar para a responsabilidade do município fica patente com as necessidades actuais de edifícios escolares, calculadas em valores que vão dos 60 aos 80 mil contos.

Mas o que aqui fica, de forma resumida para o caso de Évora, tem aspectos quase dramáticos para muitos outros concelhos. É o caso de Santiago do Cacém, onde a extensão do território concelhio obriga a elevadíssimos encargos com os transportes escolares.

O vereador Matos, do Seixal, diria, por seu turno, que só no seu concelho a rede de transportes custa cerca de 30 mil contos por ano. A essa verba há que acrescentar os 15 mil contos do leite escolar e tantas outras obrigações que, embora de forma incompleta, têm vindo a ser assumidas directamente por verbas do OGE.

A análise destes números permitirá conclusões evidentes. Dizia-nos um autarca: «Incapaz de dar resposta aos problemas do País, o Poder Central tem agora por objectivo imediato desconcentrar para as autarquias tarefas em sectores profundamente degradados, descentralizando a crise para os órgãos do Poder Local».

As Câmaras, não só as que estiveram presentes em Setúbal, têm vindo a manifestar a sua incapacidade para assumirem as intenções governamentais. O resultado, muito provavelmente, far-se-á sentir a nível de cumprimento do preceito constitucional que reza assim: «Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidade de acesso e êxito escolar».

Água tornou-se fonte de problemas

O plenário da população de Gonçalo decidiu não pagar as taxas de ligação de água da rede a suas casas, convidando simultaneamente o presidente da Câmara da Guarda a explicar-lhe a exigência do pagamento e os critérios usados.

O abastecimento domiciliário de água tornou-se um problema para os gonçalenses quando receberam avisos da Câmara da Guarda para pagarem na junta de freguesia as taxas de água e de esgotos.

A população alega, contudo, que não foi prevenida de que teria de pagar essas taxas. Mas notórias se tornaram «situações injustas e insustentáveis», de que é exemplo a apresentação de avisos de 20 e mais contos a reformados com mensalidades de 3900 escudos.

Os habitantes de Gonçalo, uma pequena freguesia rural de fracos recursos económicos, consideraram no plenário que não podem ser responsabilizados pelos «erros e atrasos verificados na condução das obras», o que levou ao seu encarecimento.

O plenário elegeu, igualmente, uma comissão representativa que na posse de uma exposição reforçada por 265 assinaturas tentou chegar ao presidente Abílio Curto. Não passou do vereador Saraiva e do vereador Brito.

A comissão não conseguiu concretizar os seus objectivos: foi-lhe recusada representatividade e acusa o vereador Brito de se ter refugiado «em meras questões formais».

Duas vitórias para o CDS, uma para o PSD

APU ganhou freguesia no Nordeste transmontano

O CDS ganhou as eleições em duas das quatro Juntas de Freguesia que tinham eleições intercalares no passado fim-de-semana. Aconteceu em Alconçosa (Fundão) e em Santa Marinha (Seia). O PSD saiu vencedor, por sua vez, na Achadinha (Açores), enquanto a APU passava a gerir os destinos de Santo André (Montalegre), com uma maioria de 13 votos sobre os social-democratas.

No caso de Alconçosa, apenas se apresentou uma lista a sufrágio, sob o lema «Pelo Progresso de Alconçosa» e encabeçada por José Correia Henriques, que pela terceira vez foi

reeleito. Votaram 317 dos 613 eleitores inscritos, mas só 272 foram favoráveis à lista apresentada.

Em Santa Marinha verificou-se também uma vitória do CDS: dos 893 inscritos votaram 458 cidadãos, dos quais 297 no CDS, 115 no PS e 26 na APU. O cabeça de lista eleito para JF foi Armando Fonseca. O PSD não concorreu, o que faz supor uma transferência de votos dentro da «AD», que já antes tinha a maioria nesta freguesia que é a mais populosa do concelho de Seia e das mais industrializadas.

A consulta feita em Achadi-

nha permitiu apurar os seguintes resultados: 440 eleitores inscritos, 269 votantes, dos quais 162 no PSD, e 83 no PS. Os socialistas tinham a maioria mas demitiram-se como protesto pela aprovação da lei da despenalização do aborto. Deram, agora, a vitória ao social-democrata Luís Gonzaga Torres.

A APU, por sua vez, obteve a gestão na freguesia de Santo André, com o mesmo presidente, João Barros Moura, que anteriormente tinha sido eleito pelos socialistas. Havia 313 eleitores inscritos, votaram 187, dos quais 92 na APU e 79 no PSD.

Presidente tem processo-crime

Junta de Aldoar recupera 1192 contos desviados

O presidente da Junta de Freguesia de Aldoar, José Manuel Cayolla Boneville — eleito pelo CDS para aquela autarquia portuense — já repôs os 1192 contos que havia desviado. Tal procedimento, embora seja de levar em conta, não invalida o processo-crime por abuso de confiança que já corre termos na Polícia judiciária.

Pelas diligências efectuadas até agora, poder-se-á concluir que José Boneville contou com o segredo cúmplice do chefe da Se-

cretaria da Junta para levar por diante o seu plano. Por outro lado, sabe-se agora que o primeiro «desvio» foi praticado em Abril do ano passado quando, a pretexto de uma deslocação a Lisboa, levantou uma verba, sem nunca ter apresentado os documentos comprovativos de tal viagem.

Qual bola de neve, os desvios foram-se sucedendo, quer através da apropriação de cheques destinados à autarquia, quer retirando importâncias do fundo de maneio. Até que foi chegado o

momento de apresentar contas e, então, conforme o «DL» noticiou, o presidente da Junta de Aldoar retratou-se perante os seus colegas de executivo que, como é óbvio, tiveram de dar conhecimento aos membros da Assembleia de Freguesia e, também ao governador civil do Porto.

A partir da descoberta do desvio, José Boneville deixou de exercer as suas funções, passando o lugar a ser ocupado interinamente pelo secretário da Junta, Domingos Soares (PSD).

Afirmou Eduardo Pereira nas comemorações do Porto

“Soldados da GNR foram instruídos para utilizar o diálogo e a persuasão”

O ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, afirmou ontem no Porto, durante as cerimónias de comemoração do 73.º aniversário daquela força paramilitar que «a GNR não persegue nem grupos nem ideias» e que os seus elementos «foram instruídos para utilizar o diálogo e a persuasão, sendo o uso da força o último recurso».

Os soldados da GNR, disse, «estão educados no respeito pela Constituição e pela lei, que juraram respeitar e cumprir, só recorrendo a outros meios quando aqueles que pretendem alterar a ordem não percebem que não lhes são cometidos tais processos». Eduardo Pereira lamentou que o Governo não possa dotar a GNR de meios humanos e materiais «adequados às suas necessidades», tendo em conta «o esforço que a missão exige e o desgaste que reproduz».

«Tendo a austeridade que tocar a todos, a Guarda saberá redobrar de esforços, aguardando disciplinadamente por melhores dias. São estas virtudes que estamos a comemorar no dia da Guarda», concluiu o ministro.

Falando às tropas em parada, o



Forças da GNR desfilam frente à Câmara Municipal do Porto

comandante-geral da GNR, general Tomé Pinto, recordou por seu lado, todo o processo que conduziu ao estabelecimento em 1911 do primeiro batalhão da Guarda Nacional Republicana. Tomé Pinto sublinhou que «em democracia, mais importante que as armas, são as leis» e observou que é da sua «coordenação, complementarização e ausência de

vazios que deve resultar a força bastante para que a segurança seja mais possível».

O comandante-geral da Guarda exortou os militares da GNR a serem «a imagem da dignidade, da cordialidade, do muito querer e da determinação», a qual «aliada ao correcto e pleno cumprimento da lei fará» dos elementos da GNR «verdadeiros soldados da

grei, única forma de conseguirem o reconhecimento daqueles que servem».

Helicóptero oferecido pela RFA

Entretanto, a Guarda Nacional Republicana tem já ao seu serviço o primeiro de quatro helicópteros com que será equipada para a realização de operações diversas. O primeiro aparelho participou no desfile de ontem no Porto e foi oferecido pela República Federal da Alemanha.

Os helicópteros da GNR, identificáveis pela sua pintura branca com uma faixa lateral verde, na qual está inscrita a preto a sigla daquele corpo militar, são por enquanto operados por pessoal da Força Aérea, até que a Guarda disponha de elementos próprios especializados. Os aparelhos, do tipo «Alouette II», estão equipados para missões de controlo e fiscalização de trânsito rodoviário, transporte de feridos, procura de desaparecidos e perseguição de marginais, entre outras. Possuem ainda uma instalação de amplificação sonora para transmitir indicações para o exterior.

Recebendo dos interessados 50 a 200 contos

Falso engenheiro prometia casas da CML em Chelas e Telheiras

Alegando o bom relacionamento com um alto funcionário da CML um falso engenheiro agora detido pela Polícia Judiciária conseguiu obter largas dezenas de contos de pessoas necessitadas de habitação. Com cerca de 30 anos de idade, o presumível burlão, cuja identidade a PJ não revela, no respeito pelo bom nome e reputação a

que todo o cidadão tem direito, oferecia os seus préstimos e influência para materializar o sonho e solucionar o problema de quantos aspiram a uma residência mais ou menos digna.

No entanto, e apesar do propagado desinteresse e gratuidade da sua intervenção, obediência a imperativos morais,

como sublinhava, levou os interessados a entregarem-lhe quantias cujos montantes iam de 50 a 200 contos, que, como dizia, se destinavam apenas a despesas obrigatórias e ao pagamento das rendas iniciais. As habitações situavam-se nas zonas de Chelas e Telheiras.

Alguns dos pretendentes a

residências cansados de esperar apresentaram queixa à PJ, que apurou ter o falso engenheiro recebido 700 contos das vítimas já identificadas, mas admite que muitos outros tenham sido lesados e venham a apresentar-se na 1.ª Brigada da 7.ª Secção daquela Polícia, por onde correm as respectivas investigações.

Nos rios Tejo e Douro

Portugal e Espanha vão preservar espécies internacionais

Espécies de importância mundial vão ser protegidas por Portugal e Espanha que põem a hipótese de criar reservas internacionais nos rios Tejo e Douro.

A informação foi ontem prestada pelo ministro da Qualidade de Vida que desde há dias se encontra em Madrid, onde participou num seminário sobre os consumidores portugueses e espanhóis na CEE. António Capucho manteve uma reunião de

trabalho com a directora-geral do Ambiente de Espanha, Concepcion Saenz, para tratar de temas do seu departamento.

A directora-geral do Ambiente de Espanha, que se reuniu recentemente com o seu homólogo português, Carlos Pimenta, visitará proximamente Lisboa para tratar estes temas.

O controlo das águas nas zonas fronteiriças e a criação de um parque natural na parte es-

panhola, correspondente ao Parque português da Peneda-Gerês, são outras questões a tratar nesta visita.

António Capucho afirmou que o facto de não haver correspondência em Espanha ao Parque do Gerês provoca problemas para a defesa da ecologia na área portuguesa.

O ministro da Qualidade de Vida disse que este é, também, um tema de preocupação para o Governo Regional da Galiza.

Salvaguarda da zona do Ludo é tema em reunião internacional

A salvaguarda da zona do Ludo, na Ria Formosa, será debatida na reunião dos países subscritores da Convenção para a Conservação das Zonas Húmidas de Importância Internacional (RAMSAR), que hoje começou em Groningen, pequena cidade holandesa nos arredores de Amsterdão, prolongando-se até 12 do corrente.

O presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Almeida Fernandes, que representa Portugal na reunião internacional hoje inaugurada em Groningen, referiu anteontem em Lisboa que, quando Portugal ratificou a convenção, declarou ao seu abrigo a zona do Ludo e uma região do estuário do Tejo, na embocadura do Sorraia.

A zona da embocadura do Sorraia, abarcada pela reserva natural do estuário do Tejo, tem condições naturais excepcionais. Exemplo disso — acrescentou — é o facto de cerca de 75 por cento da população europeia de uma ave designada em geral no nosso País por alfaia passar uma parte do inverno na região.

Em 1980, quando Portugal ratificou a convenção RAMSAR, pre-

via-se que outras regiões do País fossem também declaradas zonas húmidas de importância internacional. Mas o processo não teve sequência...

Actualmente, está em estudo a declaração das zonas do Sapal de Castro Marim, do rio Sado, do Paul de Boquilobos, na Gólgã, e da ria de Aveiro — acrescentou Almeida Fernandes.

Entrega de reservas

Uma força da GNR, transportada em oito jipes, deu cobertura à entrega, a reservatórios não residentes na zona, de uma parte considerável das poucas terras que ainda restam à UCP «Terra Livre» em Cabeção, no

concelho de Mora, distrito de Évora. A nova reserva colocou assim em risco a sobrevivência de cerca de duzentas pessoas

que trabalhavam nas hortas integradas na referida UCP.

comunicação social

Sindicato dos Jornalistas

Diversos actos evocam

50 anos de sindicalismo e 10 de liberdade

Embora lutando com dificuldades materiais e humanas, a Direcção do Sindicato e uma Comissão de Sócios têm envidado todos os esforços para assinalar com dignidade e a máxima repercussão pública os 50 anos do SJ e os 10 anos de liberdade de expressão que este ano se comemoram em Portugal.

Procura-se, com um mínimo de meios, garantir algumas realizações, durante o corrente mês de Maio, depois de, com assinalável êxito, se ter realizado um convívio no Solar do Vinho do Porto, em Lisboa, no próprio dia em que o Sindicato dos Jornalistas completava 50 anos.

Já ontem, dia 6, no programa a «Festa Continua», na TV, foi dedicado aos jornalistas e ao seu Sindicato.

Para o próximo dia 17, está marcado um colóquio na Casa da Imprensa, subordinado ao tema «O desencontro da Informação com o público» — e desde já se chama a atenção para um dia na Feira do Livro, em data a designar, sobre os livros de jornalismo e os livros dos jornalistas.

Nos dias 25, 26 e 27 do corrente, na Feira Popular, estará patente ao público uma exposição, projecção de filmes e um espectáculo.

Sairá, entretanto, uma edição da revista «Jornalismo», inteiramente dedicada aos 50 anos do Sindicato e aos 10 anos de liberdade de expressão.

Durante o ano em curso, finalmente, proceder-se-á a uma edição de postais, sobre as primeiras páginas dos principais títulos publicados nos séculos XVIII, XIX e início do século XX.

Estas realizações, segundo o SJ, precisam ainda, para atingirem plenamente os objectivos, de contar com a tua adesão e, se possível, com a tua participação.

Fundamentalmente importa que os jornalistas participem nas realizações previstas para a Feira Popular, a Feira do Livro e o Colóquio.

Sobre todas estas iniciativas serão dados mais pormenores dentro de dias. «Mas importa, desde já, fazer tudo para que as empresas participem na exposição» — acentua o SJ.

“O Primeiro de Janeiro”

— protocolo de hoje

evita greve de amanhã?

Os trabalhadores do jornal «O Primeiro de Janeiro», matutino portuense, decidiram aceitar condicionalmente uma proposta do Conselho de Administração para a liquidação dos salários de Abril em duas prestações — soube a ANOP através da CT da empresa.

Em plenário que se efectuou nas instalações do jornal, e em que participaram mais de cem trabalhadores, estes aprovaram por unanimidade uma moção em que reafirmam «a firme vontade em continuar a luta pela viabilização da empresa e pela manutenção de todos os postos de trabalho».

Reafirmam também «o seu total empenhamento na valorização do jornal», o que consideram «uma das garantias para a viabilidade da empresa».

Nos termos da moção aprovada, sublinham que «a unidade em torno dos seus órgãos representativos, em particular a CT, é condição indispensável para a defesa dos seus interesses, que não deixaram ainda de estar ameaçados».

Em resumo: os trabalhadores do «PJ» decidiram aceitar a proposta do Conselho de Administração de pagamento dos salários de Abril em duas prestações de 50 por cento cada, a liquidar em 1 e 15 de Maio.

Condicionam no entanto esta aceitação à negociação, por parte do CA, de um protocolo de acordo a elaborar pela CT, estabelecendo as condições e prazos de pagamento dos restantes débitos. (A empresa deve aos trabalhadores 50 por cento do 13.º mês de 1983 e 16 meses de retroactivos salariais).

Este protocolo deverá ser assinado até hoje para ser desconvocada a greve prevista para o dia 8 do corrente.

Outra moção, aprovada sem votos contra e com quatro absenções, manifesta o apreço dos trabalhadores ao director do jornal, Pedro Feytor Pinto, «no convencimento de que este assumirá, em quaisquer circunstâncias, as atribuições que a lei lhe faculte e na estrita observância do estatuto editorial do jornal».

O director manifestara na quarta-feira a intenção de se demitir do cargo, mas suspendeu esta decisão a pedido de um numeroso grupo de trabalhadores que lhe afirmaram a sua solidariedade.

ANOP já tem direcção

O Conselho Geral da ANOP elegeu já a nova Direcção da Agência Noticiosa Portuguesa, que será chefiada por António Horta Lobo.

Horta Lobo, que é formado em economia e gestão de empresas pela Universidade de Paris, fez parte do Conselho de Gerência da ANOP durante cerca de três anos, de 1977 a 1980.

Os outros dois membros da Direcção eleitos são o vice-director, António Santos Gomes, e o vogal, João António Lima Pimentel.

Santos Gomes é o director dos Serviços Técnicos da ANOP e tinha sido eleito para o Conselho Geral da Agência como representante dos trabalhadores.

Lima Pimentel, director dos Serviços de Imprensa do MNE, faz parte do Conselho Geral da ANOP para onde foi indicado pela Secretaria de Estado da Cooperação.

A posse da nova Direcção da ANOP está marcada em princípio para o dia 10 de Maio, às 11 horas, nas instalações da agência, em cerimónia pública, para a qual será convidada a Tutela, a Imprensa e outras entidades.

Não obstante a oposição do Governo

Mútua dos Pescadores elegeu novos corpos gerentes

Associados da Mútua dos Pescadores elegeram ontem novos corpos gerentes para esta sociedade de seguros da pesca artesanal, apesar da oposição governamental — informa uma fonte da seguradora.

A assembleia geral da Mútua realizou-se em instalações próprias em Lisboa e, de acordo com a mesma fonte, elegeu a lista encabeçada por José António Bomba Amador, que se reivindica da continuação do trabalho dos corpos gerentes cessantes, por 1491 votos, dos 311 sócios presentes e sufrágios por delegação (1180).

A lista B, encabeçada por Renato José Alexandre Rolão, que era o presidente da direcção cessante, obteve zero votos — acrescentou.

A assembleia geral da Mútua estava inicialmente marcada para a Voz do Operário, em Lisboa, mas segundo Belmiro Alves, devido à presença de forças poli-

ciais para cumprir a determinação governamental de nomear uma comissão administrativa para a sociedade de seguros, foi transferida para local próprio da seguradora.

O informador, que se reivindica membro de uma comissão que defende a realização de eleições livres na Mútua, sustentou que a resolução governamental de 10 de Abril é inconstitucional.

«Ninguém ainda disse os motivos legais» por que o Governo decidiu destituir a direcção e o conselho fiscal da Mútua e nomear uma comissão administrativa — disse.

Belmiro Alves afirmou que o Conselho de Ministros invocou uma lei de Marcelo Caetano para a sua actuação e acusou o Governo de «tentar tirar a Mútua aos pescadores».

A escassa afluência às eleições — dos cerca de 22 mil pescadores e armadores com seguro na Mútua apenas votaram 1491

— foi justificada por Belmiro Alves com a actuação governamental e a «propaganda feita pela televisão e rádio de que a assembleia geral era ilegal».

De acordo com o mesmo informador, a situação que se vive na Mútua gerou-se em 25 de Março quando numa assembleia geral «se começou a desenhar a vitória da lista A».

«Os elementos da lista B, que estavam presentes e que tinham levado consigo um representante do Ministério do Mar, começaram então a provocar distúrbios, para que a assembleia fosse dissolvida» — acrescentou.

A continuação da assembleia foi então marcada para 15 de Abril, mas no dia 10 o Conselho de Ministros aprovou a resolução que nomeava uma comissão administrativa para a Mútua.

Quando no dia 15 entre 900 e mil pescadores compareceram na Voz do Operário para a assembleia geral — prosseguiu Bel-

miro Alves — a polícia tinha montado grande aparato no local e a reunião foi adiada para ontem.

A 3 de Maio — acrescentou — o Governo aprovou nova resolução «tentando destituir ilegalmente todos os órgãos da Mútua».

A Mútua — disse Belmiro Alves — é uma sociedade privada que antes do 25 de Abril de 1974 era controlada por Tenreiro e as Casas dos Pescadores».

Depois do 25 de Abril, a sociedade nunca esteve nacionalizada ou intervencionada, «passou a ser directamente gerida pelos pescadores».

Belmiro Alves sublinhou que o trabalho realizado pela gestão saída do 25 de Abril permitiu que a situação líquida activa passasse de 11 para 113 mil contos, entre 1974 e finais de 1983.

O relatório e contas de 1983 — acrescentou — apresenta um saldo positivo de 33 500 contos.

Política do Governo conduzirá à paralisia da Função Pública

— afirmou um dirigente da Federação

O coordenador da Federação da Função Pública acusou, no Porto, o Governo de seguir uma política que conduzirá à «paralisia da administração pública e à crescente desmotivação dos seus trabalhadores».

«Semelhante política só pode merecer a mais firme condenação e total oposição dos sindicatos dos trabalhadores da função pública, condenação e oposição que se alastram a sectores cada vez mais amplos» — acrescentou Carlos Mamede.

O dirigente sindical falava durante uma sessão evocativa dos «dez anos de liberdade sindical em Portugal», promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública.

Carlos Mamede destacou o «significado profundo» que o 25 de Abril representou para os tra-

balhadores da função pública, «impedidos que estavam de se associarem durante a ditadura fascista».

Num balanço sobre os dez anos de liberdade sindical, recordou a formação da federação e a ampliação e organização do movimento sindical naquele sector.

«Em 1977 havia doze delegações distritais e pouco mais de 100 dirigentes. Hoje existem no conjunto dos sindicatos, 29 delegações distritais e locais e um colectivo de mais de 350 dirigentes» — disse.

O tenente-coronel Mário Brandão, da Associação 25 de Abril, esteve presente na sessão e dirigiu uma mensagem de saudação aos trabalhadores da função pública.

para um "debate sério na TV"

ORT's do sector público desafiam o Governo

Reunidos para analisar a situação criada com a publicação, em 20 de Janeiro, do decreto-lei que regulamenta o funcionamento dos órgãos de gestão das empresas públicas, os órgãos representativos dos trabalhadores e os gestores eleitos do sector desafiam o Governo para «um debate sério na RTP» sobre os problemas daquelas empresas.

Na reunião foi decidido «prosseguir e intensificar a luta» em todas as empresas e sectores

onde se verifique a ofensiva do Governo e dos conselhos de gerência (CG) visando desmembrar e liquidar o sector empresarial do Estado.

Relativamente ao Decreto-Lei 29/84, que consideram «inconstitucional» os representantes dos trabalhadores concluíram que se trata de uma «manobra do Governo» para, entre outros aspectos negativos, «tentar prolongar o não cumprimento da lei em vigor».

Sindicatos do Mar reúnem-se em Antuérpia

A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Mar anunciou que participa na reunião da Federação Internacional de Trabalhadores de Transportes que discutirá em Antuérpia os problemas das marinhas de comércio europeias.

A reunião, que se inicia amanhã, dará particular atenção ao

problema das «bandeiras de conveniência», isto é, o de atribuição aos navios de nacionalidades correspondentes a países que não subscreveram convenções internacionais, ou onde, por qualquer outro processo, as condições de trabalho não estão regulamentadas.

Esta prática permite condições excepcionais de concorrência no tráfego internacional, com manifesto prejuízo das frotas que se regem por normas nacionais ou internacionais de segurança e de trabalho.

Após a reunião da ITF em Antuérpia, está previsto que uma

delegação dos sindicatos do mar dos países da CEE entregue ao presidente do Conselho de Ministros da Comunidade um comunicado com os resultados do encontro e uma petição de soluções para os problemas que afligem os trabalhadores do mar da CEE.

economia

Antes da entrada de Portugal e Espanha

CEE reduz produção de vinho

Os excedentes deste ano davam para encher 16 mil piscinas olímpicas

Drenar o lago de vinho comunitário, que ameaça aumentar, ainda, de volume com a entrada de Portugal e Espanha na CEE, é o objectivo fundamental da reunião dos ministros da Agricultura da Comunidade Europeia que hoje principiou em Bruxelas.

A CEE já recentemente decretara medidas no sentido de baixar a produção excedentária de leite; chega, agora, a vez de baixar a produção de vinho, tendo o ministro francês da Agricultura, Michel Rocard, declarado que a adesão dos dois países ibéricos «não pode ser negociada sem uma reforma no sector vinícola».

O cenário da reunião dos ministros da Agricultura dos «Dez» é o da crise que a Comunidade

atravessa. Os observadores são unânimes em considerar que os ministros terão que encontrar soluções que acabem com os problemas dos excessos de produção agrícola.

No último dia de Março, os ministros chegaram a acordo sobre uma redução de 7,5 por cento na produção de leite, numa tentativa de reduzir as 900 mil toneladas de manteiga excedentes, tendo avisado, na altura, que outros cortes seriam posteriormente aprovados.

Os produtores mediterrânicos de uvas poderão vir, assim, a juntar-se aos produtores leiteiros do Norte, como vítimas da

crise financeira da Comunidade. As propostas de limitação da produção vinícola partiram da França.

Os excedentes deverão ser este ano de 30 milhões de hectolitros, na sua totalidade de vinhos correntes. Representam 30 por cento do consumo e são suficientes para encher 16 mil piscinas olímpicas.

A Grã-Bretanha produziu apenas 200 mil litros no ano passado e tradicionalmente não nutre grande simpatia pelos produtores franceses que foram responsáveis por 5,7 mil milhões de litros de vinho.

Todavia, as propostas de limitação partiram, surpreendentemente, da França, cujos 750 mil

produtores vinícolas recolhem a maior fatia dos 500 milhões de dólares de que a Comunidade dispõe para suportar os preços deste ano.

Devido sobretudo às falsificações de franceses e italianos quanto aos qualitativos das colheitas, a Comunidade já gastou toda aquela soma, pelo que mais 170 milhões de dólares terão de ser desviados no fim do ano para manter os preços.

Com a entrada da Espanha mais 500 milhões de litros de vinho serão «despejados» no lago comunitário, pelo que os responsáveis da CEE consideram que os preços garantidos têm de ser limitados.

Banqueiros do Golfo Pérsico chegam no dia 15

Uma missão de dez banqueiros e empresários do Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Omã visita Portugal a partir do dia 15 — informou a ANOP de fonte empresarial.

A mesma fonte acrescentou que a missão tem como objectivo inteirar-se das possibilidades de investimentos em Portugal e conseguir tecnologia e técnicos portugueses para projectos de desenvolvimento nesses países do golfo.

Para além de contactos com empresas e empresários privados, os banqueiros e homens de negócios árabes têm previsto estabelecer conversações com os dirigentes do Instituto de Investimentos Estrangeiros, do Comércio Externo de Portugal, de Participações do Estado e das Pequenas e Médias Empresas.

A missão — adiantou a fonte — procurará saber das intenções do Governo português em abrir em Abu Dhabi uma representação oficial comercial.

Jornais dos Emirados anunciaram em Abril que o Instituto do Comércio Externo de Portugal iria abrir a curto prazo uma sua delegação em Abu Dhabi com vista «a equilibrar a balança comercial entre os Emirados e Portugal, desenvolver a cooperação trilateral através de fundos árabes e, ainda, alargar a acção das exportações portuguesas nos países árabes do golfo».

Em 1983 Portugal comprou petróleo aos Emirados no valor de 12 milhões de contos e apenas exportou produtos no valor de 130 mil contos.

Progressividade dos impostos desmotiva os quadros

— garantiu o Presidente da CIP

«Os impostos extremamente progressivos e sem adaptação à inflação são responsáveis pela desmotivação dos quadros superiores de gestão das empresas», afirmou o presidente da Confederação da Indústria Portuguesa, Ferraz da Costa, numa conferência organizada pela Universidade Católica subordinada ao tema «Perspectivas Empresariais de Curto Prazo».

«O trabalho eficiente tem de ser bem pago, mas o trabalho ineficiente não pode ser tolerado» — acrescentou Ferraz da Costa que reafirmou «a necessidade de serem pagas indemnizações adequadas pelas nacionalizações para que haja investimento privado».

Ferraz da Costa defendeu a forte concorrência em todos os sectores incluindo as empresas nacionalizadas, afirmando que os empregados e trabalhadores «terão de aceitar que a sobrevivência não é garantida e que a responsabilidade é mútua e portanto deve ser fortalecida».

A Confederação da Indústria está a comemorar o 10.º aniversário da sua fundação estando marcado para hoje um «cocktail» em Lisboa em que será anunciado o programa das comemorações da superestrutura representativa do patronato industrial.

Revisão da legislação do transporte de superfície

— defendida no Encontro Nacional de Transportes e Turismo

Os participantes no primeiro Encontro Nacional do Transporte e Turismo aprovaram uma recomendação ao Governo, no sentido de rever a legislação sobre os transportes de superfície e o regulamento do transporte automóvel.

«Neste contexto, recomenda-se ainda o enquadramento coerente do tratamento específico dos transportes turísticos, o que significa, além do mais, a necessidade de revisão dos Decretos-Leis 375/82 e 326/83» — acrescentam.

O primeiro Encontro Nacional do Transporte e Turismo decorreu na Feira Internacional de

Lisboa e salientou «os reflexos negativos para o transporte e para o turismo da falta de definição de uma política aérea para Portugal, e de um plano integrado de turismo nacional».

Consideraram ser notória a falta de interligação por via aérea entre os principais destinos turísticos portugueses e deles com o continente americano.

Os participantes no encontro recomendaram ao Governo a adopção de uma filosofia política «criteriosa, realista e europeia», no domínio dos transportes rodoviários e ferroviários.

No que respeita às regiões turísticas e às infra-estruturas de transporte, foi focada a necessi-

dade de se agir segundo um plano nacional de transportes que contemple as necessidades do turismo para as diversas regiões «de forma articulada com outras necessidades sócioeconómicas, que cabe à função transporte satisfazer».

Neste enquadramento, foram apontados como «particularmente importantes para o desenvolvimento das regiões turísticas» os aeroportos e os grandes eixos da rede rodoviária monumental.

Foram assinaladas as carências em aeroportos das regiões Centro e Douro e, quanto a estradas, os eixos Porto-Vila Real, Aveiro-Vilar Formoso e Transal-

garve. Os participantes no encontro salientaram ainda o facto de «à descentralização do turismo não ter correspondido ainda uma descentralização da estrutura de transportes que permita uma efectiva tomada de decisões e o lançamento de iniciativas conjugadas a nível regional».

O Encontro Nacional do Transporte e Turismo foi promovido pelo núcleo para a actividade de transporte da AIP em colaboração com as Secretarias de Estado dos Transportes e do Turismo, cujos titulares, respectivamente Murteira Nabo e Joaquim Ferreira do Amara, estiveram presentes ao encerramento.

Entre acusações mútuas de irregularidades

Duarte considerado vencedor das "eleições" salvadorenhas

O Partido Democrata Cristão salvadoreño, anunciou hoje que os resultados não oficiais das «eleições» presidenciais de ontem mostravam que o seu candidato, **Napoleon Duarte**, segue à frente com 54 por cento dos votos.

A vitória de Duarte não foi ainda confirmada pelo Conselho Central de Eleições, cujas autoridades anunciaram serem os primeiros resultados do escrutínio divulgados, apenas na tarde de hoje.

Os resultados oficiais finais não serão, todavia, conhecidos antes do próximo fim-de-semana.

Napoleon Duarte foi considerado vencedor com 54 por cento dos votos expressos, tanto com base nos resultados não-oficiais compilados pelo seu partido, como por uma estimativa realizada por uma cadeia de televisão com sede nos Estados Unidos.

Entretanto, as forças de apoio dos dois candidatos à presidência salvadoreña começaram, logo após terminada a votação, a denúncia de irregularidades no processo nos territórios não controlados pela guerrilha.

A Democracia Cristã denunciou que militantes da Aliança Republicana Nacionalista (ARENA), do candidato ultradireitista Roberto D'Aubuisson, «ameaçaram os

vigilantes democratas-cristãos».

Segundo a DC, isso verificou-se em várias povoações da província de Sonsonate, em Nahuizalco, Zonsacate e Acacajutla.

«Membros da ARENA e da Guarda Nacional ameaçaram os vigilantes da Democracia Cristã e exigiram aos eleitores que votassem por esse partido», disse um colaborador do ex-presidente Napoleon Duarte, o outro candidato às eleições.

Elementos da ARENA, por seu lado, denunciaram que democratas-cristãos rodearam o povoado de Aropa, 12 quilómetros a Norte de El Salvador, e «expulsaram das assembleias de voto os repre-

sentantes desse partido» (ARENA).

Guerrilha activa

Guerrilheiros salvadoreños atacaram ontem a terceira cidade do país, San Miguel, forçando o Exército a entregar os impressos dos votos em tanques e provocando denso tiroteio, que fez 14 mortos, incluindo três civis, informaram as autoridades.

Os guerrilheiros que classificaram as «eleições» presidenciais de «farsa», atacaram também San Sebastian, cidade de 18 mil habitantes, 42 quilómetros a Leste de San Salvador e Jiquilisco, a 82 quilómetros.

O combate mais renhido deu-se, porém em San Miguel, uma cidade de 100 mil habitantes, a 95 quilómetros de San Salvador. Os guerrilheiros atacaram em três frentes, ao mesmo tempo que um grupo infiltrado na cidade abria fogo simultaneamente, a partir de um edifício no centro da cidade.

«Dois helicópteros norte-americanos que transportavam o embaixador Pickering, outros diplomatas e jornalistas estrangeiros, foram alvejados quando se preparavam para aterrar em San Miguel.

Nenhum dos ocupantes dos helicópteros ficou ferido, mas os aparelhos desistiram da aterragem, descendo numa localidade próxima.

Os visitantes tentavam observar as votações em San Miguel.

A guerrilha, afirmou hoje que os eleitores não votaram em 50 das 261 povoações do país.

A emissora oficial dos rebeldes, Rádio Venceremos, disse que os eleitores não votaram sobretudo nas províncias de San Miguel, Usulután, La Unión e Morazan.

No Panamá

O economista Nicolas Ardita Barletta parece estar a impor-se nas eleições presidenciais do Panamá, como candidato de uma coligação pró-governamental de seis partidos.

Quando estavam escrutinados cerca de 52 mil votos, de um total estimado em 800 mil, Ardita Barletta levava uma leve vantagem sobre o seu principal adversário, o candidato ex-presidente Arnulfo Arias Madrid.

Terroristas presos em Moçambique

As autoridades moçambicanas apresentaram ontem em comícios realizados em dois bairros de Maputo 16 elementos capturados de um grupo de 300 terroristas que tentaram infiltrar-se na capital, para reconhecimento, com o objectivo de sabotagens.

Um dos capturados, Arone Williams Hélder, disse a cerca de dois mil habitantes do Bairro da Liberdade que a sua missão era «reconhecer pontes». Foi capturado durante uma missão de reconhecimento na ponte da Machava, sob a qual passava a linha férrea de abastecimento do porto de Maputo e a 300 metros da central eléctrica de fornecimento da cidade.

Segundo a agência AIM, Arone Hélder, natural do Maputo, de 32 anos, foi detido no ano passado durante a «operação de limpeza da cidade de marginais e desempregados». Foi colocado na aqueduto da Maragra, de onde fugiu para se aliar aos inimigos do regime. Recebeu treino durante dois meses e fez várias operações «contra populações indefesas e centros económicos».

Em meados de Março foi integrado no grupo que tentaria a infiltração em Maputo, mas foi detido no dia 30 desse mês. A uma pergunta de um habitante da capital, durante o comício da sua apresentação, disse que lhe fora prometido um cargo de responsabilidade «quando Moçambique fosse independente».

Outro dos terroristas apresentados à população do Bairro da Liberdade, foi José Jamusse Botao, integrado na denominada «Resistência» desde 1979.

Foi ferido durante um recontro e levado para a África do Sul, onde esteve durante três anos — segundo a AIM.

Falando em Sena, uma das línguas comuns na província de Sofala, Botao disse ter-se especializado como pára-quedista e que foi largado próximo de Maputo em fins do ano passado, pertencendo também ao grupo de infiltração na capital.

Febres Cordero eleito presidente do Equador

O social-democrata Rodrigo Borja reconheceu hoje a sua derrota frente ao conservador Leon Febres Cordero nas eleições presidenciais de ontem, no Equador.

Os resultados oficiais das eleições só serão conhecidos dentro de algumas semanas, cabendo o seu anúncio ao Supremo Tribunal.

Segundo os resultados preliminares, Febres Cordero ganhou as eleições por 52,18 por cento de votos válido, contra os 47,8, do seu oponente. Estas percentagens referiam-se à contagem de 75,17 por cento dos votos, segundo dados do serviço eleitoral informativo do governo, organizado com o apoio de organismos jornalísticos.

Febres Cordero conseguiu

reunir vários partidos do centro e de direita e formou a Frente de Reconstrução Nacional, força que acusa o actual governo democrata-cristão de Osvaldo Hurtado de ter «destruído» o país.

Quando, a 10 de Agosto, próximo, herdar a presidência, deparar-se-lhe-á de facto um país imerso numa austeridade imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

O Equador tem uma dívida externa de 6600 milhões de dólares, consequência da era expansionista do petróleo, que representa quase 70 por cento das exportações deste pequeno país membro da OPEP.

O governo democrata-cristão de Osvaldo Hurtado, tendo a seu favor a consolidação da demo-

cracia e contra si a falha no cumprimento das promessas no campo económico, viu-se forçado a aceitar em Março do ano passado a receita do FMI.

O Sucre iniciou uma desvalorização diária foram eliminados os subsídios a alimentos e combustíveis.

Caberá agora a Leon Febres Cordero decidir manter ou anular os programas da administração Hurtado no que se refere a obras de infra-estrutura e programas educativos e sociais.

«Pão, tecto e emprego» foi o «slogan», retirado ao Partido Socialista, que lhe teria dado a vitória à segunda volta. Na primeira volta, o «slogan» de campanha de Febres era «Decisão nacional».

Terminada a visita à Coreia

Papuásia na rota do Papa

O Papa João Paulo II chegou hoje a Port Moresby, capital da Papuásia-Nova Guiné, país do Pacífico Sul que visitará durante três dias, no prosseguimento da sua digressão pastoral em curso.

O Papa foi recebido ao som de tambores e com exhibições de danças guerreiras no aeroporto de Jackson, uma antiga base da Força Aérea norte-americana, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mais de 20 000 pessoas aguardavam João Paulo II em Port Moresby, após um voo de cerca de oito horas desde Seul, no final da visita que efectuou à Coreia do Sul e que ficou assinalada por um incidente com um jovem, que, no domingo, disparou uma pistola de brinquedo contra o veículo papal, sem consequências.

As autoridades da Papuásia-Nova Guiné, país de três milhões de habitantes, com 40 por cento de católicos, mostram-se no en-

tanto, confiantes quanto à segurança do Papa, que iniciará a sua visita com a celebração de uma missa ao ar livre num estádio da capital, no qual deverão estar presentes muitas dezenas de milhares de pessoas.

Num gesto tradicional, o Papa beijou o solo após descer as escadas do avião, tendo depois cumprimentado os dirigentes locais.

O governador-geral, Kingsford Dibela e o primeiro-ministro católico, Michael Somare saudaram-no enquanto elementos de várias tribos indígenas, pintados e mulheres descalças dançavam e entoavam agradecimentos pela visita do «homem número um de Jesus».

À despedida da Coreia

Em breve discurso de despedida, o Papa voltou a manifestar, pouco antes de abandonar Seul,

As «primárias» nos EUA

Vitória folgada de Mondale no Texas

Walter Mondale venceu nas convenções locais de sábado passado no Texas e o reverendo Jesse Jackson nas primárias da Luisiana — foi anunciado em Washington.

«Os «caucus» do Texas, efectuados nas últimas horas de sábado, deram ao ex-vice-presidente, 51 por cento dos votos, 27 por cento a Gary Hart e 13 por cento a Jackson.

As autoridades eleitorais texanas salientaram que só amanhã se poderá saber como serão repartidos os 169 delegados em jogo nestas convenções locais, mas prevê-se que Mondale receba metade.

Tal número elevaria o número de delegados já adquiridos por Mondale a quase dois terços dos 1967 necessários para que tenha assegurada a sua escolha como candidato presidencial do

Partido Democrático, na Convenção Nacional de 16-19 de Julho, em São Francisco.

Na Luisiana, com 97 por cento de votos escrutinados, Jackson contava com 43 por cento, Hart 25 por cento e Mondale 22 por cento.

É a segunda vitória do dirigente negro numa primária, depois da que registou no distrito de Columbia. O voto negro foi muito grande, contrastando com a pouca participação geral.

Os resultados deverão dar a Jackson 25 delegados, elevando o total de que dispõe para 234, contra 1229 de Mondale e 666 de Hart.

Nos próximos dias, os três candidatos disputam 637 delegados em «primárias» e convenções locais na Carolina do Norte, Indiana, Maryland, Ohio, Oregon e Nebraska.

Baixa a popularidade de Margaret Thatcher

Só uma pequena percentagem de britânicos considera que vive melhor, após cinco anos de governo da primeira ministra Margaret Thatcher, revela uma sondagem publicada pelo «Observer».

A sondagem mostra que a maior parte das pessoas também não acredita que a mesma política governamental resolva os problemas do país a longo prazo.

A sondagem surge três dias após o Partido Conservador de Thatcher ter sofrido uma série de derrotas em eleições locais e nacionais. Perdeu dois lugares no Parlamento e mais de uma dezena de governos locais e reduziu a sua maioria em muitas outras autarquias.

O único assunto em que os britânicos estão satisfeitos com o governo é na questão da inflação, que baixou de 22 para 5 por cento em cinco anos.

Só 3 por cento dos interrogados pensa que a política governamental sobre o desemprego é boa, o mesmo acontecendo a 9 por cento quanto a Saúde e 8 por cento quanto a Educação.

Com um actual desemprego de 13 por cento no país, 15 em cada 16 pessoas considera que a política de emprego de Thatcher foi um falhanço.

Outros aspectos negativos da política governamental, segundo a sondagem, são o combate à pobreza, ao crime e ao racismo.

Libano: finalmente um Governo

O primeiro-ministro libanês, Rashid Karami, afirmou hoje ter chegado a acordo com um destacado líder cristão para completar o seu Governo e espera o apoio do líder chiita, Nabih Berri ao executivo.

«Foi alcançada uma compreensão total», disse Karami após um encontro no norte do Líbano com o ex-presidente Suleiman Franje, um católico maronita que boicotou a primeira reunião do Governo, não autorizando a participação do seu representante.

«Com a ajuda de Deus, conseguiremos ter êxito no esforço de salvação nacional», acrescentou o primeiro-ministro, em declarações à Rádio de Beirute.

Karami espera também chegar a acordo com o líder do movimento chiita AMAL, Nabih Berri, que se tem recusado a participar no Governo, que deveria ser integrado por cinco muçulmanos e cinco cristãos.

A Rádio de Beirute referiu que Berri tem exigido o cargo de ministro de Estado para a Reconstrução e para o sul do Líbano. Ainda não se sabe se Karami aceitará esta exigência ou se ele está convencido de que Berri aceitará um compromisso.

A participação de Berri é considerada vital para um Governo que deve agrupar líderes de todas as tendências para pôr fim a nove anos de guerra civil.

Fontes políticas salientaram que Berri poderia aceitar assumir responsabilidade especial pelo sul do Líbano e pelos trabalhos de reconstrução além de desempenhar o cargo de ministro da Justiça, e da Água e da Electricidade.

Esta seria uma maneira de acabar com a oposição de Berri sem criar novos Ministérios.

Ontem, Beirute teve um dia calmo, depois de intensos combates no sábado, que causaram pelo menos 20 mortos e mais de cem feridos.

A violência levou ao cancelamento de uma marcha de paz convocada por uma comissão privada.

O único manifestante presente na linha de confrontação que divide Beirute foi um jovem sentado numa barricada com uma rosa e um cartaz com a inscrição «Paz Agora».

Marcha de paz foi em Paris

Cerca de 600 libaneses tomaram ontem parte numa marcha da paz em Paris, que deveria coincidir com aquela que foi cancelada em Beirute.

«Sim à vida, não à guerra», «A paz deve viver» e «Solidariedade com a marcha de Beirute anuída pelos combates» eram os «slogans» inscritos nos cartazes escritos em árabe e francês, transportados no desfile por cristãos e muçulmanos.

A marcha começou em frente à Embaixada libanesa e terminou na torre Eiffel, com a multidão a cantar o hino nacional libanês. Não se registaram incidentes.

Os organizadores da marcha afirmaram que os que tomaram parte no desfile o fizeram a título individual, porque estão cansados com nove anos de guerra, e que não representavam qualquer facção política ou religiosa.

**MOBÍLIAS
USADAS
COMPRO — VENDÔ
TROCO**

ARMAZENS MÓVEIS JORGE
AV. ALMIRANTE REIS, 35
Telef. 83 21 61
(Defronte Igreja dos Anjos)



DESPORTO

Nacional de futebol

Benfica: palmas para um campeão

• Vizela, Académico de Coimbra e Belenenses cantam de galo.
Espinho em queda livre

O Benfica beneficiou da derrota do FC Porto frente ao Boavista (1-2) para se tornar campeão português de futebol da 1.ª divisão, pela 26.ª vez. Empatando no Estádio da Luz (1-1) com o Sporting, os benfiquistas deverão estar, neste momento, agradecidos a Jorge Silva e, principalmente, a Almeida, marcador do golo com que o Boavista bateu o FC Porto, no último minuto da partida, no Bessa.

Há já alguns anos que se afirma ser o campeonato decidido pelas chamadas «equipas pequenas», facto que teve plena confirmação com o Boavista a resolver, a uma jornada do fim, um dos campeonatos mais disputados dos últimos anos.

Enquanto na Luz se fazia festa, noutros campos jogava-se, com tremendos nervos, a permanência na divisão principal do nosso futebol. O Águeda empatou, no seu terreno (0-0, com o Setúbal), adiando para a última jornada a solução quanto à sua sorte na próxima época, o mesmo acontecendo com o Penafiel e Espinho, que empataram (também a zero) o encontro em que foram intervenientes, e com o Salgueiros, derrotado (1-2) no campo do Varzim. Outras duas equipas ainda em perigo de despromoção (Estoril e Farense) venceram os encontros que disputaram: Estoril, depois de ter estado a perder (0-1) se recuperou e bateu o Rio Ave (2-1). Quanto ao Farense, teve o mérito de bater (1-0) o Guimarães, equipa que, apenas há oito dias, infligiu uma das mais pesadas derrotas do Benfica em campeonatos.

Golos

A jornada rendeu apenas 15 golos e a tabela é a seguinte: 1.º Nenê (Benfica), 20 golos; 2.º Diamantino (Benfica), 19; 3.º Gomes (FC Porto), 18; 4.º Jordão (Sporting), 16; 5.º Manuel Fernandes (Sporting), 15; 6.º Jorge Silva (Boavista), 13; 7.º Manniche (Benfica), José Rafael (Farense) e Jorge Gomes (Brãga), 11; 10.º César (Águeda), Folha (Varzim) e N'Habola (Rio Ave), 10.

O fim

Domingo fecha-se o pano do Nacional da 1.ª Divisão, tal como nos restantes dois campeonatos maiores. A jornada engloba os seguintes jogos: Salgueiros-Boavista, Espinho-Varzim, V. Guimarães-Penafiel, Sporting-Farense, Portimonense-Benfica, V. Setúbal-Sp. Braga, Rio Ave-Águeda e FC Porto-Estoril.

Divisão 2

Entretanto, Vizela, Académico de Coimbra e Belenenses garantiram a subida à 1.ª Divisão. Os três primeiros das zonas Norte, Centro e Sul da 2.ª Divisão conseguiram, na penúltima jornada do campeonato, assegurar a promoção. O vizela é o

único estreante na 1.ª Divisão, enquanto Académico de Coimbra e Belenenses regressam ao grupo das 16 equipas principais.

Estes três novos primodivisionários substituirão equipas do escalão principal, mas destas apenas o Sporting de Espinho já tombou na 2.ª Divisão. As restantes duas automáticas despromoções apenas serão determinadas pelos resultados da derradeira jornada.

A ronda 29 do campeonato da 2.ª divisão registou os seguintes desfechos na Zona Norte: - Valonguense-Paços Ferreira, 3-1; Lixa-Valdevez, 4-2; Ac. Viseu-Sanjoanense, 1-2; Famalicão-Chaves, 0-0; Fafe-Gil Vicente, 3-0; Vizela-Riopele, 1-0; Feirense-S. Martinho, 4-0; Tirsense-Leixões, 2-1. Classificação: 1.º Vizela 40 pontos; 2.º Chaves, 37; 3.º San-

joanense, 27; 11.º Sacavenense, 25; 12.ºs Lusitano, C. Piedade e Silves, 24; 15.º Olivais e Moscavide, 22; e 16.º Esp. de Lagos, 21 pontos.

Divisão 3

Por seu turno, o registo do 3.º escalão foi este, no tocante à Série A: Aves - Monção, 3-0; Freamunde - Mogadourense, 6-0; Valenciano - Moreirense, 1-3; Mirandela - Merelinense, 1-1; Limianos - Vianense, 3-0; Taipas - Bragança, 1-0; Prado-Cerveira, 2-0; e Ponte da Barca-Felgueiras, 2-3. Líder: Aves, 43 pontos. Série B: Amarante - Paços, 0-1; Leça - Lourosa, 0-0; Ermesinde - Valadares, 1-1; Vilanovense - Ovarense, 3-2; Régua - Lamego, 8-1; Cesarense - Paivense, 0-1; Esmoriz - José Alves, 1-1; e União de Lamas - Marco, 3-1. Líder: Lou-

rinhense perdeu frente ao Torralta, por 0-2. A classificação é a seguinte: 1.º Benfica, 15 pontos; 2.º Sporting, 14; 3.º Torralta, 10; 4.º V. Setúbal, 8; 5.º Marinhense, 5; e 6.º Naval, 2 pontos.

Reinaldo no Braga

Dispensado pelo Boavista, na sequência de uma madrugada «acidentada», o ponta-de-lança Reinaldo já arranhou novo patrão: o Sporting de Braga. Assinou um contrato válido por duas épocas.

Monitores e árbitros

O Conselho de Arbitragem da Federação de Futebol promove cursos de formação de monitores a 19 e 20 do corrente (Coimbra e Porto) e 26 e 27 (Évora e Lisboa). Exame de promoção à 3.ª categoria nacional a 2 de Junho. De promoção à 1.ª e 2.ª categorias: a 3 de Junho.

«Futebol»

Tendo como director César Grácio (nome exponencial da Federação) o organismo que comanda o nosso jogo-rei acaba de editar mais um número da revista «Futebol» que agrupa os dois primeiros meses do ano corrente. Como habitualmente, transporta ampla matéria para análise ou recreação, nomeadamente textos da autoria de Manuel Sérgio, René Hongler, Robert J. Lederer, A.F. Creff, Joel Corbeau, Nicola Comucci, Manuel de Oliveira, Marques de Matos, Alessandro Marco Maderna, A. Cabral Faria, António Vicente e Olavo Malveiro.

TOTO BOLA

Concurso n.º 18

Benfica-Sporting		X
Boavista-FC Porto		1
Varzim-Salgueiros		1
Penafiel-Espinho		X
Farense-V. Guimarães		1
Sp. Braga-Portimonense		1
Águeda-V. Setúbal		X
Estoril-Rio Ave		1
Famalicão-Chaves		X
Tirsense-Leixões		1
U. Coimbra-Académico		2
Sesimbra-Belenenses		2
Esperança-Marítimo		X

As previsões do Totobola indicam entre 15 a 20 totalistas no concurso, em que cada prémio é de 23 947 079 escudos. Com 12 resultados certos prevêem-se de 1000 a 1200 apostas.

TOTO BOLA

jogue connosco

Concurso, n.º 19

Portimonense-Benfica		X
Sporting-Farense		X
Salgueiros-Boavista		1
Espinho-Varzim		1
V. Guimarães-Penafiel		X
V. Setúbal-Sp. Braga		1
Rio Ave-Águeda		2
S. Martinho-Vizela		X
Beira Mar-Elvas		1
Torriense-Alcobaça		1
Benf. C. Branco-Peniche		X
E. Amadora-Nacional		1
Odivelas-Barreirense		1



Grande penalidade: Gomes abre o activo. Tudo parecia risonho para os colegas do «Bota de Ouro»



Jorge Silva: tento de antologia

Boavista, 2-F.C. Porto, 1

João Alves provoca eclipse «azul-branco»

Para quem tem seguido a par e passo a carreira do FC Porto, nos últimos tempos, a derrota, frente ao Boavista, é motivo de alguma surpresa, já que, «à priori», tal resultado era tido como uma hipótese muito remota, dada a diferença de valor actual entre os dois velhos rivais portugueses. Desta feita, porém, aconteceu mesmo aquilo que poucos esperariam: o conjunto «azul e branco» não conseguiu pôr a «máquina» a funcionar e os «axadrezados», superiormente dirigidos por Alves (será que ainda não convenceu o seleccionador?), acabaram por triunfar, no derradeiro minuto, é certo, mas com inteira justiça.

Cheio como um ovo, o reduto boaviteiro foi palco de uma partida de autêntico campeonato, com a equipa da casa a dar muito boa conta de si e os portistas a experimentarem, desde muito cedo, extremas dificuldades para controlarem o jogo e, sobretudo, para chegarem à grande-área contrária. No meio-campo (zona fulcral onde se ganham e perdem jogos) os boaviteiros impuseram durante a maior parte do tempo a sua lei, ofuscando, quase por completo, o brilho de «estrelas» de primeira grandeza como Jaime Pacheco, Sousa e Frasco.

O FC Porto, que repartiu com o Boavista a iniciativa no início da partida, viria no entanto a colocar-se em vencedor através de uma grande penalidade muito bem apontada por Gomes (Borota para a esquerda, bola para a direita), na sequência de um derrube nítido (mas desnecessário) de Coelho a Frasco, dentro da área de rigor. Da Luz chegava ao

Bessa a notícia do golo do Benfica, que fez rejubilar a plateia «axadrezada», numa altura em que os portistas, coincidentemente, num corte infeliz de Adão (a enviar o esférico contra a barra da sua baliza), quase consolidavam a sua vantagem. A resposta do Boavista não tardaria e volvidos escassos oito minutos, foi a vez de Coelho lançar o pânico nas hostes das Antas ao rematar ao poste da baliza de Zé Beto, com este já batido.

À passagem da meia hora acentuou-se o domínio do Boavista, enquanto o FC Porto, de notando uma sobrançeria surpreendente, ia dando trunfos ao adversário que, por diversas vezes, esteve na iminência de marcar. Mas, nos momentos cruciais os arietes «axadrezados», mormente Almeida, não atinavam com a baliza de Zé Beto.

Após o intervalo (e iludindo, de certo modo, a expectativa dos milhares de adeptos portistas que se deslocaram ao Bessa) foi o Boavista que continuou a comandar as operações, com Adão (muito seguro nos cortes), Alves e Barbosa em plano de evidência. Os «axadrezados» beneficiaram, então, de vários pontapés de canto e livres, mas a muralha «azul e branca», não raras vezes reforçada por Gomes e Vermelhinho, parecia apostada em não dar facilidades. Mas eis que chegou a notícia de que o Sporting (depois de alguns «ameaços») havia logrado empatar o jogo com o Benfica. Em redor do rectângulo, reacendeu-se a chama «azul e branca», enquanto dentro das quatro linhas os portistas ba-

Continua na pág 14

Classificação

	J	V	E	D	G	P
Benfica	29	23	4	2	84-22	50
FC Porto	29	21	5	3	57- 9	47
Sporting	29	18	4	7	54-24	40
Braga	29	15	7	7	40-29	37
V. Setúbal	29	12	8	9	40-28	32
Boavista	29	12	7	10	36-30	31
V. Guimarães	29	13	3	13	40-41	29
Varzim	29	9	9	11	29-37	27
Rio Ave	29	10	7	12	30-34	27
Portimonense	29	10	6	13	27-35	26
Farense	29	5	11	13	29-50	21
Estoril	29	6	9	14	22-43	21
Penafiel	29	7	7	15	18-54	21
Águeda	29	7	5	17	24-50	19
Salgueiros	29	5	9	15	22-41	19
Espinho	29	5	7	17	17-42	17

DESPORTO



Golo de Kostov deu verdade ao «placard»



Tento anulado aos «leões» por um árbitro manejado por «Bandeirinha»

Benfica, 1-Sporting, 1

Abraço de dois novos irmãos

Pronto, acabou-se: a partir de hoje começa a construir-se lenda. Benfica revitaliza o título, Sporting alinha na festança, o grande «galo» portista foi, do outro lado, no Bessa, estar o «luvas negras» em dia de (categoricamente) explicar à concorrência que não pode ser arrojado fora da nau que vai demandar França sem (pelo menos) ter palavra no grande e honesto tribunal do Povo.

Ontem, na Luz, tudo acabaria em festa de todo o tamanho, não fora a lágrima agreste que deslizou pelas faces dos manos Bastos Lopes, quando (na hora de euforia, já na cabina) souberam que estavam orfãos de pai: e, para eles, não houve o champanhe que escorreu a rodos por muitas gargantas que, durante uma larga fatia dos 90 minutos, não tinham ganho para o susto depois de um Sporting fugido, do espantilho semanalmente avolumado de um galináceo de todo o tamanho autorizado por Katzirz a entrar na gaiola, ter batido o pé naquele risonho momento em que Kostov, aproveitando as pernas em arco circunflexo do enorme Oliveira, ter enfiado a bola pelo túnel a caminho do clarão que estava à mão de semear.

Foi (em muitos momentos) um jogo tão mediano e vulgar que, se contasse para aqueles troféus que a Associação proporciona para a limpeza de castigos, não mereceria mais que uma dúzia de linhas. E, mesmo assim porque estavam em trincheiras opostas os senhores do futebol lisboeta. Sporting que continua deitando às malvas o talento do professor Oliveira e (por lesão autêntica) não pode contar com Futre. Benfica sem o precioso Humberto Coelho que é (na verdade) o único patrão com direito a pódio por aquelas bandas. E, **last but not least**, mister John Toshack na plateia, já vestindo a roupagem do próximo treinador verde-branco, provado que está não existir em João Rocha qualquer pontinha de apreço pelos técnicos de lusa fala.



Cá temos o homem: corria o jogo, Francisco Rebocho virou costas à relva e botou faladura para a TV. Simplesmente inacreditável!

A «barraca» do fiscal

A mais talhada de melancia revelou como seria a arbitragem do juiz setubalense Marques Pires: é que, logo ao golpe de abertura, ao pontapé de saída que por sorte tocou a Jordão, permitiu dupla intromissão de Manniche na área loenina, o que deu origem a uma risada que continuou pelo tempo adiante quando o setubalense árbitro «internacional» fracassou totalmente no acompanhar dos lances e, caindo no toco e provinciano rigorismo de mandar retirar do banco vermelho um massagista que não fazia parte do lote numericamente autorizado, fez vista grossa a um dos mais inacreditáveis atentados à legislação do jogo-imperador, consentindo que o fiscal Francisco Rebocho, com o repouso dos Cabrais e no romance dos Eças, se permitisse ao luxo de dar entrevista à RTP com o jogo correndo nas suas barbas e o sujeito de costas viradas para a bola mas todo satisfeito para a posteridade. Confirmamos que, tanto o delegado técnico como a própria vergonha pessoal do **bandeirinha**, o en-



Romeu, Chalana, Pietra e Mário Jorge: até aqui a balança ficou equilibrada

caminhem rapidamente para o lar caseiro antes de nos antecipar novo Carnaval.

Katzirz: o «frango»

O Sporting, sem embarcar na aventura do ataque deliberado que a aparente contemporização benfiquista poderia admitir, fechava bem o caminho para a sua baliza quando Katzirz (provado que está ondularem as suas viagens entre o ótimo e o zero) soltou da manipula esquerda uma bola que cabia inteirinha entre dois daqueles imensos dedos: Chalana aproveitou a benesse e foi o fim do mundo nas hostes da **águla**, até porque Lito passava a vida a receber tratamento a rasgão na perna esquerda (foi à lateral doze vezes solicitar o bom do nosso Manuel Marques) e, na frente, a bola não se soltava, antes complicava a marcha, mesmo tendo em conta que Oliveira, num dos momentos de mediocridade, permitiu a Kostov o golo do nulo, já após um disparo vistoso e radical do espectacular Mário Jorge ter sido anulado por fora-de-jogo

posicional de Rui Jordão. Na opinião do árbitro, claro.

Com o «placard» equilibrado, toda a gente de transistor colado ao ouvido o tempo ia escoando: Benfica sem querer tentar ir mais além e Sporting dando a ideia de estar ali apenas como convidado, até dando recusas perante obstáculos tombados, a esfera passada de longes terras para o Bela com muitos senões que, nas suas redes, impede Sérgio de sair dos juniores para prolongar uma carreira semelhante à de Vítor Damas.

Festinha

Certo que o Benfica, quando era caso disso, não deixava um centímetro de terreno para o contrário manobrar a bel-prazer: correcto (igualmente) que, a certa altura, eram mais os abraços e as palmadinhas nas costas que a esgrima pelo êxito supremo, certamente porque ao Benfica tudo corria (no Bessa) pelo melhor dos mundos e aos

assinada por João Alves no palco axadrezado.

Para além dos pessoais-mos de Jordão, altamente perniciosos para a manobra comum, o Sporting jogou alguns degraus acima da trivialidade: Zezinho, Venâncio, Gabriel, Lito, Manuel Fernandes, Romeu, muito especialmente esse Mário Jorge que continua pedindo passagem para os voos mais longínquos, sobressairam da tal confusa craveira em que sempre morou Katzirz, que nada veio ensinar ao pé-de-obra nacional. Já o mesmo não poderemos dizer de outro estrangeiro (Manniche) que formou, ao lado de Chalana e Carlos Manuel, Shéu e Pietra. Alvaro e António Bastos Lopes, no lote superior de um Benfica onde os seus atiradores de plano superior foram pródigos em benesses e falhanços.

Quer dizer: no fim de um «show» que teve como ponto-topo a civilizada festança do título, a mácula maior fica na arbitragem, imprópria para consumo se não fosse obrigatório resgatar do afundamento de Marques Pires e Francisco Rebocho, a juventude de Rui Santiago que (pelos vistos) vai pertencer a outra história e, até pode ir muito; mais além que um chefe a quem não se pode outorgar liderança depois daquele tristonho arrastar de asa que marcou (negativamente) a tarde brilhante em que Portugal autorizou a que, no parque que é brinquinho e coração de Domingos Claudino, continuasse residindo o ceptro e a coroa de um futebol que tudo faz esquecer mesmo em mês de milagres.

Neves de Sousa

Sob a direcção de Marques Pires (Setúbal) que realizou um trabalho de mau nível e esteve acompanhado por Rui Santiago (bem) e Francisco Rebocho (péssimo) alinharam:

Benfica: Bento; Pietra, Oliveira, António Bastos Lopes e Alvaro; José Luís (Stromberg, 78 m), Shéu, Carlos Manuel e Chalana; Diamantino (Nené na 2.ª parte) e Manniche.

Sporting: Katzirz; Gabriel, Zezinho, Venâncio e Mário Jorge; Lito, Kostov (Morato, 80), Virgílio (Carlos Xavier, 70) e Romeu; Manuel Fernandes e Jordão.

Cartão amarelo para José Luís (4 minutos), Diamantino (16), Lito (16), Chalana (42), Manuel Fernandes (55) e Romeu (64). Gols por Chalana (17) e Kostov (65).



DESPORTO

Placard

Voleibol: nacional

Disputaram-se as 3.ª e 4.ª jornadas dos campeonatos nacionais de voleibol da divisão de honra. Na prova masculina o Esmoriz, na feminina o Leixões, prosseguem totalmente vitoriosos. Aliás, tudo se conjuga para que as formações da Barrinha e de Matosinhos revalidem a posse do título, já que o Espinho e o Atlético, ao serem batidos, sacrificaram imensas aspirações nas respectivas provas. Faltam, contudo, duas jornadas, em que algumas alterações são possíveis relativamente à definição dos próximos campeões.

Resultados do torneio masculino (3.ª jornada): FC Porto - Esmoriz, 1-3 e Sp. Espinho - Leixões, 3-2; 4.ª jornada: FC Porto - Leixões, 2-3 e Sp. Espinho - Esmoriz, 2-3. Classificação: 1.º Esmoriz, 8 pontos; 2.º Sp. Espinho e Leixões, 6 e 4.º FC Porto, 4. Feminino: 3.ª jornada: CDUP - Atlético, 1-3 e V. Guimarães - Leixões, 0-3; 4.ª jornada: V. Guimarães - Atlético, 3-2 e CDUP - Leixões, 0-3. Classificação: 1.º Leixões, 8 pontos; 2.º V. Guimarães, 7; 3.º Atlético, 5 e 4.º CDUP, 4.

Golfe: Títulos

Na Quinta do Lago (Algarve) disputaram-se os campeonatos nacionais de golfe. Vencedores: Filipe Salazar de Sousa (20 anos, Estoril, em 1.ª categoria), Jorge Oliveira da Silva (Lisbon Sport, na 2.ª categoria), Nuno Costa Campo (14 anos, Estoril, em 3.ª categoria). Triunfantes femininas: Graça Medina (Estoril), Maria Manuel Costa Basto (Oporto), Elza Buytaert Kuylen (Quinta do Lago), respectivamente na 1.ª, 3.ª e 4.ª categorias. Não se verificou competição em 2.ª categoria. A estorilense Fernanda Salgueiro foi (na 3.ª categoria) declarada campeã, porque a vencedora é estrangeira e somente fica com direito ao prémio financeiro.

Ciclismo: Guarda/Ciudad Rodrigo

Uma prova de ciclismo realiza-se em 22 de Junho entre a Guarda e Ciudad Rodrigo (Espanha). A competição insere-se no âmbito de um programa de intercâmbio cultural e desportivo entre as duas cidades fronteiriças e tem o apoio dos respectivos municípios. A corrida tem um percurso aproximado de 70 quilómetros.

União de Coimbra: direcção continua

A massa associativa do União de Coimbra votou por maioria absoluta a continuação da actual direcção por mais um mandato. Presidido por Júlio Ramos, o actual elenco apenas recebeu um voto contra de entre as largas dezenas de pessoas que se encontravam presentes no acto eleitoral. A direcção agora reeleita tem na essência, a mesma constituição apenas registando a entrada de Augusto Duarte e do antigo futebolista Vala para o Departamento de Futebol e mais três elementos para o apoio às modalidades amadoras.

Espanha: foi para Bilbao sangrenta 'Taça do Rei'

O Atlético de Bilbao «campeão de Espanha» conquistou a «Taça do Rei» ao vencer o Barcelona por 1-0, na final em Madrid. O único golo foi apontado aos 13 minutos, por Endica. A equipa basca conseguiu desta forma o «duplo», depois de há uma semana ter revalidado o título de Espanha. O Barcelona disputará a «Taça dos Vencedores das Taças» e o Atlético de Bilbao a «Taça dos Campeões Europeus».

Sessenta pessoas foram assistidas no posto clínico do Estádio «Santiago Bernabéu» como resultado dos incidentes na final da «Taça do Rei». Fontes

médicas disseram que a maior parte dos feridos apresentava cortes provocados pelo arremesso de objectos.

Sola (jogador de Bilbao) sofreu comoção cerebral devido, segundo o seu treinador, a uma cabeçada de Diego Maradona, que lhe abriu o lábio inferior. Maradona, sofreu um pequeno corte num joelho, devido aos pitons de um adversário. O médico do Barcelona, disse que o jogador argentino estará afastado dos relvados pelo menos durante duas semanas.

Antes, sete adeptos do Barcelona perderam a vida no choque frontal do autocarro em que se-

guiam com um camião militar, na provincia de Guadalajara. Outras 50 pessoas (entre as quais dois soldados) ficaram feridas, 15 das quais com gravidade. Os adeptos do Barcelona seguiam para Madrid para ver jogar a sua equipa com o Atlético de Bilbao.

Itália: Juventus campeã

A Juventus tornou-se, pela 21.ª vez, campeão de futebol da 1.ª Divisão de Itália. Na penúltima jornada, a Juventus empatou com o Avellino (1-1); conseguindo uma vantagem de quatro pontos sobre o 2.º classificado, o Roma, que empatou no terreno do Catania (2-2).



O solitário êxito dos rapazes das Antas



Volta a Alvalade o trono andebolístico

Nacional de andebol

Sporting recupera título

O Sporting conquistou o título nacional masculino de andebol da divisão de honra, que nas duas últimas épocas estava de posse do Benfica. A equipa leonina respondeu à «chamada» exactamente no momento oportuno: denunciou mais capacidade físico-atlética quando os seus principais competidores acusaram a sucessão de jogos. A fase final, que decorreu no Pavilhão do Restelo, (Lisboa) foi disputadíssima, com resultados muito equilibrados entre o trio de principais candidatos. O escalonamento na tabela classificativa está perfeitamente condizente com a capacidade dos grupos em luta aceitando-se até, como corolário de um espírito de luta sempre patente, a vitória do FC do Porto (a única que conseguiu na «poule» final) sobre o Belenenses. Resultados das últimas rondas: FC Porto - Belenenses, 23-22 e Benfica - Sporting,

17-17; FC Porto - Sporting, 23-29 e Benfica - Belenenses, 26-27. Classificação: 1.º Sporting, 6 jogos e 15 pontos; 2.º Benfica, 6-13; 3.º Belenenses, 6-12 e 4.º FC do Porto, 6-8. Atletas campeões: Carlos Silva e Pedro Miguel (guarda-redes). Francisco Silva, Mário Santos I, Manuel Marques, Luzia, Franco, Brito, Areias, Rui Moreira, Carlos José, Mário Santos II, Luís Filipe, Carlos Correia, João Miranda e Pires (este foi o melhor marcador da fase, com 37 golos). Técnico dos campeões prof. Ângelo Pintado.

Benfica (feminino) no pódio

O Benfica, ao vencer ontem o Ginásio do Sul (19-14) conquistou o título nacional feminino da divisão de honra. Outra prova terminou ontem, o «nacional» masculino da 2.ª divisão: foi campeão o S. Bernardo (de Aveiro) ao bater no jogo da 2.ª «mão» o Boa Hora, por 36-32.

MICROSCOPIO

Ténis: Portugal eliminado

Portugal foi eliminado (em Oslo) da Taça Davis em ténis, quando a Noruega venceu o jogo de pares e conseguiu uma van-

tagem inultrapassável de 3-0. Os noruegueses Norten Renneberg e Terje Persson derrotaram João Maio e João Cunha e Silva por 8-6, 6-3 e 6-4. Na véspera, Cunha e Silva e Maio tinham sido derrotados nos dois primeiros singulares.

Jorram acusações na cascata do futebol

Sousa, presidente do C. N. de Arbitragem da FPF.

● «A muita indisciplina que campeia nos recintos de futebol é motivada pelas declarações dos dirigentes que incendeiam as massas associativas.» (Pinto de Sousa, presidente do CNA da FPF).

● «O major Valentim Loureiro tem prática de ditador e não merece a nossa confiança.» (Hernâni Ascensão, antigo - e futuro? - dirigente do Boavista).

● «Se chegassemos a um acordo com o F. C. do Porto queria lá saber das imposições da Federação.» (José Maria Pinho, presidente do Rio Ave, a propósito do local para realização da final da Taça de Portugal).

● «Na segunda parte não mostrámos a força que o Porto mostrou, mas todos sabemos de onde vêm essas forças e a nossa equipa tinha a força natural.» (Fernando Martins,

presidente do Benfica, após a derrota sofrida pelo seu clube nas Antas).

● «O futebol em Portugal é um escândalo.» (Viriato Lopes, ex-dirigente do Farense).

O escândalo não é o futebol, mas está no futebol pela via de alguns «responsáveis» fomentado pela crise de respeito que germina factores de tensão e de tranquilidade e mostra conceitos de fundamento indecifrável. Nós desejamos que os exemplos vindos «do alto» não colham adeptos e muito menos cultivem seguidores. Cremos que assim será, porque a intenção é uma coisa, outra é o resultado.

As ofensas e acusações que jorram na cascata do futebol não dignificam as instituições que acoitam os seus autores, pelo que trazer aqui a sua denúncia é tarefa que nos cumpre sem que para ela tenhamos a maior apetência.

Alves Henriques

Porto derrotado no Porto

Continuação da pag. 12

queavam, quase até à rendição, ante um golo de antologia de Jorge Silva que, repetindo o «bonito» rubricado frente ao Varzim (oito dias antes) burlou autenticamente Lima Pereira e «fuzilou» com onpe esquerdo, sem hipótese de defesa para Zé Beto. Um golo para figurar no álbum de família de Jorge Silva que, momentos antes de se iniciar a partida, dizia a um camarada da rádio que ia dar tudo por tudo para derrotar o Porto e ajudar o Benfica (seu próximo patrão) a conquistar mais um título.

Reagiram os portistas, como até então não o tinham feito. Borota foi obrigado a dar nas vistas para segurar um remate de Jaime Pacheco que levava o rótulo de golo e, entretanto, António Morais refrescava o seu conjunto, operando duas substituições de uma assentada: saíram Eduardo Luis e Jaime Magalhães e entraram Costa e Walsh. Desenhava-se a contra ofensiva portista, que viria a encontrar pela frente forte oposição, não só por banda dos «axadrezados» mas também por parte do trio de arbitragem que, subitamente perdeu o sentido de equilíbrio que vinha denotando, passando a somar erros atrás de erros, alguns, por sinal, dignos de palmaria.

Bem tentaram os portistas, num derradeiro «forcing», desfazer a igualdade comprometedora: era evidente o descontrolo, do mesmo modo que sobres-

saíam o improviso e a falta de sincronização. Jogavam mais com o coração do que com a cabeça, esta a rolar em definitivo, num golpe de génio de João Alves que, mesmo sobre a hora, ofereceu a Almeida a possibilidade de desfeitar Zé Beto com um soberbo «Chapéu» que ficou a constituir, de parceria com o «golão» de Jorge Silva, um dos mais belos apontamentos de futebol que nos foi dado assistir nos últimos tempos.

Manuel Neto

Hóquei: trono no Porto

O FC Porto é o virtual campeão nacional de hóquei em patins, ao bater no seu pavilhão o Oeiras por expressivos 12-5, em confronto da 27.ª jornada da prova. A turma portista revalidou o seu ti-

tulo quando faltam ainda três rondas para o termo da competição.

Resultados da jornada de sábado: Famalicense-Belenenses, 9-3; Oliveirense-Sporting de Tomar, 3-8; Alenquer-Sesimbra, 1-



Antas: «azuis-brancos» magníficos perante o Sporting

Bibliografia desportiva

Setemetros

Revista técnica de andebol, «Setemetros» (edição bimestral) vai no n.º 9, comandada por João Paulino, que tem a seu lado Fernando Jorge, João Barata, João Prudente, Olavo Malveiro e uma vasta legião de colaboradores. Debruçando-se sobre o momento e os específicos problemas de uma das modalidades desportivas de maior popularidade em

tudo o mundo, «Setemetros» recolhe o unânime apoio e o mais incondicional aplauso de quantos admiram o andebol e vibram com as proezas dos melhores executantes. Neste número de «Setemetros», especial destaque para artigos com a assinatura de Acácio Rosa, João Florêncio, A. Teixeira Marques, Tadeusz Bregula, Miguel Roca Más, José Fernando Cruz, Henrique Fernandez e Melendez Falkowski.

DESPORTO

Grande Prémio de S. Marino

Segunda vitória de Prost

O francês Alain Prost, em McLaren, venceu ontem o Grande Prémio de Fórmula Um de S. Marino e consolidou a sua posição de líder no Mundial de Condutores. Na 2.ª posição classificou-se René Arnoux da França em Ferrari seguido do italiano Elio de Angelis em Lotus, mas com uma volta de atraso. Prost conquistou a sua segunda vitória em quatro provas já disputadas esta época, tendo tomado o comando do Grande Prémio de S. Marino logo de início.

O brasileiro Nelson Piquet, que esteve praticamente sempre na segunda posição na prova, acabou por desistir, quase no fim do Grande Prémio com problemas no turbo do seu Brabham.

Outra vítima de problemas mecânicos foi o Ligier do italiano Andrea de Cesaris. O piloto italiano foi obrigado a abandonar a competição na 58.ª volta quando o seu carro perdeu a potência e sofreu um despiste.

O inglês Derek Warwick em Renault terminou na quarta posição seguido do alemão-federal Stefan Bellof, (Tyrrel) e do belga Thierry Boutsen, em Arrows, todos com uma volta de atraso em relação a Prost. Classificação: 1.º Alain Prost, França, McLaren, uma hora 36 minutos 53.678 segundos; 2.º René Arnoux, França, Ferrari, 1.37.07.095; 3.º Elio de Angelis, Itália, Lotus, uma volta de atraso; 4.º Derek Warwick Inglaterra, Renault, 1; 5.º Stefan Bellof, RFA, Tyrrel, 1; 6.º Thierry Boutsen, Bélgica, Arrows, 1; 7.º Andrea de Cesaris, Itália, Ligier, 2;

8.º Eddie Cheever, EUA, Alfa Romeo, 2; 9.º Mauro Baldi, Itália, Spirit, 2; 10.º Jonathan Palmer, Inglaterra, RAM, 3; 11.º Martin Brundle, Inglaterra, Tyrrel, 5; 12.º Philippe Alliot, França, RAM, 7.

Classificação do Mundial após o G.P. S. Marino

O Mundial está assim: 1.º Alain Prost, França, 24 pontos; 2.º Derek Warwick, Inglaterra, 13; 3.º René Arnoux, França, 10 e Elio de Angelis, Itália, 10; 5.º Nikki Lauda, Áustria, 9 e Michele Alboreto, Itália, 9 e Keke Rosberg, Finlândia, 9; 8.º Riccardo Patrese, Itália, 3 e Eddie Cheever, EUA, 3 e Stefan Bellof, RFA, 3.

Classificação do Mundial de Marcas: 1.º McLaren, 33 pontos; 2.º Ferrari, 19; 3.º Renault, 14; 4.º Lotus, 10; 5.º Williams, 9; 6.º Alfa Romeo, 6.

Na sua agenda

CICLISMO: a Federação e o «Jornal de Notícias» promovem, a 10 de Junho, em corrida directa, o Porto-Lisboa para seniores A e profissionais. A ligação Lisboa-Pombal-Porto terá lugar a 9 e 10 de Junho e destina-se a amadores seniores B.

BASQUETEBOL: entre 3 e 10 de Junho, em Mafra, a Federação realiza uma vasta acção com treinadores.

VOLEIBOL: assembleia geral da Associação de Lisboa a 14 do corrente, para discussão do relatório e contas da gerência 82/83.

Luis Domingos (Olhanense): o melhor à pedalada na Região de Setúbal

Luis Domingos (do Olhanense) e a equipa da Ajactto venceram o primeiro «Grande prémio de Ciclismo da Região de Turismo de Setúbal», que terminou ontem na cidade de Bocale.

A prova (de cinco etapas, repartidas por três dias) teve 544 quilómetros de extensão, percorridos à média geral de 36,702 km/hora.

A última tirada (ontem, 152 quilómetros entre Alcácer do Sal e Setúbal) foi ganha ao «sprint» por Carlos Santos (Lousa) com 4 horas, 36 minutos, 2 segundos, seguido pelo seu companheiro de equipa Alexandre Rua e por Paulo Ferreira (Sporting) com o mesmo tempo.

O «prémio da montanha» foi ganho por Venceslau Fernandes (Ajactto) com 15 pontos, seguido de José Barbosa (Loulé) 10 e José Poira (Lousa) 9. Por pontos venceu Carlos Santos (Lousa) 30, seguido de Carlos Marta (Sporting) 22 e Bernardo Sousa (P. Ferreira) 15.

Os melhores na tabela geral: 1.º Luis Domingos (Olhanense) 14.52.37; 2.º Joaquim Carvalho (Ajactto) 14.54.17; 3.º António Palma (Tavira) 14.55.15; 4.º Bernardo Sousa (Paços de Ferreira) 14.55.27; 5.º José Silva (Coimbrões) 14.58.15; 6.º Manuel Cunha (Ovarense) 15.04.53; 7.º António

Pinto (Ovarense) 15.07.11; 8.º Venceslau Fernandes (Ajactto) 15.07.33; 9.º Carlos Marta (Sporting) 15.08.19 e 10.º Adelino Teixeira (Lousa) 15.08.26;

Classificação final por equipas: 1.º Ajactto, 45.27.49; 2.º Tavira, 45.30.01; 3.º Paços Ferreira, 45.32.03; 4.º Colmbrões, 45.33.41; 5.º Ovarense, 45.39.46; 6.º Olhanense, 45.40.11; 7.º Sporting, 45.41.27; 8.º Lousa, 45.43.04; 9.º Loulé, 46.13.07.

Recorda-se que Bernardo Sousa (Paços de Ferreira) venceu a 2.ª etapa deste Grande Prémio, entre Tróia e Sines, passando Luis Domingos (Olhanense) a envergar a camisola amarela. O vencedor gastou três horas, 48,13 minutos para os 139 quilómetros da tirada, à média de 36,054 quilómetros/hora. Luis Domingos foi 2.º, Joaquim Carvalho (Ajactto) o 3.º e António Palma (Tavira), 4.º. Todos com o mesmo tempo. O pelotão, com Carlos Santos à frente, entrou cerca de 15 minutos depois.

Quanto à 3.ª tirada, o triunfador foi Manuel Cunha (Ovarense) que, entre Santiago do Cacém e Grândola, gastou uma hora 56.27 minutos nos 78 quilómetros da ligação, à média de 40.178 quilómetros hora.

A vitória (isolado) deveu-se a uma fuga com êxito que empreendeu a 20 quilómetros da meta. Carlos Santos (Lousa) na cabeça do pelotão, realizou 1.58.54, seguido de Carlos Marta, José Amaro e do francês Alain Dithuiz, (todos do Sporting). O «prémio da montanha» m Santiago do Cacém (de 3.ª categoria) foi ganho por José Poira (Lousa) e Carlos Santos passou em 1.º na meta volante, ao quilómetro 36. Por seu lado António Pinto (Ovarense) ganhou a 4.ª etapa contra-relógio individual disputado entre Torrão e Alcácer. O vencedor gastou 48 minutos e 37 segundos para cobrir os 35 quilómetros do percurso.

«Vuelta»

O francês Eric Caritoux (23 anos) ciclista praticamente desconhecido até há pouco tempo, inscreveu o seu nome Na lista dos vendedores da Volta à Espanha em Bicicleta, que terminou em Madrid.

Depois ficaram Alberto Fernandez (Espanha), a seis segundos; 3.º Raimundo Dietzen (RFA), a 1.33; 4.º Pedro Delgado (Espanha), a 1.43; 5.º Edgar Corredor (Colômbia), a 3.40; 6.º Julian Gorospe (Espanha), a 4.41; 7.º Patricio Jimenez (Colômbia), a 7.10.

Rosa Mota: 4.º lugar em Oslo

Rosa Mota classificou-se em 4.º lugar numa prova de dez quilómetros em estrada, em Oslo (Noruega). O triunfo na corrida feminina pertenceu à norueguesa Ingrid Kristiansen que gastou 31.25 minutos, contra 31.28 da sua compatriota Grete Waitz. A britânica Zola Budd (17 anos) ficou em 3.º lugar com 31.42 minutos e Rosa Mota ocupou o 4.º posto com 33.09 minutos.

Estudantes

José Brás (do ISEF) venceu o 1.º Grande Prémio de Atletismo do Técnico, aberto a estudantes universitários e secundários. José Grelha (Psicologia) e Mário Fonseca (Cidade Universitária) classificaram-se nas 2.ª e 3.ª posições.

No sector feminino ganhou Agustina Costa (Escola Secundária de Chelas) seguida de Teresa Mendes e Helena Rolin.

Interbombeiros

Carlos Monsanto (Bombeiros Voluntários de Pernes) venceu o 5.º Grande Prémio de Atletismo de Elvas, entre corporações de bombeiros.

O vencedor percorreu os cerca de 7.000 metros do percurso, traçado na cidade de Elvas, no tempo de 24 minutos, 26,30 segundos.

Nas 2.ª e 3.ª posições classificaram-se José Galgüinho, (Bombeiros Voluntários de Elvas) 24.28.40 e Januário Cândido, (também de Elvas). Por equipas venceram os Bombeiros Voluntários de Elvas, seguidos das Corporações de Campo Maior e de Vouzela.

Maratona: atleta morre

A maratona de Munique ficou tragicamente assinalada com a morte, em plena prova, do alemão federal Karl Kreeiser, de 54 anos. O veterano atleta, considerado um experiente maratonista, sucumbiu a um ataque cardíaco a 500 metros da meta, após ter corrido durante três horas e vinte minutos. A corrida foi ganha pelo belga Karel Lismont, medalha de prata na Olimpíada de Munique de 1972.

Recorde mundial

Sabine Paetz (RDA) estabeleceu novo recorde mundial de Heptatlo (6.868 pontos) num torneio disputado em Potsdam.

Nacional de Rallyes

Rota do Sol coloca Moutinho na rota do titulo

Joaquim Moutinho, fazendo equipa com Edgar Fortes, num Renault 5 Turbo, ganhou o Rally Internacional Rota do Sol, sexta prova do Campeonato Nacional de Rallyes.

Das 30 equipas participantes na prova organizada pelo Clube Automóvel da Marinha Grande apenas 21 chegaram a S. Pedro de Muel, apesar dos troços cronometrados serem todos alcatroados.

São Pedro-1, foi a 1.ª PEC deste rallye, onde Joaquim Moutinho, Joaquim Santos e António Rodrigues, testaram os seus carros, a fim de verem até que ponto se poderiam distanciar uns dos outros. Mas, o Renault 5 Turbo, não deu qualquer hipótese aos seus opositores directos e venceu esta prova de classificação com o tempo de 4 minutos e 0,3 segundos) deixando o Lancia Rali de António Rodrigues e o Ford Escort RS 1800 de Joaquim Santos a 10 segundos. Quanto ao Agrupamento A, um pelotão constituído por Jorge Ortigão (Toyota Corolla), Artur Salreu (Opel Ascona), Ramiro Fernandes (Fiat Ritmo 130) e Artur Lemos em Toyota Starlet, começaram nesta primeira prova de classificação a discutir o título do

respectivo agrupamento, enquanto no Grupo BN Manuel Mello Breyner ao volante do seu Audi 80 Quatro, desta vez, era acompanhado por Jorge Abrantes (Golf GTI) e António Alexandre em Citroen Visa GT, que obrigou o líder do Agrupamento a ter mais cuidado.

António Rodrigues, tentando recuperar algum tempo a Joaquim Moutinho, impôs um forte andamento com o seu Lancia Rali na 2.ª prova de classificação, denominada Ponte da Crastinha-1 com 5 quilómetros de extensão, e obteve o melhor tempo ao fazer 2 minutos e 25 segundos, menos 3 segundos que Moutinho e menos 6 que o Ford RS de Joaquim Santos.

Artur Salreu viu-se afastado da prova, em virtude de se ter despistado e capotado em seguida, no troço cronometrado, Ribeiro de São Pedro, altura que comandava o Agrupamento A, deixando este posto para Ramiro Fernandes seguido de perto por Jorge Ortigão.

Na segunda passagem por São Pedro, Joaquim Moutinho, aproveitando bem o tipo de piso, mais uma vez foi o vencedor deste troço, distanciando-se

ainda mais de António Rodrigues.

Os Escort RS de José Miguel e Carlos Bica lutavam entre si, para ocuparem a 4.ª posição. Este despique foi aliás uma constante durante o rally.

Ponte da Crastinha-2, foi a 5.ª PEC do Rota do Sol, onde Jorge Ortigão viu os seus intentos irem por água abaixo, pois o seu Toyota Corolla teve problemas eléctricos obrigando o piloto a desistir. Jorge Ortigão tem tido ultimamente bastantes azares, afastando-se cada vez mais da corrida para o título do Grupo A.

Diogo Paulo de Oliveira, que veio da Madeira para disputar o Nacional de Rallyes, desistiu na terceira passagem por São Pedro, em virtude do seu Opel Manta GTE ter problemas de caixa de velocidades.

No final da 1.ª etapa, Joaquim Moutinho tinha já uma vantagem de 1 minuto e 0,4 segundos sobre António Rodrigues e de 1.48 sobre Joaquim Santos. A quarta posição estava nesta altura ocupada por Carlos Bica. A escassos segundos encontrava-se José Miguel, que não desistia da troca de posição com o piloto da Duriforte. Manuel

Rolo e «Ojuara», ambos em Ford Escort RS, não alinharam à partida da segunda etapa, com problemas mecânicos.

Apesar de algumas tentativas efectuadas por Joaquim Santos e António Rodrigues para reduzir o tempo que os separava de Joaquim Moutinho, o piloto da Renault Portuguesa não deu qualquer hipótese aos seus seguidores.

Assim, nos 160,5 quilómetros, sendo 76,9 compostos por dez troços que constituíam a segunda etapa, o comando foi sempre de Joaquim Moutinho, enquanto o quarto lugar deixava de pertencer a Carlos Bica e era ocupado por José Miguel. António Rodrigues foi o vencedor de Ponto Novo - ao fazer menos 5 segundos que Joaquim Moutinho, que fez o segundo melhor tempo, enquanto o terceiro foi para Joaquim Santos com o tempo de 5.33.

Quanto à organização bem como ao secretariado, que funcionou no Hotel S. Pedro, em S. Pedro de Muel, podemos afirmar que funcionou em bom nível.

CLASSIFICAÇÃO FINAL: 1.º Joaquim Moutinho (Renault 5 Turbo) com 1 hora, 19 minutos e 59 segundos; 2.º An-

tónio Rodrigues (Lancia Rali) a 1 minuto e 12 segundos; 3.º Joaquim Santos (Ford Escort RS) a 2.34; 4.º José Miguel (Ford Escort) a 4.15; 5.º Carlos Bica (Ford Escort RS) a 4.48; 6.º Ramiro Fernandes (Fiat Ritmo 130) a 7.34; 7.º Ni Amorim (Escort RS) a 8.56; 8.º Manuel Mello Breyner (Audi 80 Quatro) a 11.57; 9.º Frederico Ferreira (Opel Ascona) a 13.27; 10.º Artur Lemos (Toyota Starlet) a 13.49.

Markku Alen (Lancia Rally) vencedor da volta à Corsega

O finlandês Markku Alen, em Lancia Rally, ganhou a Volta à Corsega, em automóvel, quarta prova do Mundial de Ralis. A Lancia conseguiu também a 2.ª posição, através do italiano Massimo Biasion, que ficou a 4.15 minutos de Alen, enquanto o francês Jean Ragnotti, em Renault 5 Turbo, ocupou o outro posto de honra, a 8.20 do primeiro.

O finlandês Ari Vatanen, comandante da prova no fim da segunda etapa, teve de abandonar no decurso da terceira e última etapa devido a um despiste do

seu Peugeot 205 Turbo em estrada molhada.

As informações iniciais que davam o piloto e o co-piloto, Terry Harryman, como ilesos, foram contrariadas pelo anúncio de que Vatanen sofreu uma ligeira fractura num ombro.

A Peugeot conseguiu alguma compensação na estreia do novo modelo pois nos últimos quilómetros Jean-Pierre Nicolas, em carro idêntico ao de Vatanen, ultrapassou na geral o sueco Stig Blomqvist, em Audi, ficando com o quarto lugar, a 19.54 de Alen.



PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo. Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION, TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

25

...PERDA DA CONTINUIDADE TEMPORAL...



ASSIM, SEI QUE ESTOU, NESTE MOMENTO, NO AVIÃO QUE ME LEVA AO AEROPORTO KENNEDY...



OS ACESSOS ESTRANHOS QUE ME ASSOLAM CRIAM ALGUNS PROBLEMAZITOS,

APERCEBO-ME DISSO...



MAS NÃO, JÁ NÃO ESTOU NO AVIÃO... SEM QUE EU DESSE POR ISSO PASSAMOS A ALFÂNDEGA...

E O SENHOR ALBERT REENCONTROU UM DOS SEUS INUMERÁVEIS CORRESPONDENTES...



SCHLOMO MEILSHEIM... UM JUDEZINHO HASSÍDICO DE BROOKLYN... E UM DOS MELHORES ESPECIALISTAS MUNDAIS DA CABALA...



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

SIDA: uma doença mais antiga do que se julga

Investigações paralelas em França e nos Estados Unidos, a que recentemente foi dada publicidade, trouxeram novo alento ao combate e controlo do SIDA, uma doença até agora mortal mas que poderá ser mais antiga do que se julga.

Um dos cientistas que descobriram a causa provável do síndrome da imunodeficiência adquirida disse julgar que a doença existe em África há milhares de anos.

Recentemente, investigadores zairenses afirmaram que o SIDA parece estar generalizado naquele país africano.

Isto soube-se depois de ter sido anunciado na semana passada, em Washington, que Robert Gallo, do Instituto Nacional do Cancro, tinha identificado o HTLV-3 (vírus linfotrófico de célula-T) apontado como a causa provável do SIDA.

A descoberta e a capacidade da produção maciça do vírus, também anunciada pela secretária norte-americana dos Serviços de Saúde e Humanos, Margaret Heckler, em conferência de Imprensa, poderá conduzir à cura da doença, que inibe os mecanismos de defesa do organismo contra as infecções e já atacou 4000 pessoas só nos Estados Unidos. Nenhuma delas recuperou e mais de mil já morreram.

Com a produção do vírus, os investigadores norte-americanos aperfeiçoaram uma análise ao sangue que dizem ter a capacidade de identificar o SIDA nas suas fases iniciais. Os bancos de sangue poderão começar a usar essa análise dentro de seis meses, evitando assim que a doença possa continuar a propagar-se por meio de transfusões.

Desde 1981, ano em que o SIDA foi detectado pela primeira vez, 83 norte-americanos, 30 dos quais hemofílicos, contrairam a doença após terem recebido transfusões de sangue.

Se os esforços dos cientistas forem coroados de êxito, admite-se a possibilidade de que dentro de dois anos esteja pronta para testes uma vacina contra a doença.

Antes disso, os cientistas terão de esclarecer se a causa do SIDA será o vírus HTLV-3 ou um outro vírus, LAV (vírus associado à linfadenopatia), que foi isolado há mais de um ano por uma equipa do Instituto Pasteur, de Paris, chefiada por Luc Montagnier.

Sabe-se que o SIDA tem atacado particularmente homossexuais masculinos e muitos investigadores acreditam que seja causado por um vírus. Fazendo uma amostra de um nódulo linfático de um homossexual de Paris que manifestou os primeiros sintomas da doença, a equipa de Montagnier isolou um vírus tão pequeno que só podia ser visto por meio de um microscópio electrónico extremamente potente.

Esmagando o nódulo doente e introduzindo-o numa sopa alaranjada rica em proteínas, a 38,3 graus centígrados, os médicos estimularam artificialmente o crescimento do vírus nele contido, um germe ultramicroscópico a que chamaram LAV.

O LAV tinha o perfil de um possível agente do SIDA. Matava células-T, o tipo de glóbulos brancos que escasseiam nas pessoas afectadas pela doença. Para além disso, constatou-se que era um retrovírus, um tipo de germe que vive sucessivamente fora e dentro das células que destrói.

No ano que decorreu depois dos seus resultados terem sido publicados, os investigadores do Instituto Pasteur descobriram provas da presença de LAV em sete de oito doentes com SIDA.

Enquanto isso, soube-se na semana passada que os seus colegas norte-americanos descobriram um vírus semelhante em 48 pessoas com SIDA ou com risco de a terem. Os mesmos cientistas também examinaram 115 pessoas normais nas quais não encontraram o vírus.

Numa tentativa de saber se os dois vírus são o mesmo, o HTLV-3 será este mês transportado de avião para França, para que os cientistas do Instituto Pasteur o comparem com o LAV.

Outra questão a deslindar é se o Sida é causado apenas por um retrovírus, ou se existem outros factores envolvidos.

O facto dos homossexuais, consumidores de droga por via endovenosa, hemofílicos e outros grupos com alto risco de contrair a doença abrigarem muitas vezes várias infecções, levou alguns cientistas a julgar que a causa real da sida possa não ser só um retrovírus, mas um vírus que precisa da ajuda de outro para operar.

Expondo a descoberta da equipa norte-americana, Robert Gallo manifestou-se convencido de que o sida seja causado por um membro da família de germes HTLV.

Acrescentou que o novo vírus, o HTLV-3 é semelhante a dois outros causadores de leucemia anteriormente descobertos, chamados HTLV-1 e HTLV-2. Todos pertencem à classe dos retrovírus.

«Imunologicamente, o HTLV-3 parece estar mais estreitamente relacionado com o HTLV-2 do que com o «1», disse numa conferência que proferiu no Hospital Geral de Massachusetts.

Gallo disse que planeja publicar em breve uma análise do genoma, ou composição genética completa, de todos os três vírus HTLV, dizendo que mostrarão áreas de amplas semelhanças.

«Também há regiões de diferenças no genoma», acrescentou, «o que implica que isto não é um novo recombinante, mas que vai haver grupos contínuos destes retrovírus que evoluem de um antepassado comum, sendo provavelmente todos originários de África com divergências diferentes».

Essencialmente, isto significa que o novo germe não resultou de uma mutação súbita de um velho vírus que produziu um novo.

«Embora isto seja hipotético», sublinhou, «creio que este vírus existia em populações rurais de África, onde as pessoas estavam possivelmente mais habituadas à infecção, embora talvez numa pequena dose».

Gallo teorizou «que a doença poderá ter-se espalhado quando essas pessoas rurais começaram a chegar às cidades, movidas pela guerra ou a fome», «o que levou a um aumento da prostituição ou a outras mudanças de hábitos».

A partir dali, conclui, o vírus do sida propagou-se provavelmente à América do Norte e Europa.

Dez anos depois dos Abba Suecos voltam a ganhar o Festival da Eurovisão

Dez anos depois de «Waterloo» dos Abba ter ganho o Festival da Eurovisão, os suecos voltaram a conhecer a vitória: «Diggi-Loo-Diggi-Ley», interpretada pelos três irmãos do grupo Herrey's venceu no passado sábado mais uma sessão do certame das cantigas, somando um total de 145 pontos.

Na segunda e terceira posições classificaram-se respectivamente as composições representadas pela Irlanda e da Espanha, interpretadas por Linda Martin e pelo grupo Bravo Quanto à canção representante

da Televisão portuguesa, «Silêncio e tanta gente», interpretada por Maria Guinot, obteve a décima primeira posição — entre 19 concorrentes — com 38 pontos. Particularmente chocante para os telespectadores foi a forma de a Televisão luxemburguesa se referir a Portugal no genérico utilizado que anunciava a canção portuguesa. Se o vinho do Porto é bem conhecido internacionalmente, e disso não temos dúvidas, já o rótulo de alcoólicos com que este País ficou etiquetado nos parece abusivo. No entanto, na RTP acharam «piada»



Os suecos em acção: uma vitória 10 anos depois dos Abba

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

“Ao repartir do pão”

Domingo de TV abriu com uma emissão sagrada, encerrou com uma emissão profana, ou pagã, ou herética, ou excomungada, ou lá como lhe quiserem chamar. Aqui, como em tantos outros casos, **todo o poder ao adjectivo!**

A telemissa, como se costuma dizer, cumpriu. Sem grandes rasgos, sem grande imaginação. Não há nada tão nefasto à prática religiosa como uma missa de rotina.

E, no entanto, que perspectivas se abriam para a discussão sobre a razão social da Igreja! Repare-se: os discípulos de Emaús reconheceram Cristo «ao repartir do pão»...

Traduzindo: pelo repartir do pão se vê onde está Cristo. Logo, um católico não pode dar suporte a uma sociedade onde o pão não se reparte, porque Jesus não está, **não pode estar**, com ela, nem nela. Uma sociedade onde, pelo contrário, se rouba o pão da boca de quem trabalha.

Caríssimos, ou repartirem o pão dignamente ou Jesus Cristo não ressuscitará mais. Só quando o pão for de todos, Cristo estará um pouco em cada um de nós. Em verdade vos digo.

Repartir a defesa do património

A Língua portuguesa continua sendo a máxima desprotegida na Televisão em horas de maior audiência. Ontem,

antes do **Telejornal**, lá foi a bodega dos **Dukes** e, logo a seguir, os «Fragles» e o Marco Polo, até às dez e meia: a Língua principal era outra, a língua portuguesa a secundária, boa somente para traduzir.

E, mesmo assim, quantas vezes mal.

No sábado, chegou-se ao **fazê-lo-á**. Ontem, nos **Dukes**, escrevia-se não sei que «se os números das notas condizem»...

Ao nível da pronúncia, os disparates são constantes. O locutor do **Telejornal** falava em «revês» — quando a vogal é aberta e bem aberta. Artur Agostinho, atendidas que têm sido muitas das observações aqui lançadas (ele é, sempre foi, dos profissionais que atendem às críticas), continua a insistir no «time». Ainda se dissesse «tiam» como nos tempos da minha meninice...

Calma aí, meus senhores. Um momento. Não somos nós todos pela defesa do património? Não nos escamamos todos quando destróem um marco, ofendem um monumento, matam uma memória? Então por que se entretém a Televisão a ofender, a matar, a destruir o mais valioso dos patrimónios?

Até quando, ó falsos ecologistas, o genocídio vai continuar?

Repartir os méritos

Deixemos para trás os

«Fragles», que, comparados à popularidade dos «Marretas», estão a **passar** — despercebidos, talvez até injustamente, mas as coisas são o que são.

Deixemos para trás o **Marco Polo**, série verdadeiramente espectacular e da qual nos fica a crescer água na boca para uma iniciativa semelhante baseada na nossa «Peregrinação».

Deixemos para trás a caricatura dos folhetins que dão pelo nome de «Tudo em Família» e que o bom-senso (tão raro por aquelas bandas...) atirou para um horário altamente restritivo. Fez bem, dado que não há nada tão real, tão impressionante e com tantos gumes como uma caricatura. Duas palavras apenas para o Eurofestival da Canção.

Antes de mais nada, sublinhe-se que, desde que me lembro, nunca a RTP promoveu tão pouco uma sua representante nestas andanças. Motivos são os saberes. Mas os factos são os factos. Basta dizer que, apesar da emissão haver mobilizado enorme audiência, o **Telejornal** de ontem passou por cima, completamente, do acontecimento. E, no entanto, tiveram mérito quer a melodia quer a participação de Maria Guinot, quer a votação alcançada.

Misteriosas, estas afinidades selectivas...

Misteriosa, igualmente, a vitória alcançada pela canção

da Suécia. Talvez o auditório europeu, engalfinhado numa crise económica de tamanhas proporções, considere que não são úteis as baladas, as canções românticas, as melodias que vão, em tom menor, de coração a coração. Talvez os estrategas da funcionalidade social considerem agora mais indicadas as turbulências, as ritmâncias, o mexe-mexe...

Assentemos, porém, que duas coisas tivemos nós o prazer de ver: a excelente participação de Maria Guinot, que nunca deixou transparecer as inevitáveis inquietações de uma estreia, e o trabalho de uma apresentadora, essa extraordinária Desirée. A eficácia, a economia de meios, a qualidade profissional — afinal de contas esse à-vontade criado ao longo dos anos...

Que diferença, meus senhores, entre o provincianismo de uma locutora que, em emissão nacional, aparece ridiculamente emperuado de laçarote ao ombro — e esta Desirée tão simples, tão terra-a-terra no falar, como no vestir e que nunca precisou, nem por uma só vez, de se pôr em bicos dos pés...

Realmente, a diferença entre a RTP e a RTL não está apenas na última letra da sigla.

Ou estará?...

crítica de teatro

CARLOS PORTO

A grande surpresa da jornada

Botto — Teatro do Ciúme e do Amor. **Textos:** António Botto e Filipe La Féria. **Encenação e Espaço Cénico:** Filipe La Féria. **Cenografia:** Jasmin de Matos. **Música:** Sérgio António. **Sonoplastia e Luminotecnia:** Eduardo Cruz. **Interpretação:** Fernando Gomes, Madalena Pinto Leite e Sérgio António (pianista). **Colaboração:** Shila, Marga, Isabel Ribas, Rogério Samora, Durval Lucena, João Pedro. Casa da Comédia. (Estreia: 3-4-1984)

Devo começar por pedir desculpa aos responsáveis da Casa da Comédia e aos leitores do «DL» por só agora vir aqui chamar a atenção para um espectáculo que constitui, em termos desportivos, a grande surpresa da jornada, neste caso, do ano teatral. Mais do que isso, se é que não exagero: uma das mais interessantes propostas de um espectáculo teatral português nestes dez anos de teatro em liberdade.

O mais curioso é que este espectáculo parece ter surgido para tapar um buraco na programação da Casa da Comédia, entre dois espectáculos de café-teatro («Zig-Zag» e «Marlowe») e o último grande espectáculo da temporada, «Eva Perón». Acabou, no entanto, por ultrapassar esse estatuto menorizante para justificar amplamente uma reposição posterior. Pelo menos o facto de estar a esgotar as lotações nestas últimas sessões

prova tratar-se de um sucesso não apenas de simpatia e de crítica, mas também de público. Seria lamentável que outros espectadores não pudessem vê-lo, e não só em Lisboa.

O primeiro elemento a assinalar no espectáculo é o trabalho dramaturgico que confirma o talento de Filipe La Féria na criação de textos dramaturgicamente muito fortes a partir de obras que pertencem a outras áreas da escrita. Aqui com poemas de António Botto, elementos biográficos e documentos históricos, La Féria, provavelmente com a colaboração de Fernando Gomes, reconstruiu a itinerária do Poeta tendo em conta o que nesse itinerário houve de mais importante, desde o homossexualismo, que viria a provocar o exílio de Botto no Brasil, ao relacionamento dele com a sociedade do tempo, dominada pelo fascismo, mas que no espectáculo se prolonga até à guerra colonial que representa esse relacionamento, com outros sinais e com outros rostos, como se o próprio mito se prolongasse para além da morte.

Um outro aspecto importante diz respeito ao tipo de enfrentamento do texto escolhido pelo intérprete, com o excelente acompanhamento do pianista Sérgio António. Fernando Gomes optou por interpretar o texto num tom entre o falado e o cantado, o que resulta numa forma de comunicação muito

expressiva, enriquecendo os registos do texto.

O terceiro aspecto importante tem a ver, como não podia deixar de ser, com a interpretação de Fernando Gomes, que aqui confirma ser um dos maiores actores portugueses dos anos 80. O seu trabalho, que se situa, como escrevemos, entre formas faladas e cantadas, não se limita a exprimir os valores humanos, sociais e poéticos da personagem, pois desdobra-se na composição e nas falas de outras personagens criando situações múltiplas com processos muito simples. Nelas, o actor domina sempre não apenas essas situações, como o relacionamento delas com as outras zonas do espectáculo e com o público. Dizendo, cantando, contando (como nessa história admirável da guerra colonial que é a história do «Décimo», momento antológico do teatro português destes dias), Fernando Gomes, se me permitem o lugar-comum, cria e transmite as suas vivências de actor, de homem de teatro, em fusão ardente com as vivências das personagens e da própria história, denunciando o teor fascista do regime e assim sublinhando o carácter antifascista do espectáculo.

Através dos poemas de Botto, da recriação de cenas da época, como a de um célebre quadro de revista de João Villaret, do jogo revisteiro com o público; através de um pequeno teatro de fantoches, em que evoca comhecidas figuras da época, através de elementos musicais, o espectáculo não se limita a recriar uma figura literária, levanta a arqui-

tectura de uma sociedade. E fá-lo através de meios muito simples mas duma tremenda eficácia.

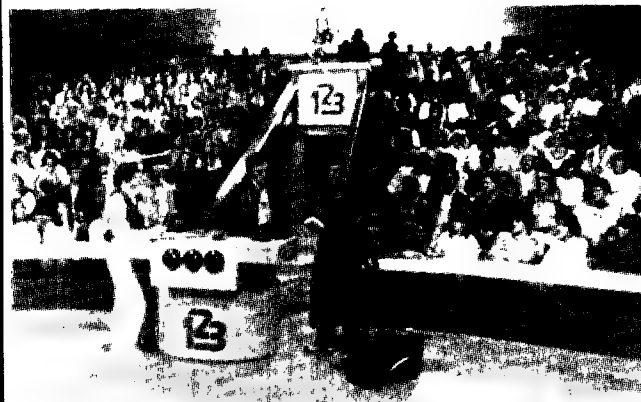
Em contraste com a participação activa de Fernando Gomes, e em relação com ela, a actiz Madalena Pinto Leite cria uma zona de silêncio exprimindo com bastante energia essa situação de segregação. Sérgio António não se limita a tocar piano, pois também ele funciona como elementos catalizador da dinâmica do espectáculo.

É este um dos melhores trabalhos de Filipe La Féria, como já se deu a entender. Optando desta vez por uma medida justa, por um rigor de concepção e de expressão que servem o projecto da melhor maneira possível, Filipe La Féria criou um espectáculo muito belo, inquietante na sua tranquilidade, e que faz bem ver. Se esse trabalho começa por parecer revelar algumas marcas de «Querelle», logo se assume como criação pessoal, original e única. Com Fernando Gomes, e ainda com a colaboração do cenógrafo Jasmin de Matos, Filipe La Féria realizou um dos seus grandes trabalhos consagrando-se como um dos grandes criadores do teatro português contemporâneo.

Penso que o leitor já dispõe de elementos suficientes para compreender a razão que me levou a pedir-lhe desculpa no início desta nota. Pedido que agora renovo, como um outro sinal da minha admiração pelo espectáculo da Casa da Comédia.

Hoje

RTP1



Apresentado por Carlos Cruz realiza-se esta noite, na RTP-1, mais uma sessão do concurso «Um, Dois, Três»

Das 13.30 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

- 18.02 Notícias
- 18.10 Grão a Grão
- 18.35 Teleregiões
- 19.00 «A Balada de Hill Street»
- 20.00 Telejornal
- 20.35 «O Bem Amado» — episódio n.º 34.
- 21.15 Um, Dois, Três — apresentação de Carlos Cruz.
- 23.15 Últimas Notícias



Na JTP-2, no programa... Da Música, é prestada homenagem a Enrico Caruso (na foto)

RTP2

- 19.32 Notícias
- 19.45 Folclore — Rancho Folclórico das Morenitas de Torrão do Lauro.
- 20.15 Voar
- 20.50 Animação — «A Bela Galinha Adormecida».
- 21.25 Jornal da Noite — a informação nacional e internacional.
- 21.45 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 11.
- 22.30 ... Da Música — homenagem a Caruso.

Amanhã

RTP1

RTP2

18.02: Notícias; 18.05: Grão a Grão; 18.40: Teleregiões; 19.05: «Barco do Amor»; 20.00: Telejornal; 20.30: «O Bem Amado»; 21.05: «Reilly, Rei dos Espiões»; 22.10: Primeira Página; 23.05: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; 19.45: Portugal Romano; 20.10: Adágio; 20.35: D'Hoje pr' Amanhã; 21.15: Jornal da Noite; 21.45: «Guerra dos Sexos»; 22.30: «A Balada de Hill Street».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1

Concurso «Um, Dois, Três» (21.15)

RTP2

Homenagem a Caruso (22.30)

RTP1

21.15 UM, DOIS, TRÊS

Um dos temas mais discutidos na actualidade é sem dúvida toda a problemática relacionada com o petróleo. Pois este é também o assunto dominante da sessão de hoje do concurso «UM, DOIS, TRÊS». Difícil, para já, adivinhar em que sentido se desenvolverá tal «riqueza», mas é natural que o cenário ajude a compreender como será esta manifestação petrolífera. Decerto com cheirinho a Arábia. E mais elucidativa será a explicação quando for altura de um par dentro os três pares concorrentes passar à terceira fase do concurso e se vir perante a necessidade (obrigatória) de recusar ofertas sempre muito intimamente relacionadas com o tema do dia.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA



roteiro cultural

Exposições

● Continua patente na Faculdade de Letras de Lisboa uma exposição **bibliográfica e documental** subordinada ao tema «25 de Abril - 10 anos de democracia», numa iniciativa da Associação 25 de Abril. A mostra é constituída por um painel de homenagem aos escritores falecidos nos últimos dez anos, de livros e outras publicações de carácter literário dadas à estampa entre 1974 e 1984, de jornais, revistas, folhas e suplementos literários, de uma retrospectiva da imprensa nacional e estrangeira relacionada com a data da libertação, por trabalhos académicos e ensaios, por estudos sobre o livro em Portugal nos últimos 10 anos e por cartazes e programas de teatro, cinemas e capas de discos seleccionados.

● «Imagens de uma Lisboa Imaginária» é o tema de uma mostra de 7 serigrafias de **TOM/Thomaz de Mello** com legendas de António Pedro que pode ser vista na Galeria de S. Francisco, à R. Ivens.

● Tapeçarias de **Clara de Ovar** estão em exposição na Galeria «Diário de Notícias», ao Largo do Chiado, em Lisboa.

● Trinta e três pinturas a acrílico sobre cartão industrial subordinado ao tema «Os Frequentadores do Cabaret Voltaire» de **Albuquerque Mendes** continuam patentes ao público na Livraria do Estado, à R. Marquês Sá da Bandeira.

● Para festejar o 3.º aniversário da Galeria Ana Isabel está presente naquele espaço uma **mostra colectiva** intitulada «A Cidade». De entre os trabalhos expostos, destaque para obras de Alice Jorge, Eduardo Nery, Gracinda Can-deias, João Abel Manta, João Hogan, Júlio Pereira, Querubim Lapa, René Bertholo, Sá Nogueira e Vespeira.



Um dos quadros de Thomaz de Mello em exposição na Galeria de São Francisco

● Uma mostra de «**Arte Búlgara Contemporânea**» continua patente ao público nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Constituída por pintura, desenho, gravura, aguarela e escultura, na exposição estão representados

85 artistas com cerca de 200 obras.

● Ainda nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian está patente ao público uma mostra de pintura de **Vladimir Dmitrov**.

● «Quem perdeu a colher?» é título de uma exposição de desenho de **Fernando Ribeiro** que se encontra presente ao público na Escola Secundária de António Arroio.

● Na Sociedade Nacional de Belas-Artes comemora-se o 10.º aniversário do 25 de Abril com uma **exposição de Artes Plásticas** que integra pintura,

escultura, desenho, gravura, fotografia, cartaz, cinema, diapositivos, intervenções, documentação, etc.

● Desenhos de **Pedro Saraiva** estão patentes ao público no atrium da Imprensa, à Casa da Imprensa, em Lisboa.

● Uma exposição dos trabalhos concorrentes ao 2.º **Concurso de Fotografia** organizado pela Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa continua patente ao público na Sala dos Passos Perdidos, ao Campo Santana.

● Desenhos de **Cyril Bourguin** estão presentes ao público na Galeria do «Jornal de Notícias», no Porto.

● Uma mostra de fotografia, que inclui trabalhos de **Paul Der Hollander, Andreas Muller-Pole, Cesário Rachador** e de 6 fotógrafos de **Coimbra**, pode ser vista no Edifício Chiado naquela cidade. A iniciativa integra-se nos 5.º Encontros de Fotografia de Coimbra.

● **África, Instrumentos musicais**, é o tema de uma exposição patente ao público em Coimbra e que se integra na semana da cultura africana que hoje se inicia naquela cidade.

Teatro

● Na sede da Sociedade Portuguesa de Autores, pelas 18h30m, **Gilcinia Quartim** procederá à leitura de «Magdalena lê uma Carta», de Jaime Salazar Sampaio.

● O Grupo de Teatro do **Grupo Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do**

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa apresenta esta noite, pelas 21h30m, na sua sede, sita à R. D. Luís I, em Lisboa, a peça «Dinis e Isabel», de António Patrício.

● Em Coimbra prossegue hoje a **IV Semana Internacional do Teatro Universitário (SITU)** com a apresentação do seguinte programa. No Ginásio Norton de Matos, pelas 21h30m, apresenta-se o grupo polaco «Kul». A mesma hora no Teatro Gil Vicente, será apresentado um espectáculo pelo grupo checo «Disk».

Música

● Esta tarde, pelas 17 horas, no Auditório Trés da Fundação Calouste Gulbenkian prosseguem os 8.º **Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea**, com uma conferência sobre o panorama da música romena contemporânea por Harry Halbreich. Às 18h30m, no Grande Auditório, o violoncelista **Siegfried Pahn** interpretará obras de Bach, Zimmermann, e Krenek. Ainda no Grande Auditório, pelas 21h30m, sob a direcção do maestro lanco Dumitrescu, o **Ensemble Hypérion** dará um concerto.

● No Porto iniciam-se hoje as 1.ª **Jornadas Internacionais da Oficina Musical** com um concerto pelas 21h30m no Auditório Nacional de Carlos Alberto do Antidogma Música Ensemble, de Turim. Do programa consta a interpretação de obras de Beethoven, Giuliani, Donnini, Brizzi, Macias e

Correggia.

● Na Igreja de Santa Maria, em Lagos, pelas 21h30m, a **Camerata Lysy** dará um concerto num programa que inclui obras de Purcell, Mozart, Stamitz, Couperin, Picchi e Bartok. A iniciativa insere-se no âmbito do «VIII Festival Internacional de Música do Algarve».

Cinema

● Na sala dr.º Félix Ribeiro da Cinemateca Nacional haverá hoje duas sessões de cinema. Assim, às 18 horas, será exibida a película, **Por Favor não Mexam nas Velhinhas**, de Mel Brooks. À noite, pelas 21h30m haverá uma sessão integrada no **Ciclo Imagens no Desporto** com a projecção de «Belarmino», de Fernando Lopes

Colóquios

● Pelas 21h30m de hoje o prof. Arthur Miller - especialista em Política Eleitoral Americana - profere uma conferência no Hotel Altis subordinada ao tema **As Tendências Sociais a Longo Prazo nos USA e as Eleições de 1984**.

«A situação do teatro em Portugal» é o tema em debate esta tarde, com início às 18 horas, no restaurante «O Camarim», à Rua Heliodoro Salgado, 47-A, em Lisboa.

Serão intervenientes **Luzia Maria Martins, Luis Francisco Rebelo e José Morais e Castro**.



AOS CONDUTORES

«Abande a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.05: Solos de piano; 17.00: Música portuguesa; 18.05: Obras de Bach; 18.38: O violoncelista Janos Starker; 19.00: Terra viva: planeta azul; 19.30: Música de bailado; 20.05: Efeméride da estreia da ópera «Pélleas e Mélisande», de Debussy; 20.38: Sonatina em lá menor, op. 137, n.º 2, para violino e piano, de Schubert; 21.00: Canto e os seus intérpretes; 22.00: Tempo de bailado; 22.30: Música sinfónica; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Country music; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola Branca (3.ª ed.); 23.55: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Notícias a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 028

HORIZONTAIS:

- Doença que dificulta a respiração. Morada
- Recusa. Tempo do verbo haver. Rezes.
- Produto. Estacionais
- Repreensão. Pau-ferro
- Abata. Prefixo de privação
- Samário (s.q.) Ilha do Estado da Baía.
- Nome de letra. O mesmo que rolão
- Lavr. Corderos
- Senhor. Esmonca. Fundo de agulha
- Preposição. Além disso
- Quando. Tenho razões para

VERTICAIS:

- Velha. Fruta seca.
- Percebem. Vagueiem.
- Faleças. Ruim
- Acarinhara.
- Prefixo de privação. Fecho as asas para descer mais depressa
- Seges velhas
- Que tem o último lugar numa série de nove
- Coragem. Colo
- Lavr. Compaixão. Arsénio (s.q.)
- Facção. Cidade de Itália.
- Tema. Sufixo que designa abundância

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9878

HORIZONTAIS:

- Berra alto. Destemida.
- Encoleriza. Estavam.
- Vai pelo ar com grande velocidade.
- Sacrifica. Resmungo.
- Inulgares. Verbais.
- Cidade de Itália. Osmio (s.q.)
- Aqui. Osmio (s.q.)
- Estima. Ruído. O mesmo que uma (ant. e pop.)
- Habitante da Lapónia. Verbal.
- Remara para trás. Branquear a pele com cosméticos.
- Restos mortais. Cidade de Itália.

VERTICAIS:

- Soltar balidos. Piso aos pés.
- Zomba. Oceano. Além disso
- Paixão. Coberturas.
- Ruim. Freguesia do conelho do Cartaxo. Anel.
- A ralé (fig.). Ecoas.
- Moderato. Rio de Portugal.
- Lavrou. Cidade da Arábia.
- Rénio (s.q.). Cidade da Argélia. Chefe etíope.
- Freguesia do conelho de Guimarães. Transpirais.
- Vossa Alteza. Ninho. Içai.
- Causasse amuo a. Reis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 027

HORIZONTAIS:

- Parra. MUITO.
- Atuas. Amar.
- Iró. La. Ra.
- Erva. Maltês.
- Cia. COS. Ais
- Es. Ar. Ae
- Ostreiro
- Era. Actos
- Urta. A. Sera.
- Acampar
- Mesa. Assola

VERTICAIS:

- PADECE QUEM
- Al. Riso.
- Ruiva. Serás
- Rara. Traça.
- Aso. Cara
- More. AMA.
- Malas. la. Ps
- Ural. Irosas
- Im. Ta. Otero
- Tareia. Or
- Orasse. Sara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9877

HORIZONTAIS:

- Fracos. De.
- Ida. Ro. Ce.
- Rir. Rematar
- Ozone. Al.
- Limam. Sam
- Sama. Ema
- Trastes
- Or. Ao. Sorri.
- Dás. Doe. Eia!
- Otelo. Sedas
- Samas. Mós

VERTICAIS:

- Oiros
- Todos
- Diz. Errata.
- Farol. Sem.
- Nisso. La
- Arrematados.
- Coe. Ama.
- Mamasses
- Mal. Em
- Segredo.
- Ecaram. Rias
- ER. Matias

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	86\$00	92\$90
ALEMANHA FED (marco)	50\$05	51\$15
AÚSTRIA (xelim)	7\$05	7\$25
BÉLGICA (franco)	2\$292	2\$492
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	105\$35	107\$35
(notas de 5 a 1000)	105\$85	107\$85
DINAMARCA (coroa)	13\$65	14\$05
ESPAÑA (peseta)	\$854	\$974
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	135\$95	137\$95
(notas de 5 a 1000)	136\$40	138\$45
FINLÂNDIA (marca)	23\$65	24\$25
FRANÇA (franco)	16\$30	17\$00
HOLANDA (florim)	44\$50	45\$50
HOLANDA (libra)	154\$30	158\$30
ITALIA (lira)	\$074	\$084
JAPÃO (iene)	\$573	\$606
NORUEGA (coroa)	17\$60	18\$10
REINO UNIDO (libra)	19\$25	19\$35
SUECIA (coroa)	17\$00	17\$60
SUIÇA (franco)	60\$50	61\$60
VENEZUELA (bolivar)	7\$70	\$570

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. 2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS
4.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
UM CASAL EM APUROS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS
4.ª Semana

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
O primeiro homem... a primeira mulher... o primeiro amor... o primeiro pecado...
ADÃO E EVA
c/ Mark Gregory e Andrea Goldman

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
MANIACO

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21
- N. ac. men. 13 a.
PARA ALEM DA AVENTURA DO POSSÍVEL
Um filme de Irvin Allen
c/ Michael Caine, Sally Field e Telly Savalas

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
LILI MARLENE
Às 24
A ÚLTIMA GOLPADA

CINESTUDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
Maiores 12 anos
JOGOS DE GUERRA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
AS LOUCURAS DE UM CASAL

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
Justiciero por conta própria e... dinamite em acção!
FORÇA MORTAL
c/ Wings Hauser e Joyce Ingalls

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PROMESSAS VÁS

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
94.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO
de Jonathan Taplin
c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy e Gene Hackman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.30
- M. 6 a.
MILAGRE DE AMOR
c/ John Travolta e Olivia Newton John

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15 - 18.30 e 21.30
M. 16 a.
IMPACTO SUBITO

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30
Maiores 16 anos
DEBAIXO DE FOGO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 6 a.
O CRISTAL ENCANTADO
Às 24
DUPLO CRIME NA ROMA ANTIGA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A GUERRA DE TRÓIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
DEBAIXO DE FOGO



«O CONTRATO» um filme de qualidade realizado por PETER GREENAWAY.
Em exibição no cinema Quarteto.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antao, 109

Às 14.00 - 16.30 - 19 e 21.30
M. 16 a.
IMPACTO SUBITO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
DINHEIRO DO CÉU
de Herbert Ross
Às 23.30 - M. 18 a.
KILAS, O MAU DA FITA

SALA 2
Às 14.15, 16, 17.30, 19, 21 e 22.30
- M. 12 a.
ZELIG
de Woody Allen
Às 24 - M. 18 a.
SONATA DE OUTONO

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
de Robert van Ackeren
Às 23.30 - M. 18 a.
PIRANHA

SALA 4
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O CONTRATO
Às 23.30 - M. 18 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPAR-
NASSE

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
9.ª Semana
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
UM AGENTE NA SOMBRA
c/ Ava Gardner e Dirk Bogarde

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
FOME DE VIVER
c/ Catherine Deneuve e David Bowie
- M. 18 a.

SALA 3

Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.30 - 17.00 - 19.15 - 21.45 - 24.00
M. 12 anos
YENTL
Domingo às 11.15 - Para Todos
OS 101 DALMATAS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
M. 16 a.
IMPACTO SUBITO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Estreia às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
Suspense e ineditismo no melhor de John Carpenter
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 - «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLIMPIA - «Clínica do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

CITY-CINE - «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)
CAPITÓLIO - «Grande Bacanal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ALFA-CLUB - «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
LONDRES - «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI - «Amor e Compaixão», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL - «Star 80, a Tragédia», às 21.30 (16 anos)

RESTELO - «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Be-linmino», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «O Campeão do Ringue», às 21.30 (16 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «48 Horas», às 21.30 (12 anos)

ESTORIL - Casino - «Tubarão 3», às 21.15 (12 anos)

CASCAIS - Oxford - «48 Horas», às 21.30 (12 anos)

CASCAIS - Impala - «As Loucas Aventuras do Barba Amarelo, o Pirata», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «48 Horas», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Scarface, a Força do Poder», às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA - Sícline - «Sem Deixar Rasto», às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Noites Escaldantes», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Munca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

ERICEIRA - Cine-Estúdio - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)

Porto

TERÇO - «Um Chui de Blue Jeans», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Fúria do Gerreiro», às 21.45 (12 anos)

CHARLOT - «Ser ou Não Ser», às 21.00 (13 anos)

TRINDADE - «Armadilha Mortal», às 21.30 (13 anos)

SALA-BEBÉ - «Revelações», às 21.45 (16 anos)

ESTÚDIO - «O Braço Violento de Kung Fu», às 21.30 (13 anos)

RAJONE - «Felina», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Duelo de Punhos», às 21.30 (18 anos)

SÃO JOÃO - «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI - «Papillon», às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - «Cidades do Amor», às 21.45 (12 anos)

FOCO - «O Ano de Todos os Perigos», às 21.45 (12 anos)

LUMIÈRE-A - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE-L - «Yentl», às 21.45 (12 anos)

PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)

VALE FORMOSO - «As Tardes Frustrantes numa Burguesa Frustrada», às 21.30 (13 anos)

CHAPLIN - «Esqueci-me de Viver», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Se Queres, Vou Filha», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVE-NIDA DE ROMA** - BAIRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel, P. Francisco Moraes, 1 (T. 771469); **BAIXA**: Cortez, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); **CORTES** - RUA NOVA DA PIEDADE: Confiança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **ENCOSTA DO RESTELO** - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém, R. Tristão Vaz, 10A (T. 612248); **ENCARNAÇÃO**: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS**: Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA**: Central de Lapa, R. das Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ**: Central do Lumiar, Al. das Luzes, 254-B (T. 798063); **LUZ 2.ª**: Circular, J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 780669); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA**: Mariuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO**: Segre, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **ODIVELAS**: Catela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915446); **PONTINHA**: Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

teatros

Lisboa

VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (12 anos)

ABC - «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)

VARIEDADES - «Eu Deço na Próxima, e você?», às 21.45 (12 anos)

REFORÇO

ALFAMA: Arnall, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO** - RIO SECO: Dileta, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE**: Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO**: Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS** - CHILE: Brasil, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546842); **BENFICA** - PORTAS DE BENFICA: Benfita, E. de Benfita, 678-E (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **MARQUÊS DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 642518); **SANTOS**: Marcos Nascimento, C. Marques de Abrantes, 38-A (T. 664238); **BRANDÃO** - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, R. Alamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA**: Higilónica, Av. da República, 23 (T. 240020). Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO**: J. Consoado, Av. Joaquim F. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Abreu Cardoso, Bairro Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU**: Fonseca, R. Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES**: Central, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTUJO**: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Guimões, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Gamero, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algas de Cima (T. 2104558). Permanente; **LINDA-A-VEL**



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico OIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

PORTE
PAGO



MARES DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
7.22	3,3 m	0.38	1,4 m	
19.41	3,4 m	12.58	1,6 m	
Dia 8				
8.37	3,2 m	1.53	1,5 m	
21.00	3,4 m	14.19	1,7 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:				
VIANA DO CASTELO	6°			
BRAGANÇA	4°			
VILA REAL	5°			
PORTO	7°			
COIMBRA	7°			
CABO CARVOEIRO	13°			
PORTALEGRE	10°			
LISBOA	11°			
ÉVORA	10°			
BEJA	10°			
FARO	11°			
SAGRES	—			
PONTA DELGADA	14°			
FUNCHAL	14°			

D. Duardos e Flérída no S. Carlos

Quase catorze anos depois da estreia — a 28 de Dezembro de 1970 — a cantata-melodrama «D. Duardos e Flérída», de Fernando Lopes Graça, voltou ao palco do Teatro Nacional de São Carlos.

Três réctas, a primeira das quais decorreu no passado dia 2, assinalaram a presença, na actual temporada do São Carlos, do compositor português.

Completo o programa uma estreia naquele teatro lírico: a da primeira ópera composta por Puccini, com apenas dois actos, «Le Villi».

«Toda a gente sabe que eu não gosto de falar da minha obra» afirmou peremptoriamente Fernando Lopes Graça na noite do ensaio geral, a 30 de Abril.

Encontrava-se entre as poucas pessoas que, dispersas pela plateia do São Carlos, assistiam ao último ensaio do espectáculo. Embora tivesse acompanhado os trabalhos preparatórios, foi com alguma expectativa e algum nervosismo visível que apreciou o resultado dum esforço colectivo, que dois dias depois iria ser proporcionado ao público. Chegou por vezes a ser brusco no cortar cerce das explicações: «Oh minha cara amiga, nem tudo se pode explicar».

A informações objectivas, porém, não se furtou:

«Esta cantata foi composta entre 1964 e 1969 por encomenda do Círculo de Cultura Musical para integrar as comemorações do hipotético centenário do nascimento de Gil Vicente. (Digo hipotético porque não se sabe ao certo a data do seu nascimento). A estreia, em Dezembro de 70, fez-se em más condições».

«Mas por se tratar de uma obra sua e o seu nome ser maldito no antigo regime?».

«Foi uma época má. Houve incompreensão da obra e, acho eu, pouca vontade de a fazer. Desta vez estou muito satisfeito, embora reconheça que devia ter havido mais tempo para a preparar».

«É a única obra sua com representação cénica?»

«Até agora é».

«Admite que poderá compor outra deste género e que a teria composto mesmo sem encomenda?»

«Nunca se sabe».

De toda a obra de Mestre Gil o compositor escolheu a tragédia «D. Duardos» (1524), considerada um dos mais belos textos do autor pelo lirismo e equilíbrio da composição. Escrita em castelhano, trata dos amores bem sucedidos de uma princesa, Flérída, e de um príncipe, D. Duardos, que se disfarça de hortelão para se aproximar dela. Estatutos sociais aparentemente diferentes dificultam a união dos dois enamorados mas o amor acaba por vencer preconceitos, o que confere ao pensamento de Gil Vicente um carácter subversivo em relação à época em que esta tragédia foi criada e de modernidade em relação à época actual.

Do texto original de Gil Vicente, Lopes Graça aproveitou apenas o respeitante ao idílio amoroso («o resto é romance de aventuras», justificou); as personagens foram reduzidas a três:

D. Duardos (interpretado pelo tenor espanhol Manuel Cid), Flérída (soprano Manuela Castagni) e a aia de Flérída, Artada (meio soprano Isabel Malaghera).

Fez um «arranjo» desse texto, introduziu um narrador (interpretado pelo actor Eduardo Jacques) que dá maior concisão e coerência ao texto. Ao contrariar das três personagens originais que se exprimem em castelhano, as intervenções do narrador são declamadas em português, numa alusão ao bilinguismo de Gil Vicente.

Registe-se ainda a intervenção do coro.

Porque, foi «D. Duardos», de toda a obra de Gil Vicente, a eleita pelo compositor para comemorar o centenário?

«Porque era a que melhor se adaptava ao que eu pretendia: uma cantata com narrador».

As barreiras de classe

Se Lopes-Graça é esquivo quanto a explicações, Artur Ramos, encenador desta produção do Teatro Nacional de São Carlos, fala frequentemente em nome dos dois («o que interessa ao Graça e a mim») ao comentar esta sua quinta encenação para teatro lírico e primeira para o São Carlos.

E o que lhe interessou neste texto com mais de 400 anos?

«Especialmente não só o sublinhar da existência e dos dramas que a barreira de classes cria mas também a sua ultrapassagem».

Respiga do texto algumas frases que ilustram o pensamento de Gil Vicente e que terão levado o inquisidor-geral, cardeal-infante D. Henrique, a incluir a tragédia «D. Duardos» entre as sete obras do autor proscritas pelo Index de 3/7/1551.

«De que te quejas?», pergunta Flérída. «De Dios/porque no nos hizo iguales/nos nascidos/y, sin macilla de nos/nos dió ojos corporales y sentidos», responde D. Duardos.

«Como poderia a Inquisição aceitar uma obra em que uma personagem se queixa de Deus, acusando-o de criar origens diferentes entre os homens mas dotando-os de olhos corporais e sentidos?», sublinha Artur Ramos.

«Oh, señora assi me quiero; /hombre de bajas maneras;/ que el estado/no es bien a venturado/ que el precio está en la persona».

«Nesta fala de D. Duardos em que a palavra estado significa estatuto social, Gil Vicente valoriza o ser humano e secundariza a condição social», prossegue Artur Ramos. «Estas frases escandalosas para a época fazem de Gil Vicente um autor verdadeiramente moderno. Mas ele não se fica por aí. O amor vence as barreiras de classe: embora desconfiando que D. Duardos, pela maneira como se exprime, não é um hortelão que adopta o nome de Julián, Flérída decide acompanhá-lo, ainda que ignore o seu verdadeiro estatuto social».

Leitura algo diferente faz Mário Vieira de Carvalho no artigo «Do teatro de Gil Vicente ao teatro de Wagner», publicado no n.º 454 da revista «Vértice». De facto, para este musicólogo e crítico, a barreira de classes não é totalmente vencida porque Flérída não se apaixona por um hortelão mas por um verdadeiro príncipe, que como tal pensa e fala. Ela não o sabe; nós o sabemos.

«(...) o amor (...) não pode prevalecer em absoluto sobre os obstáculos gerados pelas diferenças de estado ou de condição. Flérída não segue o rústico, segue o príncipe desconhecido. Flérída não se enamora do rústico, enquanto tal, enamora-se do rústico com falas e maneiras de príncipe».

E mais adiante: «Triunfa o amor como valor absoluto na medida em que ambos o colocam acima dos imperativos religiosos, dinásticos, políticos e familiares que obrigatoriamente regiam os casamentos aristocráticos da época. Contudo, não acima das diferenças de classe: esse amor consuma-se entre dois príncipes e não entre um rústico e uma princesa. A não superação das diferenças de classe no amor correspondido, publicamente assumido, constitui uma verdade ainda com plena validade na sociedade portuguesa actual. Muito mais o era no tempo de Gil Vicente. O interesse a bem dizer subversivo da Tragédia de D. Duardos não está na representação de uma utopia: jamais uma princesa seguiria o ajudante do hortelão».

O «interesse a bem dizer subversivo» desta tragédia estará, na opinião de MVC, no facto de Gil Vicente se aperceber do movimento de mudança que então se operava na sociedade portuguesa (dissolução do mundo medieval e ascensão da burguesia) e dos seus valores e, tal como Wagner séculos depois, em deixar perceber a intenção de «reflectir sobre as relações humanas e deduzir dessa reflexão um ideário a transmitir aos seus contemporâneos». O que se torna mais evidente na versão condensada de Lopes-Graça.

Uma obra densa e difícil

Embora ao gosto do romance de cavalaria, D. Duardos seja príncipe de Inglaterra e Flérída filha do imperador da Turquia, o cenário de António Casimiro, tem alusões a Lisboa: à Casa dos Bicos e ao Paço da Ribeira que o terramoto de 1755 destruiu.

Dum lado, Artur Ramos «coloca» a corte (do lado por onde entra Flérída, sempre acompanhada das suas aias, todas figurantes, à excepção de Artada; do outro, o povo (o coro), presente ao longo de toda a cantata, com

as suas redes, o seu cordame e as suas barricas, utensílios das gentes ribeirinhas da Lisboa de então. «O povo», salienta Artur Ramos, «intercede sempre a favor do bom resultado dos amores de D. Duardos e Flérída».

Como encenador, Artur Ramos apontou entre as dificuldades a escassez de tempo — os ensaios começaram a 2 de Abril — e as limitações impostas pelo canto que obstaram a uma maior movimentação das personagens em cena. Uma dificuldade técnica Artur Ramos espera ter resolvido. Na parte final do espectáculo, as três últimas falas do narrador são simultâneas com a intervenção do coro e da orquestra, tendo Eduardo Jacques dificuldade em se fazer ouvir. «Julgo ter resolvido a questão com a colocação dum microfone perto do narrador».

Não se pense que com todos estes ingredientes — idílio amoroso, Gil Vicente, Lisboa ribeirinha — a cantata melodrama de Lopes Graça seja uma obra de características populares. Bem pelo contrário:

Sem acção, composta de soliloquios e diálogos e as intervenções do narrador, com as personagens quase paradas em cena e cantando em castelhano, a música densa de Lopes Graça, «D. Duardos e Flérída» é uma obra para os que em teatro lírico não se contentam com uma bela melodia e uma boa representação.

«É uma obra moderna, densa e difícil e que só resulta bem depois de vencidas todas as dificuldades», comentou o director musical desta produção do S. Carlos, maestro Manuel Ivo Cruz, que apontou entre essas dificuldades a constante alteração dos compassos.

«É difícil para todos, desde o director musical ao coro. Mas como tudo o que é difícil, dá-nos grande satisfação depois de vencidas as dificuldades», — prosseguiu Ivo Cruz. «Lopes Graça é um compositor vivo respeitabilíssimo com o qual tive o maior prazer em trabalhar».

«Um trabalho muito sério e feito com muita dignidade» foi a opinião de Serras Formigal, presidente do Conselho de Gerência do S. Carlos.

«D. Duardos e Flérída» fora já programada para encerrar a temporada do ano passado mas a retenção no Brasil do encenador Carlos Avilez (este ano substituído por Artur Ramos) por falta de transporte, obrigou o S. Carlos a retirar esse programa, que então era integrado também por «O Castelo do Barba Azul», de Bela Bartok.

Serras Formigal acrescentou que o valor dramático e musical desta cantata-melodrama e o facto de só uma vez ter sido apresentada no São Carlos, justificam plenamente uma segunda apresentação.

A sua inclusão na presente temporada é também reflexo da política perfilhada pelo actual CG do Teatro, que procura dar espaço aos artistas portugueses, sejam intérpretes, compositores, cenaristas, encenadores, entre outros.

M.M.A.

SITU — Coimbra - ano IV

Festival desperta

na Primavera molhada

A IV Semana Internacional do Teatro Universitário, organizada pelo TEUC, iniciou-se na noite de quinta-feira, dia 3, no belo café de Santa Cruz, em plena baixa de Coimbra. Noite de convívio para participantes (no caso, o grupo checo) e convidados, foi também pretexto para uma reflexão breve, proposta pelo presidente da SITU, Maria João Seabra, que se referiu numa alocução curta mas incisiva às várias, e quase intransponíveis dificuldades para o levantamento deste quarto festival, apesar de se tratar de uma manifestação considerada, internacionalmente, uma das melhores organizações europeias do género, «palco privilegiado para o confronto entre os vários grupos universitários independentes», como disse Maria João Seabra.

Quase ignorado pelas autoridades competentes, esclareceu, os responsáveis pela SITU foram obrigados a chamar a atenção para factos que nos parecem, no mínimo, pouco curiais: «se exceptuarmos quase só a Fundação Gulbenkian e a vontade de a Reitoria e o Governo Civil demonstrarem em querer apoiar-nos, podemos afirmar sem receio de cometermos qualquer injustiça, que as autoridades oficiais não merecem este Festival e que injusto, isso sim, é que dele venham a tirar qualquer proveito».

Definindo o carácter específico da SITU, declarou Maria João Seabra: «ao rejeitar algumas das características que marcam a grandeza e também a banalidade dos festivais como grandes feiras de consumo de teatro, a nossa bienal vai definindo o seu espaço, o seu tempo, e sua origem».

«O seu espaço é Coimbra, uma cidade que acolhe melhor no entusiasmo das ruas, no calor humano dos bares nocturnos, dos jardins ou das esplanadas ao ar livre, do que na surdina congemina, sorradeira e hipócrita dos gabinetes, das instituições (e há tantas, tantas que quase abafam a cidade)».

«A sua origem é o seu tempo. Mais do que a universidade, conta um tempo precioso, porque disponível e frontal, de vida. Vago também e impreciso. Mas único na sua capacidade de abertura e proposição. Lamentar-se-á ao longo dos anos a falta de concretização de coisas que afinal não têm fim e só valem como tarefas permanentes» — são ainda palavras da presidente da SITU.

Festival de Coimbra, a cidade universitária define o jogo e a respiração do Festival, é do encontro de uma e de outro que a SITU se assume como manifestação cultural. Por isso se entendem estas palavras de Maria João Seabra e a amargura que ressalta da interrogação final:

«Esse tempo de Coimbra onde se pode e vale a pena falar com as pessoas e se entende essa dimensão como fundamental, tem sido também o tempo, o ritmo humano, deste festival. Por aqui têm passado algumas das mais interessantes propostas da vanguarda teatral universitária europeia que aqui encontram o seu melhor palco de apresentação e confronto. Estas propostas têm tido um eco profundo, às vezes não lembrado, em muitos e distintos lugares do nosso país e fora dele. Na organização de festivais, na discussão, na produção teatral. Poderá continuar assim?».

Chuva na Primavera

Depois da declaração de Maria João Seabra, uma outra Maria João apresentou-se à frente do seu quinteto animando a noite com algumas recreações de música de «jazz», sendo de salientar o trabalho da própria Maria João com um bom instrumento vocal que utiliza com alguma riqueza de registos.

No segundo dia da SITU foi a vez do TEUC apresentar o seu espectáculo que, aliás, estreou há um ano. «O Despertar da Primavera», de Frank Wedekind, encenação de Ricardo Pais, passou por Lisboa, como referimos na altura. Nesta segunda visão do espectáculo, este pareceu-me mais à vontade no palco do Gil Vicente e para aquele público. Leitura condicionada pelas condições do próprio grupo é aí que vai buscar as suas forças e a sua razão de ser espectáculo. Consegue assim exprimir, ainda que tenuamente, as virtualidades dramáticas de um texto que continua a ser muito forte apesar do que parece haver de arqueológico na humanidade e na ficção que o povoam.

E a chuva continua

Carlos Porto

Cooperação industrial com a Itália

Uma missão empresarial italiana do «Istituto per la Ricostruzione Industriale» (IRI) desloca-se a Portugal de 7 a 10 de Maio para estudar a realidade económica portuguesa — foi hoje anunciado.

A missão inclui representantes dos sectores industrial e bancário, nomeadamente siderurgia, metalomecânica, telecomunicações e electrónica, e estudará a possibilidade de concretização de consórcios com empresas portuguesas.

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais

**Masculino,
feminino e
indiferenciado**

Págs. 4 e 5



Francisco Vale e Moisés Espírito Santo:

**Ainda o machismo na Imprensa...
e a influência da mãe em Portugal**

Págs. 2 e 3

P A R A Í S O S

Moisés Espírito Santo

No português: a dependência da mãe

De uma aldeia portuguesa partiu para França, à busca de instrução, cultura. Não era, portanto, um emigrante qualquer. Depois de muitas ocupações, empregos vários, conseguiu licenciar-se em Sociologia — a concretização de um sonho que há muito o obcecava. «Quando morreu Salazar estava no Senegal», diz Moisés Espírito Santo. Efectivamente, nessa altura, levava a cabo naquela região africana uma investigação, por conta do governo francês. O mesmo que fizera, dois ou três anos antes, na Mauritânia: «um estudo meio... para descobrir os mecanismos de resistência que retardam a adaptação dos emigrantes, desses países, na França».



O valor de rebeldia está ligado às mulheres

Lourdes Féria

Regressou a Portugal e, durante cinco anos, investigou as crenças e rituais do campesinato da zona de Entre-Douro-e-Minho e de uma parte de Trás-os-Montes. Desse estudo elaborou a sua tese de doutoramento, texto agora transformado em livro sob o título de «Religião Popular Portuguesa». A medida, porém, que ia avançando na pesquisa, revolvendo tradições muito antigas, verificou que tudo esbarrava no conceito de Grande Mãe, o que vem denunciar vestígios de uma cultura ginocrática, contradizendo a teoria de alguns sociólogos, nomeadamente Levi-Strauss, de que na sociedade humana o homem sempre dominou.

Com o patriarcado consolidado-se a lei do macho. Esbate-se a influência da mulher, embora seja arriscado garantir que, antes da derrota feminina, a sociedade tivesse sido matriarcal. Não obstante essa grande viragem, pelo menos nas civilizações marcadas pela passagem dos celtas, permanece ainda a memória psicológica dos valores femininos. Moisés Espírito Santo define os portugueses a partir desse dado. «Descobri elementos femininos, primeiro na religião, e depois na sociedade... e apaixonei-me por estas coisas.»

Penso no machismo que grassa por aí. Mas como se encaixa esta característica, sem dúvida inegável, em tão perturbadora teoria? «Na personalidade dos portugueses predomina a presença da mãe. O machismo à maneira portuguesa como linguagem grosseira, atitude agressiva e ostentatória, poderá ser encarado como uma espécie de tigre de papel. Sendo próprio das culturas ibéricas, com expansão para a América Latina, parece-me mais um comportamento exterior do que algo verdadeiramente assumido.»

Uma defesa? A ocultação do medo? «O macho ibérico é folclórico. Com efeito, possui uma estrutura de personalidade extraordinariamente frágil. No fundo tem um medo terrível da mãe, da mulher. Não é por acaso que gosta tanto de frequentar espectáculos como o futebol e as toura-

das, onde se sente seguro no meio de outros homens. Claro que o medo de que falo não é racionalizável, está no inconsciente. Normalmente o macho ibérico considera-se o melhor do mundo.

Em termos psicológicos (não é o que dizem os manuais?) a dependência da figura materna, na prática, resulta, na infatigabilidade. Que consequências acarreta para a cultura nacional esta situação? «Toda a nossa história se ressent da falta de emancipação do homem. Da sua imaturidade. Daí que sejam tomados por um sonho nostálgico, intraduzível, o que até se nota na poesia. Somos messiânicos, estamos sempre à espera de um salvador. Quando a sociedade se sente ameaçada pela anarquia ou, por factores de desagregação, arranjamos um ditador que tome conta de nós.»

Segundo J. Markale, autor de «La Femme Celte», dois poderes coexistiram na civilização celta até que um venceu o outro. «Se o homem é chefe de família, nem sempre é cabeça de casal», afirma. Em jogo havia, portanto, um poder inequivocamente fálico, o masculino, e um outro que também governava, ainda que mais sub-repticiamente, o feminino. «As mulheres vivem com o poder dos homens. O Estado é masculino, o padre é masculino... e as relações comerciais também o são. No entanto, a nossa raiz encontra-se numa sociedade matricêntrica que depois com o advento do capitalismo se masculinizou por completo. Mas a luta mantém-se...»

Eles usurparam-lhes o ceptro e reduziram-nas à passividade. Acredita no conformismo das mulheres? «De maneira nenhuma. No fenómeno religioso podemos encontrar explicações que provam haver, da parte das mulheres, uma rebelião ainda que camuflada. Por estranho que pareça os ritos de possessão diabólica são coisas únicas cá da terra... na Europa não os há. Os possuídos são sempre mulheres e crianças, enquanto os espíritos maus e selvagens que vêm chatear as pessoas são homens. Aliás o espiritismo selvagem só aparece quando o poder mascu-

lino se afirma.»

Homens conservadores, mulheres rebeldes — será este o esquema? A dicotomia clássica entre opressores e oprimidos? «O valor da rebeldia, entre nós, está ligado às mulheres. Aliás em todos os contos populares ela surge como rebelde até mesmo no papel de infiel. Nas zonas urbanas o que é a figura da peixeira, da fadista, da prostituta do Bairro Alto (não me refiro às meninas que andam a fazer de galantes, às mulheres objecto)... se não um exemplo de rebeldia? E as mulheres dos pescadores de toda a faixa piscatória, com destaque para a Nazaré e Póvoa de Varzim, não têm imenso poder? Os filhos são delas. Por vezes, nem sequer o nome do pai figura nos registos de nascimento...»

De acordo com Moisés Espírito Santo o patriarcado, teria ascendido a instituição universal quando o homem se apropriou da agricultura, dos animais domésticos e dos utensílios de trabalho. Posição coincidente, em parte, com a da francesa Françoise d'Eaubonne, autora do livro «As Mulheres antes do Patriarcado». Logo que o homem se fixa na terra, deixa de ir à caça, a mulher é venciada. «Sim, quando ele descobre que se podia apropriar da terra... No caso do pescador (um caçador de peixe) existe um obstáculo. Na verdade ele não pode apropriar-se do mar e daí que a influência da mulher prevaleça muito visível. Elas açambarcam o peixe que eles trazem, vendem-no e administram o dinheiro. Já reparou nos velhos pescadores da Nazaré que ficam pasmados, como um peso morto, quando lhes tiram a vida do mar? Caiem na tristeza, na solidão...»

No senso comum a falocracia não significa a superioridade do macho, daquele que penetra, portador da saliência? «Num ponto de vista sim mas... vendo bem o macho não funciona quando quer ao contrário da fêmea. O homem funciona por intermitência quando a mulher, que é reentrância, não tem desses problemas... portanto, quanto a mim, ela sexualmente é superior. Quanto à questão da iniciativa também nesse campo, nos meios rurais, são elas que

a tomam. São as mulheres que dão a entender ao homem qualquer coisa (com um sorriso, um olhar fixo) para que ele se lhe dirija. Não é para isso que se fazem as romarias? Em certas festas do Minho convencionou-se criar o muro dos solteiros. Trata-se de mostrar, o testemunho perante toda a aldeia de que estão livres...»

Mesmo aí, com os machos encostados a uma parede, não será uma exibição de machismo primário? Garanhões arrogantes que ostentam a virilidade? «Não porque eles expõem-se, sujeitam-se a uma situação de rebaixamento, de ridículo. Estão ali: quem me quer? Mas arriscam-se a levar tampa.»

Vítima

Através da sociologia rural, Moisés Espírito Santo chegou a certas conclusões, discutíveis no ponto de vista feminista, mas que permitem uma reflexão despida de dogmatismos. «As feministas portuguesas partem de um discurso miserabilista, colocam-se no papel de vítimas. Quanto a mim deveriam agarrar-se à ideia de que são fortes com base na análise sociológica e etnográfica. Afinal o que é que elas querem? Copiar os modelos masculinos?»

Presumo que é a igualdade que está em causa. O que importa mais é destruir o conceito de sociedade actual, toda ela assente numa gigantesca fraude. Uma fraude que como diz Jean Markale em «La femme Celte» se esconde por detrás dos problemas políticos, religiosos, sociais, económicos, que lhe servem de alibi. Demolida a ideologia patriarcal, apoiada na hierarquia, na exploração e no lucro, seria desejável a construção de uma outra sociedade em que houvesse a co-gestão igualitária dos dois sexos. «Acho que a mulher se tem de afirmar tal como é: na diferença que a separa do homem. Nem superior, nem inferior... é outra coisa.»

Nos partidos, criados pelos homens, as mulheres evocam sempre o poder masculino. «Estão às ordens deles», como afirma Moisés Espírito Santo. Proclamam as suas mensagens, são veículo de transmissão do

que eles querem fazer passar. Julho, todavia, que o 25 de Abril fez emergir o inconformismo feminino. «Não ligo às mudanças sociais, a datas políticas. Pode haver, de início, uma euforia e depois tudo voltar ao mesmo. Por a Constituição se declarar socialista não significa que, de um momento para o outro, o País se torne socialista. Isto, visto assim, lembra-me algo de messiânico, de mágico. Os movimentos de ruptura não modificam nada se não houver uma continuidade coerente... e na nossa história verifica-se uma constante de surtos messiânicos, de altos e baixos.»

Recusa, com alguma irritação, a imagem de um campesinato reaccionário e manipulado pelo clero. «O que determina o seu comportamento são os valores culturais. Nada tem a ver com a religião visto que esta funciona como uma representação. Dantes, não pagar o salário a quem trabalhava, era um valor forte... hoje já não interessa, as pessoas riem-se disso. Quando os valores reais mudam também as representações mudam. Não há nada que resista aos factores económicos, nem sequer as coisas mais sagradas.»

Em 1975 aconteceu uma vigorosa reacção do meio rural, sobretudo a norte do Tejo, contra o chamado processo revolucionário em curso. Porquê?

Para Moisés Espírito Santo, esta atitude não traduz uma mentalidade atrasada ou sinais de obscurantismo. «Foi uma revolta contra a cidade... uma reacção do camponês contra o operário. Estava na Batalha, em 1976, por alturas do Verão quente, e analisei o conflito. A verdade é que os camponeses sempre acusaram os operários de parasitas. Obviamente que não me ponho do lado deles... Sou sociólogo e para mim não existem mentalidades avançadas ou atrasadas, mas mentalidades. Chamar atrasados aos camponeses é não admitir a diferença. É, também, muito grosseiro.»

Exibicionismo

Essa mania do parasitismo, muito vulgar entre o campesinato, não será uma forma de glorificar o trabalho? E não será também por isso reaccionário? «O trabalho é fundamental em qualquer tipo de sociedade, seja ela socialista ou capitalista. Sentem-se bem assim, têm as suas compensações. Neste país não há uma só cultura mas muitas subculturas. Repare que a burguesia portuguesa é nortenha. No meu entender, Lisboa ser a capital corresponde a um tremendo erro visto que não é aqui que está o poder económico.»

Mas estão, em Lisboa, os modelos culturais, não lhe parece?

«Certo. No entanto, embora dê o tom, em Lisboa não

se regista a presença da burguesia do século XIX. No fim de contas, que burguesia é que consolidámos com os Descobrimentos? O que é um descobridor, à maneira de Vasco da Gama, se não um parasita? Vai procurar dinheiro quando devia construir riqueza no seu país...»

Timidamente observo que, das terras distantes por onde andámos, trouxemos riquezas. «Onde é que elas estão?», pergunta Moisés Espírito Santo. Francamente não sei — reconheço. «Gastaram-se em Mafra, nos Jerónimos... não produzimos riqueza, limitámo-nos a um exibicionismo económico. Porque é que a Inglaterra e a Alemanha, são países ricos e nós não?»

Exibicionismo, ostentação — não me diga que vai integrar essa faceta portuguesa no machismo de que falámos atrás? «Claro... é isso, vai desmascarar no mesmo. Reproduzir riqueza exige esforço e criatividade. O que criámos nós? Uma cultura parasitária e dependente.»

Os varões dos Descobrimentos, se faz favor. Porque as mulheres não foram nas caravelas. «Os descobridores eram uma espécie de emigrantes. Emigravam por uma questão de valorização, tal como o emigrante de hoje. A ideia é voltar rico. Valorizar-se perante quem? A namorada, a mulher, o vizinho... e, de uma certa maneira, fugir à família, há que ter em conta esta dimensão psicológica. Os que emigram não são necessariamente os mais miseráveis.»

Pois, para os sociólogos são os valores culturais que contam. Valores que comportam uma linguagem própria. Por exemplo a palavra aborto, no meio rural, suscita uma imagem que invoca extermínio. Porque para a gente do campo fazer interrupção da gravidez quer dizer desmancho, emendar o que foi feito. «Toda a gente pratica desmanchos nos meios rurais, entrou nos costumes do povo. Aceitam desfazer a gravidez, mas se lhes falarem em aborto, para eles, tem uma carga de monstruosidade. E ao contrário do que se divulga a religião não interfere nada, digam os padres o que disserem. Perante a necessidade fazem-se mil abortos mesmo que a religião os proíba.»

Para Moisés Espírito Santo a posição dos políticos e governantes face ao aborto não passa de uma farsa. As hesitações, o diz-que-diz, o voltar atrás tem a ver com a tal mentalidade imatura dos portugueses. «As mulheres deveriam ter ido para este discurso: somos donos do nosso corpo. Elas é que deveriam fazer as leis e não os deputados.»

Realmente. Porque é que as mulheres não abordam os problemas fundamentais que esta cultura falocrática levanta, porque não vão até ao âmago da questão? ■

P U R G A T Ó R I O S

«Os jornalistas, como grupo profissional são mais acentuadamente machistas do que outros grupos profissionais com uma cultura e um estatuto social semelhante...»

Sem pretender obter actos de contrição ou confissões culpadas, quisemos ouvir a opinião de um jornalista — homem sobre a convivência do machismo na nossa Imprensa. Nesse sentido, falámos com Francisco Vale, jornalista de «O Jornal» — um jornalista com «um outro entendimento das coisas», como nos afirmava a nossa primeira entrevistada, Maria Teresa Horta.

Francisco Vale afirmou-nos que, de facto, a Imprensa portuguesa é machista e que os jornalistas não se devem ilibar, mas antes estar atentos, na medida em que deles a depende um jornalismo diferente.

Brando de gestos e voz, a morder as palavras no fluir da fala, Francisco Vale dava-nos conta do seu posicionamento perante a Imprensa portuguesa.

«É evidentemente machista», afirmava-nos, «Reflecte, nesse sentido, o que se passa a um nível social mais geral, mas isso não iliba os jornalistas. A Imprensa tem o dever particular de estar atenta aos processos de mutação a nível cultural, político e social. Portanto, deve dar muita atenção a tudo o que aponta para a contestação do machismo, entendido como ideologia em que o homem é superior à mulher e tem um lugar privilegiado na sociedade».

Escusando-se a desculpas frouxas ou pareceres contemplativos, Francisco Vale juntava mesmo:

«Além disso, penso que, de certo modo, os jornalistas como grupo profissional são mais acentuadamente machistas do que outros grupos profissionais com uma cultura e um estatuto social semelhante».

O modo de recrutamento dos jornalistas e os mecanismos de adaptação que desenvolvem, são factores que Francisco Vale aponta como explicativos do carácter particularmente machista da classe.

«Os jornalistas contactam com ministros, secretários de Estado, pessoas que entrevistam, desenvolvem mecanismos de adaptação em relação a certos sectores para conseguir obter informações e não têm capacidade de contestar os valores desses sectores», explicava.

Na mesma medida, o jornalismo, pela natureza do seu desempenho, incorpora a essência dos valores ditos masculinos: a energia, o dinamismo, a acção, conforme nos referia Francisco Vale:

«Os próprios valores dos jornalistas, enquanto grupo profissional, (a concorrência, a agressividade) confirmam e reforçam a sensibilidade machista existente na Imprensa portuguesa. Está em moda o jornalista de choque, aquele que consegue obter informações de qualquer modo e em qualquer situação, o que requer um dinamismo acrescido. Isso reflecte, por um lado, os próprios valores masculinos e por outro reforça os valores que o grupo se auto-atribui e vem interiorizando ao longo dos tempos».

Não é, seguramente, por acaso, que se continua a utilizar a expressão: «os homens da Imprensa».

Discurso diferente encontra dificuldades

Apresentando os jornais feições e valores masculinos, em que medida as mulheres jornalistas subvertem a ordem do discurso instituído?

«É curioso ver que muitas mulheres jornalistas interiorizam os valores masculinos e em concorrência com os homens acabam por nem sequer preservar na sua profissão um espaço aberto às questões que se relacionam com a libertação da mulher».

Estranho? Entre um e outro cigarro. Francisco Vale frisava-nos:

A minha experiência mostra-me que muitas vezes, quando se discute numa redacção de jornal, quem pode mais facilmente obter de uma dada personalidade política ou cultural, uma informação difícil, recorre-se mesmo explicitamente à possível sedução de uma redactora desse jornal. É evidente que as mulheres só são bem aceites se aceitarem as regras do jogo jornalístico».

Referindo-se em particular a algumas mulheres que conseguiram «resistir» à adequação, como Antónia Fiadeira, Regina Louro, Edite Soeiro ou Teresa Horta, Francisco Vale afirmava ainda mais adiante:

«Quando a mulher quer abrir no seu jornal espaço para tratar temas como a libertação da mulher, encontra grandes dificuldades. Até porque existe uma ideologia tradicional que considera que tudo o que as mulheres fazem tem pouca importância. Uma redactora que tente abordar esses temas depara com atrasos na situação material, cortes, constantes referências à falta de público para o seu trabalho».

Expunha-se no que afirmava (denunciava?) e por outro lado acrescentava que em alguns jornais começa a haver uma maior abertura para a abordagem de certos temas considerados marginais.

«Muitos directores e chefes de redacção de jornais, já se aperceberam que é rentável abordar certos temas, desde a homossexualidade até questões relacionadas com mulheres. Chegam mesmo a encorajar essa abordagem. Mas os jornalistas devem estar atentos e lutar para que esses espaços não sejam desvirtuados».

Tomando como exemplo o aproveitamento sensacionalista que muitas vezes jornais como o «Correio da Manhã» ou «A Ca-

Francisco Vale sobre o machismo: os jornalistas não estão ilibados ...

Maria Leonor Nunes

pital» fazem de notícias de violência ou suicídio, Francisco Vale continuava:

«É evidente que o tratamento desses temas continua a ser feito, segundo os antigos esquemas mentais e culturais e numa perspectiva de aproveitamento de mercado. Penso que o desafio que se coloca aos jornalistas é tentar aproveitar esta sensibilidade das direcções dos jornais para abordar estes temas correctamente. Em geral, quanto mais correcta for essa abordagem, menos possibilidades têm de aparecer com destaque nas páginas dos jornais. Há jornalistas que resistem a isso, outros preferem ver o seu trabalho destacado e vão cedendo».

Francisco Vale prefere claramente a primeira via, como nos referia de passagem.

Vários olhares sobre a mulher na Imprensa

Da clara evidência ao jogo aparente, a Imprensa reproduz o seu discurso, o seu olhar sobre a mulher: mais ou menos conservador, mais ou menos distorcido, mais ou menos machista.

De lés a lés, Francisco Vale dava-nos a sua leitura crítica sobre os ângulos diversos, pelos quais é vista a mulher na Imprensa.

«Existem publicações como a «Crónica Feminina» em que se transmite uma concepção retrógrada da mulher: a boa dona de casa, a boa cozinheira. Na mesma linha temos uma «Nova Gente» ou mesmo os suplementos do «Correio da Manhã», referia-nos, citando por outro

lado o semanário «Sete» como um «exemplo acabado» desse tipo de Imprensa e da utilização da mulher nos jornais.

«O nu feminino aparece sistematicamente utilizado de uma forma obscena na primeira página do «Sete», dizia-nos, «não tenho nada contra o nu. O nu do homem, o nu da mulher são bonitos. Mas o «Sete» utiliza o corpo da mulher de uma forma exibicionista, para chamar a atenção dos leitores serôdios. Aliás o que se escreve sobre as vedetas de cinema, na última página desse jornal é ainda pior, perfeitamente incrível, mesmo».

Francisco Vale aludia-nos, do mesmo modo a outros jornais, onde em sua opinião o machismo não aparece de uma forma tão clara — jornais como o «Expresso», «o diário», ou «Diário de Lisboa».

«Nesses jornais o machismo tem formas mais ínvias, furtivas, ambíguas: o modo como se escolhem as notícias, na perspectiva com que se abordam. O jornal onde trabalho é evidentemente machista, por exemplo, mas de uma forma subtil, pela importância que dá à política, pelo modo como trata as mulheres que têm uma dimensão política... É subtil, mas vai dar no mesmo».

Tendo em conta toda a herança cultural inscrita inconscientemente Francisco Vale chamava a atenção para a necessidade de estar atento:

«Para mim não há jornalismo

objectivo. Devemos procurar o rigor, mas não ter pretensões à objectividade. Há sempre qualquer coisa dos nossos preconceitos, das ideias que temos, dos nossos fantasmas que transparece no que escrevemos. Por isso devemos estar atentos, pois é mais inconsciente o que podemos fazer de incorrecto».

Machismo limita qualquer jornalista

Sensível a estas questões, Francisco Vale reafirmava-nos a importância de denunciar todas as formas de machismo que existem na nossa Imprensa.

«O machismo é uma grande e irremediável limitação em qualquer jornalista», comentava.

Paralelamente sublinhava, no entanto, que de nenhum modo se pode estabelecer a igualdade entre jornalismo machista e jornalismo medíocre. Fazê-lo seria, em sua opinião, redutor e simplista.

«Existem jornalistas machistas que são bons jornalistas», dizia-nos, «A questão é esta: o machismo puro é uma ideologia que foi interiorizada consciente e inconscientemente. Não há nenhum homem ou mulher que esteja isento de uma matriz machista. Isso implica que alguns jornalistas sejam sensíveis a determinados assuntos e problemas e por outro lado insensíveis a aspectos importantes que se relacionam com a mulher».

E exemplificava: «Baptista Bastos é um machista confesso, mas é um dos bons entrevistadores que nós temos e como escritor é sensível a problemas como a solidão, a incomunicabilidade ou o isolamento».

Alargando o horizonte da sua reflexão ao domínio da literatura, Francisco Vale dizia-nos ainda a propósito:

«Do mesmo modo, alguns dos nossos melhores escritores e poetas são machistas ou misógenos. Fernando Pessoa, por exemplo, que tem uma concepção da mulher que oscila entre o desprezo e a idealização. Mais recente, temos o caso de José Saramago que em «Memorial do Convento» nos dá o imaginário português de uma forma que poucos livros têm conseguido, mas que elabora, constrói uma personagem feminina «Blimunda», numa perspectiva machista».

Quase se poderia dizer, à letra do adágio popular, que o machismo «não é defeito, é feitiço». Mas assim sendo, como poderemos esperar um jornalismo diferente?

«A tendência que existe é para reproduzir um jornalismo já existente que um público relativamente atrasado quer ver», afirmava-nos Francisco Vale, «mas se o jornalista tiver a coragem de subverter a relação com o público e encarar as coisas de uma outra forma, com uma outra abertura, a Imprensa mudará. Vamos ou não conseguir um jornalismo diferente? — tudo depende de nós. A resposta não está dada».

Fica em aberto. ■



«No Expresso, no Diário ou no Diário de Lisboa o machismo tem formas mais ínvias, furtivas, ambíguas...»

S O C I E

Pretender a igualdade significa continuarmos todos em torno desse bolo não valesse a pena? No mimetismo do seu desejo, do «machismo». Mas interessará, de facto, às mulheres «ter o ma



Masculino-feminino e indiferenciado

tão e Descartes, e é-nos recordado por L. Irigaray.

Em primeiro lugar Platão, no Banquete, diz-nos as palavras de uma mulher, Deotime, para definir o amor como um intermediário entre o saber e a realidade, um «intermediário que nunca será abandonado como meio ou caminho» (3. pag. 27) e que atinge toda a sua força quando se faz «medidor de um futuro sem outro objectivo que não seja a transformação» (3. pag. 39).

A admiração, em Descartes, também consiste numa terra de passagem, ela abre-me ao outro, que desde logo deixa em mim a marca da sua passagem; ela leva-me para as coisas cujos fragmentos me penetram, ela é «paixão que guarda um caminho entre física e metafísica, impressões corporais e movimentos, para um objecto, empírico ou transcendental» (3. pag. 82). A admiração permite às ideias e aos números reencontrar o espaço, e ao físico e ao metafísico estar sempre juntos: «a admiração seria a paixão do encontro entre o mais material e o mais metafísico» (3. pag. 84).

Feminino-Plural. Amar traz consigo a pluralidade, e, para

que esta aconteça, a mulher deve atravessar a sociedade, oferecer as possibilidades de uma fecundidade cultural, vital no jogo do amor. No entanto, este caminho para a socialidade seria sempre nula se se contentasse em reproduzir o sistema de socialidade organizada por e para os homens. Consequentemente, a socialidade «não significa a entrada das mulheres como homens em parte inteira nos sistemas de poder actual, mas a criação, pelas mulheres, de novos valores correspondentes às suas capacidades criadoras» convocando, segundo Irigaray, o reconhecimento das «marcas do corpo e da sua morfologia sobre as criações imaginárias e simbólicas» (3. pag. 70). A ética também reclama o restabelecimento da relação mão-filha sem o qual todo o projecto feminino pode fracassar. mergulhar nas relações habituais da concorrência enciumada, da inveja e do cálculo mesquinho. Reinstaurar essa relação é um dos gestos mais difíceis na nossa cultura, porque «segundo as nossas tradições, há séculos fieis a um Deus pai criando um Deus - filho através de uma virgem-mãe, o maternal

feminino serve de mediação para a geração do filho» (3. pag. 70). Sem este gesto as mulheres demoram-se às palavras que tantas vezes utilizam: «como tu», «eu também», «eu mais (menos)», «como toda a gente», e que marcam uma competição cega para ocupar um lugar num local mal definido, mas que acordam a atracção, a inveja, a paixão. Ainda não é outra quem é amada mas o lugar que ela ocupa, que cria, e tratar-se-ia de o tomar, de preferência a respeitá-lo» (3. pag. 101). É por isso que as mulheres constituem muitas vezes, por si próprias «o meio mais terrível da sua própria opressão» (3. pag. 101).

Linguagem. O sistema da língua, que se diz neutra, impede o acesso do feminino à palavra. A vontade da transparência do conceito, na ordem do sólido, visa ocultar a não transparência da ordem do fluido. L. Irigaray distingue a frase do tipo homem: «pergunto a mim mesmo se sou amado», da do tipo mulher «Amas-me?». A diferença entre os polos de enunciação mostra que o «eu» e o «tu» partilham o mundo, mas de uma maneira que dificulta a comunicação (3. pag. 129). A se-

Há varias maneiras de ver o xadrez do mundo. Uma delas consiste em não ver nele mais do que uma luta armada entre brancos e pretos. Outra vê os deslocamentos múltiplos, os dos bispos que andam sempre em diagonal fazendo de uma travessia a via inevitável, os cavalos galopando em L, seguindo uma «lógica» animal, as torres impondo-se nos eixos vertical e horizontal, os peões e saltitando em frente sem nunca poder voltar para trás, e essa rainha agitada, devoradora de peões, circulando em todas as direcções para salvar o pobre rei que só pode mudar de casa uma por uma... Um jogo complexo em que as singularidades vivem o seu ritmo e o seu espaço, fazendo do mundo, não a oposição de dois grupos mas um entrelaçamento onde nada vai em companhia, onde todo o peão se revela como efeito espectacular da situação em movimento do outro. Efeito de espelho da frente, de espelho de lado. A guerra na dicotomia não teria em vista esconder o quiasma no jogo, e essa estranha quebra em que o Rei, impotente, preso na lentidão das suas deslocações, encontra o próprio reflexo nesse peão-mulher que é a Rainha, a quem tudo é permitido no espaço e no tempo. O poder não seria todo ele uma cópia, presa na codificação daquilo que o transcende e lhe faz medo? Todo o poder seria acompanhado de um pedido de protecção dirigido a uma espécie de Rainha-Mãe em movimento infinito no espaço infinitamente grande e pequeno?

Masculino/Feminino são os termos de uma problemática confortavelmente bloqueada numa luta a dois pelo poder. O olhar histórico-sociológico alimenta essa visão maniqueísta, como o faz P. Bourdieu, que coloca o distinto culto contra o rústico-ignaro, redução do social que se encontra na sua análise da linguagem, tal como o denuncia Françoise Kerleroux: «Pierre Boudieu relativiza os usos linguísticos e

atribui a verdadeira hierarquia dessas falas à hierarquia dos falantes» (1). Este olhar também pode perder-se na anedota, e contar indefinidamente factos para «mostrar» uma evolução, um percurso, uma mudança, um progresso, e é essa, por exemplo, a história do casal entre 1830 e 1930, traçada por Laure Adler (2). Estes factos, estas evidências, merecem que nos detenhamos nelas. Eles acompanham muitas vezes reivindicações mais que justificadas. Mas não basta constatar que certas palavras não existem no feminino, que os lugares ao Sol da cultura e da política são reservados aos homens, para mudar alguma coisa ao machismo. Porque nada do ma-

Espaço-Tempo. Já para Platão o lugar, o receptáculo, dizia respeito ao feminino, podia assimilar-se a uma matriz. Imagem que Aristóteles retomará ao dizer do local que ele não é forma nem matéria, é como que um vaso, um molde. Aristóteles levanta a questão essencial da natureza das ideias e dos números que então não estão no lugar enquanto que o lugar participa do grande e do pequeno. Essencial porque ao propor essa dualidade lugar ideias-números, Aristóteles indica, neste divórcio masculino/feminino, a angústia e a atracção do que não é forma nem matéria sublimadas pela enumeração: «Para dominar a atracção

Chaké Matossian

chismo vai mudar enquanto pudermos dizer Primeira-Ministra, e para além dessas palavras novas se dissimular a vontade de poder tradicional (o caso da senhora Thatcher).

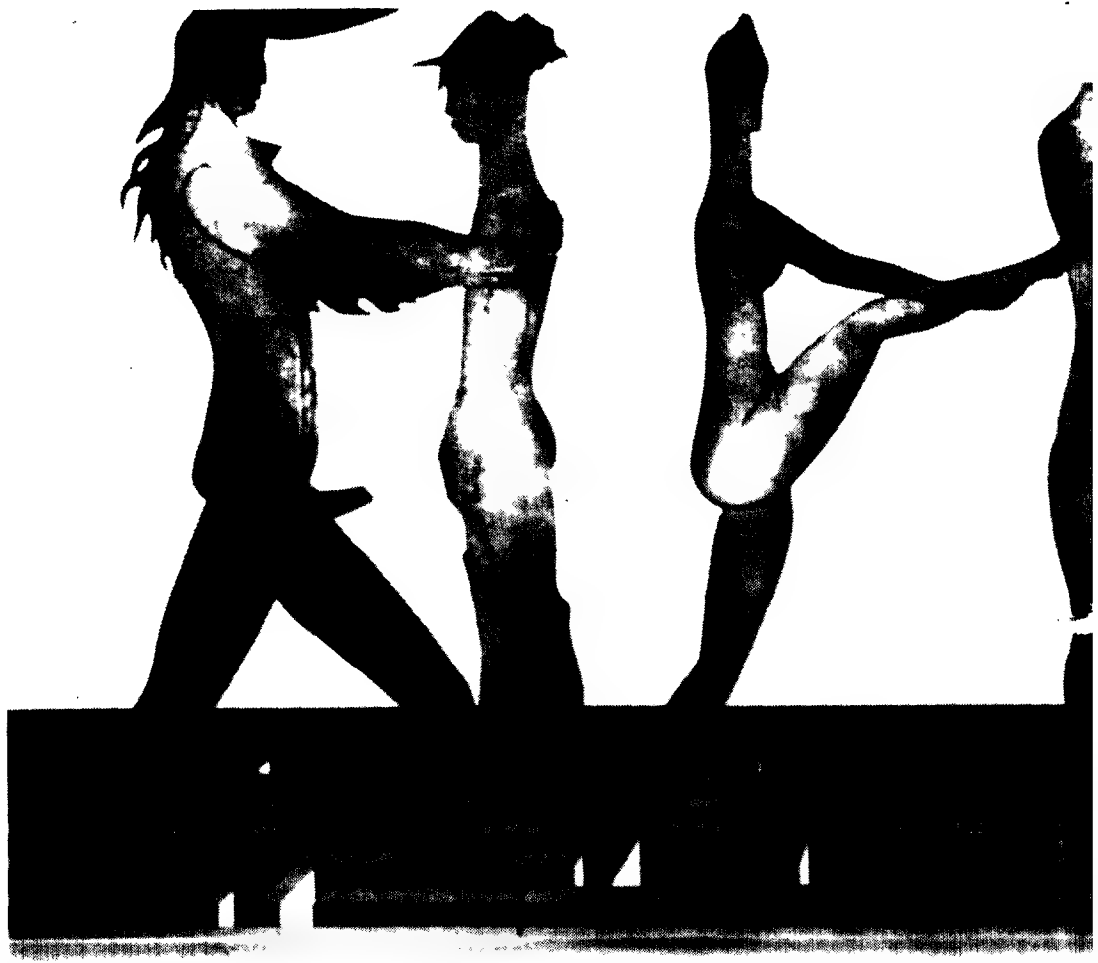
Uma sacudida, o facto de se repor em causa a própria estrutura da linguagem mostram-se necessárias porque é a disposição das palavras que traz consigo os traços de uma ordem sexual. Ainda nos seria necessário questionar as bases filosóficas da diferenciação sexual, assim como o tema da ciência, que, sob a sua neutralidade aparente, fala no masculino. Cabia a Luce Irigaray levar esta tarefa a bom termo e oferecer-nos os resultados como matéria de reflexão, no seu último trabalho: **Ethique de la différence sexuelle** (3).

Conceber essa ética, essa diferença supõe uma reformulação do espaço, do tempo, da ciência e da linguagem, mas também um novo olhar sobre as relações das mulheres entre si. Se a aposta do livro «é claramente o encontro entre os sexos masculino e feminino», esse encontro só é possível se «cada um dos sexos se descobrir e se amar a si próprio».

pelo primeiro e único lugar, o homem, no que tem de melhor, exercita-se nas ideias e nos números independentes do lugar? (3. pag. 45). Uma por uma o Rei enumera as casas.

A diferença sexual marca o espaço (principalmente as relações exterior/interior) mas também o tempo. Quanto à mulher, não conhecendo a erecção, também não conhece os limites no tempo: a sua dificuldade reside no limite temporal a enfrentar: «Onde o homem vive dolorosamente e sente como impossível o corte de ou no espaço (nascer, sair da mãe), a mulher vive como um sofrimento ver a impossibilidade do corte do ou no tempo (é o seu quiasma empírico-transcendental?)» (3. pag. 67).

Amor-Desejo. As mudanças na ordem sociocultural arrastam consigo uma modificação na economia do desejo. O amor e o desejo abrem caminho ao intervalo, ao intermediário, à passagem. Uma passagem que se tende a obstruir separando hoje o físico do metafísico, o corporal e o pensamento. Esse intermediário tinha-no indicado Pla-



no do mesmo bolo. E se, exactamente, as mulheres permanecem prisioneiras do mesmo que os homens já têm?»?

nino

paração entre o Eu e o Tu marca a brecha original que a linguagem na sua idealidade tenta em vão preencher. «A língua é um sistema ideal não só para o linguista mas para todo o indivíduo falante. Na nossa língua somos sempre idealistas. Separados da natureza-mãe em que, da qual, nascemos, do nosso arcaísmo, dos nossos arquivos de carne... Uma parte de nós não nos chega na sua percepção-recepção-primitiva» (3, pág 158).

A idealidade do sistema da língua reside na sua gramática. «Nós acreditaremos em Deus enquanto acreditarmos na gramática» dizia Nietzsche. Denunciar o discurso como discurso marcado na sua sintaxe, mesmo pela diferença sexual, é o mesmo que interrogar «o bastião mais resistente da ordem do sentido. É abordar o problema do Deus dos homens no seu sentido mais tradicional» (3, pág. 109). Uma ética da diferença sexual exige necessariamente a sacudidela dessa «arquitectura técnica» da linguagem, que se queria imutável.

A ciência. A ciência representa, ou pretende representar o discurso da neutralidade, um discurso sem sujeito, sobre um

objecto puro. A vontade de saber e o seu corolário, a universalidade do tema, não podem deixar de esconder o desejo de poder de um sujeito não neutro e masculino: «Na sua realidade, o que se quer universal equivale a um «idiolecto» dos homens e a um imaginário masculino, a um mundo sexuado. Sem neutralidade» (3, pág. 117). Temos pois que perguntar a nós próprios por que nunca se diz nada ou quase nada, da instituição do sábio, por que a lógica se interessa mais pelas teorias bivalentes do que pelas polivalentes, por que a biologia aborda tão tarde os problemas dos tecidos placentários, etc, etc, para concluir, com L. Irigaray que «um dos lugares mais susceptíveis de provocar uma nova discussão do horizonte científico é o da investigação sobre o tema da ciência, e a sua implicação física e sexuada no discurso, as descobertas e a sua disposição.» (3, pág. 121).

O mundo inteiro, a filosofia, a linguagem e a ciência encontram-se assim convidados para as interrogações através do Amor como mediador de um fu-

turo sem outro objectivo que não seja o futuro, em que aprendemos a cuidar a terra de passagem evitando o escolho do poder, principalmente, o canto das sereias. Porque a luta feminina e feminista ao querer interverter os papéis, transformar o feminino ou o matricial-maternal num valor superior e supremo, corre um grande risco. Querer a igualdade tem o perigo de ficar indefinidamente no mesmo sítio. E se, justamente, esse sítio não valesse a pena? No mimetismo do seu desejo, as mulheres ficam prisioneiras do machismo. Querer o mesmo significa, por um lado, que os homens já possuem o que se pretende atingir, e que o querer das mulheres tem por isso que estar sempre em atraso. A vontade do mesmo conforta-os portanto na sua posição de primeiro pretendente. Por outro lado, nessa igualdade de conquista, as mulheres fazem o jogo do poder masculino porque elas lutam no interior e do interior dos quadros cultural, económico, jurídico, científico estabelecidos, elaborados e estruturados pelos homens, utili-

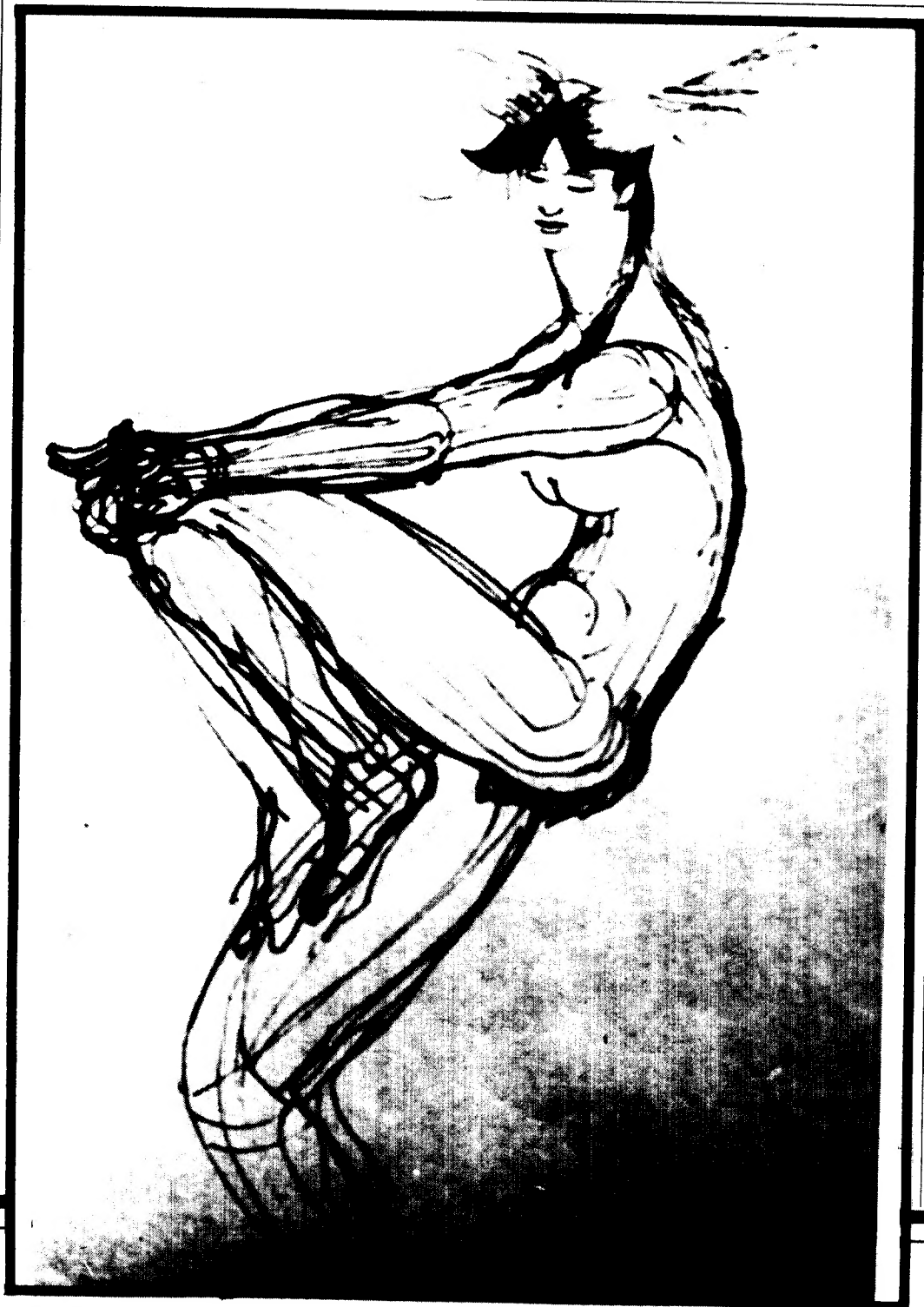
zando, para mais, uma linguagem já marcada pela diferença sexual em benefício do homem.

Lutar no feminino é portanto procurar querer outra coisa, outro modo. Ficar à espreita, evitar as armadilhas e o fascínio do poder. Essa tarefa complicada e infinita cria a dúvida perante todos os sistemas de referências, à sua vacilação. Uma vacilação que podia levar-nos a uma encruzilhada onde os géneros se anulam, dando lugar ao aparecimento da indiferenciação, às singularidades, aos seres em desenvolvimento. Já não se diria «isto é feminino», «isto é masculino». Porque se teria aprendido até onde nos pode levar, na «praxis», toda a teoria baseada na supremacia de alguns sinais, corporais ou divinos, evidentes.

(1) In *L'Empire du sociologue*, obra colectiva (J. Rancière, G. Tarde, Th. Adorno, etc) analisando de um modo crítico essa «máquina de interpretar» invasora que é a obra do sociólogo P. Bourdieu; La Découverte, 1984.

(2) Laure Adler, *Secrets D' Alcouve*, Hachette, 1983.

(3) Luce Irigaray, *Ethique de la Différence sexuelle*, Minuit, 1984.



Mensagens pessoais

Bobinas de gravação

Tenho 2 bobinas de gravação vazias de 18 cm e uma caixa arquivo mesma medida. Troco por 2 bobinas vazias de 15 cm. Contactar com Carlos Tel. 2762351 depois 20 horas.

Alcatifa

Vendem-se, por motivos de alterações na decoração, abaixo do valor real, 130 m2 de alcatifa Penina, cor 116 (castanho médio, 4 metros de largura), enrolados inteiros, acabados de chegar da fábrica. Telefonar até às 9 horas ou depois das 21 horas para Maria Helena de Seabra, 774298.

Postais ilustrados

Colecção postais antigos, utilizados ou não, de: Leiria, São Pedro de Muel, Marinha Grande, Nazaré e Coimbra.

Caso não estejam interessados em guardá-los e os quiserem enviar, aceito-os agradecidamente, guardando todo o sigilo quanto ao que neles estiver escrito. Vitorino Manuel Garrido de Andrade Rua Barão de Viamonte, 54-1.º 2400 Leiria.

Andar

Andar — Cidade Sol, Barreiro vendo 3 assoalhadas grandes. 1950 contos. Entrada 180 contos. Telefone 2070714.

Motocultivadora

Compro. Usado bom estado de funcionamento; indicar preço, estado e características para Valdemar Quinta Ferreira — Carril 2300 Tomar.

Cineclubes

Vendo colecção de folhas de sessão e cadernos de ciclo, de vários Cineclubes (CCUL; ABC Cineclubes de Extremoz; Cineclubes Rocha, este Espanhol etc) Resposta: Luís Vilan, R. Teixeira Pinto n.º 54, 1100 Lisboa.

Aquário — vende-se

Todos os acessórios incluídos. Preço acessível. Resposta ao telefone 700934, a partir das 20 horas.

Oeiras

Mobilado, vista para o mar, alcatifado, electrodomésticos, TV, sala-comum, quarto, salinha, despensa, «kitchenette», marquise. 32 000\$00. Telefone 641414.

Vendo

Oficina de protese dentária Telefone 786289

Curso de electrónica

Rádio e Televisão, da «Occidental Schools». Compra-se mesmo sem material de práticas contactar por telefone 653474, José Santos; das 08.30 às 12 e das 13 às 16 horas.

Explicações

Licenciada em Germânicas, professora efectiva, dá explicações de Inglês ao ciclo preparatório, ensino secundário, e 12.º ano. Telefone 314915.

Estores

Executo novos e reparações, reparo e pinto, metálicos madeira e plástico. Mário, tel. 86 43 16.

Tabuletas

Luminosas em plástico, em vidro, letras pintadas e a ouro — publicidade para construtores, tabuletas gravadas em alumínio anodizado — tel. 86 46 47. Américo, R. Olarias 3 1100 — Lisboa.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

FÓSFOROS

CARTEIRAS E CAIXAS

FÓSFOROS

BRINDE PUBLICITÁRIO
ÚTIL E ECONÓMICO

Às agências de publicidade e agentes de brindes publicitários interessados em comercializar o nosso artigo.

CONTACTEM-NOS: **VENTAR** - Publicidade Lda.
OU
VISITEM-NOS
Cç. do Combro, 29-1.º Dt.º
Telf. 37 12 20 - 36 28 10
FIL - Stand 108 - 9/13 Maio

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

ANÚNCIO

FAZ-SE público que foi proferida sentença declarando a morte presumida de JOAQUIM ANTUNES, que foi casado e com última residência conhecida no lugar de Sobral, freguesia de Barreira, desta comarca, nos autos de Acção Especial de morte presumida, instaurados a requerimento de Alcinda Ribeiro, casada, residente no referido lugar de Sobral-Barreira-Leiria.

Leiria, 19 de Março de 1984

O Juiz de Direito
a) António Cardoso dos Santos Bernardino

O Escrivão de Direito
a) Amílcar do Nascimento Costa

D.L. - 7/6/1984

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
- COMPRO A P/ PAGAMENTO -
das 10 às 12h e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis, 173 - 1.º andar - 1050 LISBOA
VICTOR - telf. 53 82 20

FUMO NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS

As revelações
de um médico alemão

A eutanásia em video

Os médicos reunidos em Munique no congresso de cirurgia, viveram no dia 25 de Abril um momento de intensa emoção, único nos annais dessas reuniões sábias que são geralmente consagradas a querelas de especialistas e a discussões técnicas.

Um dos seus confrades, o professor Julius Hackethal, cirurgião eminente da Alemanha Federal, contou-lhes como tinha entregue a uma das suas doentes idosas, devorada por um cancro tenebrante do rosto, a poção de cianeto que lhe permitiu, como ela constantemente lhe pedira, acabar com os seus sofrimentos e com a sua vida.

Para dar mais peso à sua revelação acompanhara de um filme video para que todos os seus confrades pudessem viver e partilhar o gesto de eutanásia ou de cumplicidade de suicídio que ela levava a efeito. O acontecimento não podia passar despercebido: a televisão alemã e depois, no dia 26 de Abril, Antenne 2 durante o telejornal, difundiram-no por sua vez, enquanto o professor Hackethal relatava minuciosamente os factos num jornal alemão de grande tiragem, Bild.

Colocando toda a comunidade perante o acto que levava a efeito, o cirurgião de Munique rompia assim a lei do silêncio, a lei das consciências que desde a morte dos tempos preside, num acordo tácito, ao doloroso encontro entre o médico e o doente que pede a sua ajuda, não para se curar mas para morrer.

Outros o haviam feito antes dele, decerto de um modo menos espectacular mas com um mesmo desejo de não carregar sozinho com o peso da interdição, o da hipocrisia, e de fazer com que o público, os juizes, o Estado e as suas leis, partilhassem a realidade dos factos.

Na Dinamarca um anestesista fez sensação há alguns anos, ao comentar na rádio as circunstâncias em que administrara a doentes condenados doses mortais de anestésicos. Num livro que fez escândalo, um cirurgião inglês, o doutor Mair, descrevia em detalhes os gestos de eutanásia deliberada praticada entre os cancrosos (1). «Muitos outros médicos fazem secretamente o que eu faço», escreveu. É preciso falar agora claramente.

Sucederam-se em França testemunhos da mesma ordem, pela pena do doutor Rimbaud (la Delivrance) e de Léon Schwartzberg (Changer la mort), escrito em colaboração com Pierre Viansson-Ponté, entre outros.

Nos últimos dez anos numerosos congressos permitiram abordar de frente e já não através de prudentes alusões, como dantes, o problema da eutanásia. O padre Verspien, jesuíta, queixou-se mesmo recentemente, num vibrante artigo da revista Etudes, que ela fosse administrada demasiadas vezes e com demasiada facilidade nos hospitais franceses «roubando assim aos doentes, mesmo que condenados, os seus derradeiros instantes».

A opinião pública e a dos médicos evoluíram muito nos últimos anos. As sondagens levadas a efeito na Suíça e nos Estados Unidos na consequência de revelações ou queixas em tribunal, mostraram que as populações são amplamente favoráveis à ajuda que os médicos pudessem ou devessem dar àqueles que a reclamam.

Fazer com que a deontologia evolua

Mas a justiça francesa continua a considerar a ajuda dada ao suicídio como punível a título de não assistência à pessoa em perigo, e a eutanásia como um homicídio voluntário. O interdito, o silêncio e o mal-estar que continuam a pesar sobre tudo o que diz respeito à morte desejada, ou à morte infligida, explicam ao mesmo tempo as «demarches» mormente de todos os que aderem à Associação pelo direito de morrer na dignidade e o sentimento de culpabilidade que devora muitos dos médicos a quem é pedida a ajuda da sua ciência e do seu poder para uma obra tão contrária às normas do seu ideal e ao juramento de Hipócrates.

Segundo a maioria dos direitos ocidentais, e principalmente o direito francês, a sociedade considera que ninguém pode dispor da vida de outrem, mesmo com o seu consentimento, porque tanto a saúde como a vida «pertencem em co-propriedade à comunidade». Se o caso é esse, é à comunidade inteira que compete levantar o interdito moral que pesa sobre o suicida, admitir que cada um é dono e senhor de sua morte e livre de escolher o seu momento e autorizar que sejam conhecidos e acessíveis os meios que não são necessariamente muito médicos nem muito complicados, que permitirão acabar com a vida.

Ao levarem à praça pública e do modo mais espectacular possível o peso de uma responsabilidade e de uma culpabilidade que não querem assumir sozinhos, o professor Hackethal e os seus confrades pretendem fazer evoluir, não as leis porque todos os médicos sabem que seria muito perigoso e até impossível, mas sim a moral colectiva e a deontologia dos seus pares. Os debates, que se multiplicam à luz do dia e já não no segredo dos cenáculos, mostram que se está a avançar nesse sentido. ■

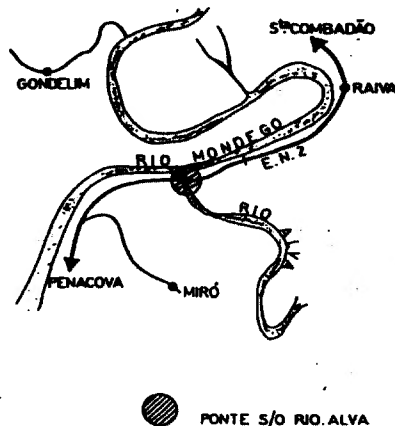
MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

JAE

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATACÃO DA EMPREITADA DA EN 2-KM 236

PONTE SOBRE O RIO ALVA E SEUS ACESSOS



● PONTE S/O RIO ALVA

- PREÇO BASE 85 000 000\$00
- CAUÇÃO PROVISÓRIA 2 125 000\$00
- ALVARÁ EXIGIDO - III CATEGORIA, E OU 2a. SUBCATEGORIA DA DA III CATEGORIA E DA CLASSE CORRESPONDENTE AO VALOR DA PROPOSTA.
- LOCAL, DIA E HORA PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES NA PRAÇA DA PORTAGEM, 2800 ALMADA, ATÉ ÀS 15h DO DIA 12 DE JUNHO DE 1984.
- LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES, DIA 14 DE JUNHO DE 1984, ÀS 15h.
- LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: DURANTE AS HORAS DE EXPEDIENTE, NA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES, PRAÇA DA PORTAGEM, 2800 ALMADA E NA DIRECÇÃO DE ESTRADAS DO DISTRITO DE COIMBRA.

ALMADA, 16 DE ABRIL DE 1984

O DIRECTOR DE SERVIÇOS

a) Carlos Noya Coutinho

NOTARIADO PORTUGUÊS

CÂNDIDO DA COSTA & FILHOS, LIMITADA

Eu abaixo-assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202, rés-do-chão, certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 13/4/84 lavrada nas notas deste Cartório no livro 205-E de folhas 86 verso a folhas 87, Alfredo da Costa, em representação da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede no dito lugar do Freixial, freguesia de Bucelas, concelho de Loures, dissolveu a referida sociedade, a partir de 13/4/84, e declarou-a em liquidação.

Que a liquidação será realizada por ele próprio outorgante, como liquidatário, no prazo de dois anos a contar de 13/4/84.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 17 de Abril de 1984

A Ajudante
(Joaquina Rita Glão de Rodrigues Falcato)

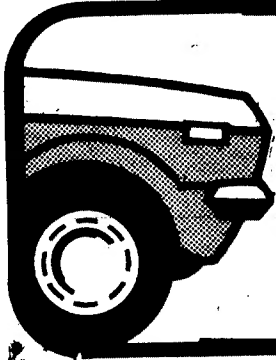


RTP
CONCURSO



Nome _____ Idade _____ Tel: _____
Morada _____ Profissão _____
Tem Televisor? _____ Nº Licença _____
Acompanhante _____ Idade _____
Profissão _____

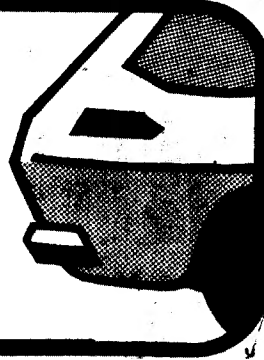
Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — Lisboa Codex



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.



circular e viver.



M U D A N Ç A S

O plano francês de televisão por cabo está a ser negociado cidade a cidade. Câmaras, correios e telecomunicações, sociedades privadas, todos se interessam pelo novo desafio. O Estado só exige que as empresas exploradoras tenham estatuto misto.

O governo francês, reunido em comité interministerial no dia 26 de Abril, conseguiu um compromisso que permitirá retirar uma grande parte das incertezas que ainda pairam no plano-cabo.

De preferência a procurar regras que fixam a priori o papel dos diferentes intervenientes (municípios, CTT, sociedades privadas...) decidiu-se dar lugar às negociações cidade por cidade. Única certeza: os exploradores das redes deverão ter o estatuto de sociedades de economia mista.

A Televisão por cabo não será estatizada nem municipalizada nem mesmo privatizada, mas será uma mistura subtil dos três géneros. Pragmatismo e liberalização habilmente controlada do audiovisual conduziram a decisões que serão submetidas ao próximo Conselho de Ministros de 30 de Maio (1).

A primeira incerteza era de ordem política. Um ano e meio depois do anúncio entusiasta de um plano de teledistribuição, em Novembro de 1982, ainda se ignorava quem seria encarregado das futuras redes.

Se logo em 1982 se soube que os municípios teriam a iniciativa da colocação dos cabos nas respectivas cidades, e que os CTT teriam a responsabilidade técnica e a propriedade, o estatuto das sociedades locais de exploração (as famosas SLEC) continuava indeterminado. Seria a colectividade local? As regiões? Firms privadas? A pergunta dizia respeito a toda a paisagem audiovisual francesa, e algumas divergências deram origem ao fracasso do precedente comité interministerial, a 8 de Fevereiro.

Desta vez descobriu-se um acordo. Os interessados deverão ter o estatuto de sociedade de

economia mista. O cabo não será 100% privatizado. A teledistribuição francesa não será somente comercial. Interessa em particular a Pierre Mauroy que os presidentes dos SLEC sejam eleitos locais e não homens de negócios. Claro que não se devia agredir uma vez mais as convicções de uma parte da esquerda que apreciava pouco a colaboração puramente «marketing» dada pela Havas a Canal Plus.

Concretamente, será em todo o caso necessário modificar a lei votada em 1983, sobre as sociedades de economia mista (SEM), porque esta impõe, com efeito, uma maioria das colectividades locais no seu capital. Os juristas governamentais deverão elaborar um texto para o próximo Conselho de Ministros, que permita modificar este limiar. Só nessa data se poderá saber com precisão qual a repartição possível do capital dos SLEC entre as colectividades locais, TDF (presente obrigatoriamente para «assegurar o serviço público», isto é, a difusão pelo cabo de TFI, A 2 e FR 3) os outros actores públicos e as sociedades de direito privado.

A segunda série de perguntas de ordem económica dizia respeito ao papel dos CTT: como iria essa administração financiar a colocação dos cabos (sozinha

Na França: A TV por cabo já não depende das incertezas de ordem política

ou em conjunto com os municípios?) e como iria tarifar a locação das redes cuja propriedade é dos exploradores? De resto, onde situar a fronteira entre os

diferentes serviços, os da difusão por cabo de programas de Televisão, e os serviços novos como a visiofonia, a consulta de videotecas, e mesmo a telemática, de que os CTT querem conservar o monopólio?

Aqui, o governo resolveu sem resolver totalmente: financiamento, tarifas e fronteiras são negociadas cidade por cidade. Conserva-se o princípio de um empréstimo reembolsável feito pelos municípios aos CTT, mas o seu montante (antes fixado em 1500 francos por linha), será agora negociável. As tarifas de

locação das linhas dependerão dos serviços que o explorador pretende oferecer. Eles serão objecto de uma comunicação com os CTT, que — e eis a nova ideia — poderão acrescentar as suas receitas com um «interesse» na exploração da rede.

A última dificuldade — e decerto não a menor — diz respeito ao conteúdo dos programas. A mais alta autoridade do áudio visual dará uma autorização de exploração em função de um caderno de encargos bastante maleável. Lang conseguiu que 30% das receitas fossem atribuídas ao financiamento de programas originais. A programação local atingirá um mínimo de 15%. As emissões importadas não ultrapassarão os 30%. No

que diz respeito à emissão de filmes e spots publicitários os SLEC serão submetidos ao direito existente: o «serviço de base» seguirá as regras do serviço público fixados pela lei, enquanto que as cadeias «lucrativas» seguirão o caderno de encargos de Canal Plus. O necessário decreto será publicado o mais depressa possível.

Um início de desordenamento

As decisões tomadas — se forem adoptadas em Conselho de Ministros — vão naturalmente satisfazer a missão — cabo, a alta autoridade e uma parte das colectividades locais. Elas podem, em todo o caso, desagradar, tanto aos eleitos comunistas que desejam obter uma maioria das comunas no capital dos SLEC, como de uma parte da oposição que desejava, pelo contrário, confiar o cabo, em 100% ao sector privado. Mas o principal de tudo é o facto de nenhuma fronteira clara ter sido traçada entre os diferentes tipos de serviço. A evolução dos Estados Unidos, onde vários operadores, depois de um período forte, demonstraram que o cabo de teledistribuição pura não é tão rentável como se julgou. A retransmissão de cadeias clássicas é um «produto útil» mas não vantajoso. O mercado mais remunerador é o dos novos serviços. Os exploradores têm pois o direito de os oferecer... à custa dos CTT.

Para essa administração, as decisões são muito mais importantes do que parecem. Os CTT jogam o seu futuro nisto visto a rede em fibra óptica que vão instalar, deve servir de futuro para a teledistribuição mas também para a telemática e atpara o telefone.

Os exploradores semiprivados do cabo, dedicar-se-ão amanhã ao telefone? O quadro impreciso escolhido pelo Governo permite, quer se queira ou não, fazer a pergunta, isto é, a de um «desenvolvimento» das telecomunicações em França.

Claro que em compensação os CTT obtêm interesses na exploração das redes e saem assim do seu papel tradicional de simples transportador de informação. Eles já o fizeram na telemática mas por intermédio de filiais (Transpac, France lable et Radio, Telesystemes) inteiramente controlados. Desta vez já não serão os únicos mestres a bordo. As novas tecnologias transpõem decididamente as antigas fronteiras. Depois deste acesso aos serviços, os CTT deverão inevitavelmente entrar um dia nos conteúdos: a distinção tradicional conteúdo — continente já não tem sentido. É tempo de reflectir sobre o futuro estatuto dos CTT.

Os empréstimos reembolsáveis entregues pelas colectividades locais 6 que interessam aos CTT que receiam que em caso de gravidade dos cabos, haja afluxo de pedidos — só serviriam pagar os encargos de empréstimos necessários. A dúvida dos CTT, já importante, vai, em todo o caso, aumentar. Essa administração poderá pagar tudo?

Seria preciso avançar e sair da indecisão. Sem dúvida, mas o subtil compromisso governamental deverá ser revisto de futuro, quando a paisagem económica do cabo for esclarecida.

(1) Ao mesmo tempo que o projecto de lei de Fillioud acerca da publicidade nas rádios livres.



Não é indiscreto perguntar quem são os leitores do Sete Ponto Sete

Pelo contrário, é natural que você procure saber quem eles são. Pois bem: os leitores do Sete Ponto Sete têm entre 15 e 24 anos, mas sobretudo têm entre 25 e 34 anos. São sobretudo universitários, jovens quadros e, de uma forma geral, têm da cultura a ideia de que ela não se destina unicamente a preencher tempos livres — embora habitualmente preencham os seus tempos livres com actividades cultu-

rais. Muitos deles têm uma posição política, mas ela não os obriga a uma «regra de vida», a um modelo de consumo ou a uma «visão do Mundo» determinada. Para eles, o Sete Ponto Sete tornou-se a leitura habitual das segundas-feiras. Quem escreve no Sete Ponto Sete sabe que se dirige a um público com estas características. Se você pensa anunciar no Sete Ponto Sete, mais lhe vale saber quem o lê.

doces crónicas

○ AFONSO ERA UM TRABALHADOR CERTINHO, LABORIOSO! MAS HAVIA UM CAMPO EM QUE O AFONSO NÃO ADMITIA RÉPLICA, NEM IDEIAS CONTRÁRIAS: "O FUTEBOL!"



AOS DOMINGOS
IA AO
ESTÁ-
DIO DO
SEU GLO-
RIOSO!



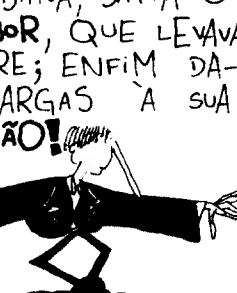
OU ENTÃO IMI-
GRAVA ATÉ
AO ES-
TÁDIO
DO
SEU ADVERSA-
RIO!



○ AFONSO GRI-
TAVA, PULAVA, GESTI-
CULAVA, ACENAVA A
BAN-
DEIRA,
SOLTÁ-
VA O
CACHECOL



ASSOBIAVA, BATIA O
TAMBOR, QUE LEVAVA
SEMPRE; ENFIM DA-
VA LARGAS À SUA
EMOÇÃO!



DE VEZ EM QUAN-
DO O AFONSO
REGRESSAVA FURIO-
SO A CA-
SA!



PARECE QUE ESTOU
A VÊ-LO COM O
NARIZ AVER-
MELHADO!...



...A GRITAR À ESQUINA!

"ANDA UM HOMEM A TRABALHAR UMA SEMANA INTEIRA PARA QUÊ?
PARA QUÊ? SIM PARA QUÊ? PARA CHEGAR AO DOMINGO E VER UMA
CATÁSTROFÊ!? SERMOS ESPOLIADOS DE DOIS PENALTIES POR UM
GATUNO VESTIDO DE PRETO! SÓ ME ARREPENDO DE NÃO LHE TER
ENFIADO O TAMBOR PELA CABEÇA ABAIXO!"
E LÁ IA PARA CASA MALDIZENDO DA SUA VIDA E DA SUA SORTE!



Que acontece aos refugos postais?

Cuecas, dentaduras, floreiras, álbuns da primeira comunhão, medicamentos, cheques e letras são alguns dos objectos que chegam mensalmente aos refugos postais.

Trata-se de embalagens mal executadas ou que não obedecem aos requisitos dos correios para o transporte e entrega de mercadorias.

A última publicação da revista dos CTT/TLP refere que ascende a mais de 19 mil o total de cartas, impressos, revistas e encomendas que chegam, por mês, aos refugos da empresa.

As cartas cujo destinatário não foi encontrado são enviadas para a estação de origem (no caso de não terem remetente) ou ficarão até ao fim do mês seguinte.

No caso de serem registados, quer tenham ou não remetente, todos os objectos postais vão para a estação de origem.

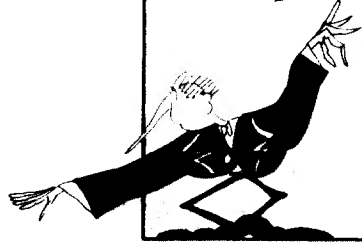
Findo um mês, todas as cartas não levantadas, registadas ou não, seguem para os refugos postais.

Aí ficam de «quarentena» mais sessenta dias ou um ano no caso de registos.

Terminados aqueles períodos, bate-lhes à porta o destino inexorável: uma máquina trituradora reduz as cartas a lixo.

As revistas e livros não aceites pela biblioteca da empresa são envia-

"DOIS PENAL-
TIES"!



das ao fim de sessenta dias para os leilões que se realizam nos meses de Janeiro, Abril, Junho e Outubro.

No que se refere às encomendas, o tratamento não é muito diferente.

As que não são entregues ficam retidas durante um mês na estação de correios da zona do destinatário.

Findo aquele período, são remetidas para os refugos, onde ficam à espera de um próximo leilão.

Os refugos postais avisam entretanto os remetentes referenciados nos endereços (sempre que existam) de que o conteúdo da encomenda vai ser leiloadado.

Idêntico destino calha aos objectos que caem de embalagens ou não obedecem aos requisitos exigidos pelos correios: são igualmente enviados para leilão.

Os quatro empregados dos refugos postais têm, todos os anos, em Dezembro, a «visita» de centenas de missivas endereçadas ao «Pai Natal» e ao «Menino Jesus».

Aniversário da morte de Bobby Sands provoca incidentes na Irlanda

O ataque de ontem de madrugada ao comissariado de Lurgan, condado de Armagh, foi o mais grave dos incidentes registados no Ulster por ocasião do terceiro aniversário da morte do grevista da fome Bobby Sands.

A polícia deteve 14 dos atacantes, mas não deu informações sobre o estado de oito dos seus guardas que ficaram feridos.

Noutros incidentes, grupos de jovens lançaram bombas incendiárias contra a Polícia, que ripostou com balas de plástico, em Strabane, condado de Tyrone, onde foram detidos três dos indivíduos que participaram nesta zona próxima da fronteira com a República da Irlanda.

No bairro ocidental de Belfast, onde vive a grande maioria dos católicos da capital da Irlanda do Norte, uma bomba explodiu num edifício de Monagh Road, no momento em que passava uma patrulha policial, vários autocarros foram sequestrados e patrulhas atacadas com bombas incendiárias.

Destes incidentes resultaram apenas dois feridos ligeiros.

Bobby Sands foi o primeiro dirigente do IRA preso na cadeia de Maze, próximo de Belfast, a morrer após prolongada greve de fome, em 1981, numa tentativa para forçar o Governo de Londres a reconhecer-lhe, e aos seus companheiros encarcerados, o estatuto de «presos políticos».